BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA JORNAIS

MAIO
JUNHO 91

Ano 1
Nº 4

Preço 100$00

A CABRA

Director: José de Albuquerque

EDIÇÃO ESPECIAL

Suplementos

QUEIMA / 91

Depois das Fitas, o rescaldo. O acordar de uma semana cheia de emoções e de olhares perdidos que se cruzam pela última vez, este ano. Quase *portfolio*... O olhar indiscreto d´ "A Cabra".

12 págs.

ÁFRICA

Angola, finalmente a paz! Aproveitando a visita do Dr. Jonas Savimbi à AAC "A Cabra" edita um suplemento onde expressa o pensar dos estudantes africanos sobre este momento histórico.

4 págs.

TEIXEIRA

Desenhos, caricaturas, fotos e alguns textos representam uma pequena homenagem que "A Cabra" quis fazer ao velho "Taxeira". Ao Sr. Raúl dos Reis Carvalheira.

4 págs.

DESPORTO

O Basquete subiu à 1ª Divisão, o Futebol ficou pelas Meias-Finais da Taça, os Desportos Náuticos estão cheios de força.
O Estádio Universitário quer mudar de rosto. Filipe Silva é o representante da AAC na matéria.

8 págs.

Suplementos

ATÉ QUANDO?

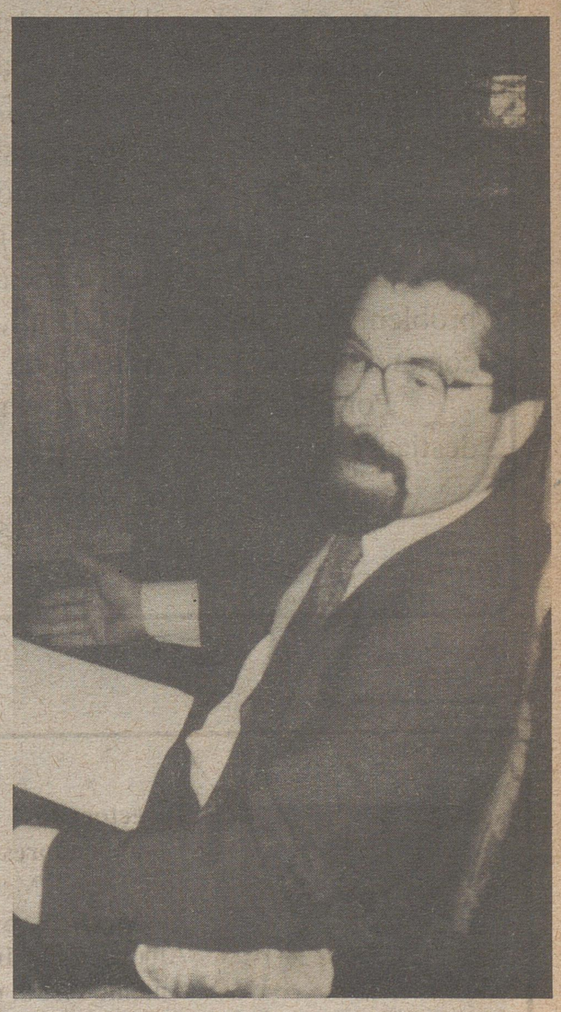
... Seremos coniventes com a exploração desenfreada de "senhorios" ávidos de contos de reis, que aproveitam o vazio da lei e o vazio da vontade para construirem o seu "pé-de-meia" com este negócio da China? Antigamente os "senhorios" eram as velhas da alta que em suas casas albergavam os estudantes, hoje o negócio sofisticou-se e o dito cujo é licenciado, anda de BMW, e tem 5 ou 6 casas por sua conta, com uma média de 10 pessoas por casa, pagando cada uma 15 mil escudos em média. Tudo isto sem descontar para o IVA.

Até quando?



ENTÃO E O GOVERNO?

Dr. Manuel Machado, Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, considera que a investigação da Universidade não pode depender só do investimento privado. Quanto à construção de Residências Universitárias, considera que é preciso que o Governo dote o orçamento dos SSUC do dinheiro necessário. Os Encontros de Fotografia têm importância nacional e como tal compete também ao Governo entregar o dinheiro que prometeu. Em relação ao desporto, as grandes dotações da Câmara vão para a criação de infra-estruturas.



EDITORIAL

Foi há cinco meses que saiu o Nº 0 de "A Cabra". Foi neste mesmo espaço que, então, assumimos o compromisso com a Academia, não só publicar com regularidade mas, antes de mais, garantir a independência e isenção perante todos os focos de poder. Construir um jornal que desse a notícia, mas que não esquecesse a opinião; que estimulasse o debate sem renunciar ao conflito de ideias, ou ao choque de opiniões.

Da Academia recebemos, mês a mês, o aval, sem o qual a primeira fase deste projecto não se poderia agora concluir. Foi a Academia, através do interesse demonstrado, que nos obrigou a duplicar a tiragem logo no segundo número, que nos obrigou a crescer das 24 páginas iniciais para as 52 actuais. Foi a Academia que nos obrigou a manter a porta da Secção aberta, e hoje em vez dos quatro colaboradores que tinhamos em Janeiro contam-se mais de duas dezenas.

Cinco meses foi tempo de aprender, foi o evoluir de um projecto que, longe de se dar por encerrado, constitui um primeiro passo, um pequeno-grande passo, na construção do Jornal da Academia.

Estivemos junto das Faculdades (Direito, Medicina, Letras e FCTUC), das Secções Culturais (RUC, GEFAC, Fado...) e Desportivas (Futebol, Xadrez, Basquetebol...). Não nos coibimos de intervir — de forma crítica e imparcial — nas eleições para os Corpos Gerentes da AAC, bem como agora no levantar do problema da habitação estudantil, que não se resolve contando histórias do António ou do Manel.

Por tudo isto, "A Cabra" é hoje, sem falsas modéstias, o Jornal da Academia.

José de Albuquerque

HISTÓRIAS DA CABRA

António Nunes

Nomes da cultura nacional, como Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Teixeira de Pascoaes, Arnaldo Gama, António Nobre, Afonso Lopes Vieira e Trindade Coelho, celebraram a Cabra, quer em prosa, quer em verso.

Depois de ter findado o toque de recolher nos sinos da Sé e Torre de Almedina (o sino da Torre de Almedina, até fins do século XIX, chamava a cidade à recolha, das 8 às 9 no Inverno e das 9 às10 no Verão), a Cabra passou a reinar incondicionalmente, definitivamente Cabra, depois da geração liberal de 1820 a ter alcunhado de Vaca. Segundo Trindade Coelho, os seus balidos esganiçados de cabra que berra pelos filhos podiam ouvir-se nos arrabaldes, chegando mesmo a Tentúgal.

Em 1864 ocorreu o primeiro Roubo do Badalo (guardado actualmente no Museu Académico). Para obterem um feriado, os estudantes Adolfo Capon, Eduardo Segurado e Eduardo Barreiros, munidos de chave falsa, escalaram a torre durante a noite e surrupiaram o badalo. O episódio vem contado por Trindade Coelho e Mata Carochas.

A Cabra, datada de 1741, rachou no ano de 1899, pelo que se procedeu à sua refundição nas oficinas bracarenses de Rebelo da Silva. No dia 25/10/1900, pelas seis da tarde começou a tocar a Cabra Filho. Os estudantes acharam piada e o poeta Afonso Lopes Veiria, ao tempo estudante, escreveu a Elegia da Cabra.

Chegada a República, a coisa complicou-se e a Cabra foi apodada de reaccionária. A partir de 19 de Outubro de 1910 o pobre do Cabreiro ficava sem ofício. A Academia não foi em cantigas, e logo a 17 de Novembro realizava solenemente o Enterro da Cabra, num bizarro cortejo de rua, com paixão, coro de carpideiras e muita água benta.

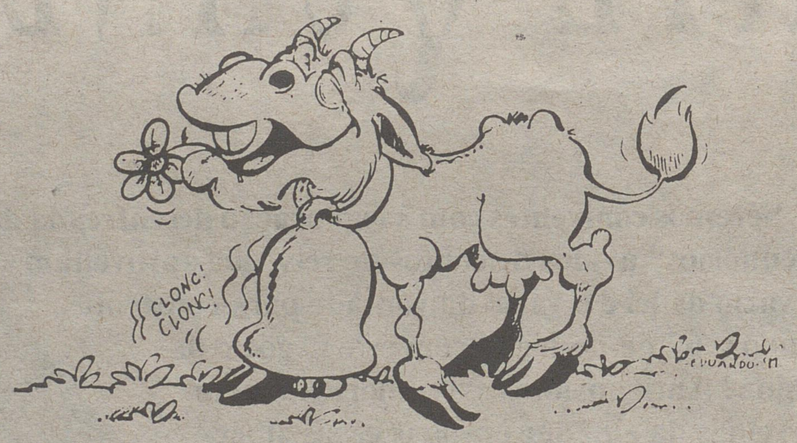
Entretanto, retornada a calmia institucional, e com ela muitas das praxes contestadas, a Cabra voltaria a tocar a 27 de Abril de 1919, na véspera do retorno das férias da Páscoa.

Estamos a 21 de Fevereiro de 1933. Os estudantes da Faculdade de Medicina, membros do C.A.D.C., Alfredo Júnior, Aurelino Gonçalves, Domingos da Costa e Luís da Encarnação desejam ardentemente um feriado. Como obtê-lo? Nessa manhã sobem à Torre e furtam o badalo da dita cuja. Mas, oh azar, o cabreiro não foi na cantiga e tratou de tanger o Cabrão. Adeus feriado. O Badalo foi levado para fora de Coimbra, e após largo exílio na Beira, regressou no dia 23/11/1952, tendo dado entrada no Museu Académico, subindo da Estação Nova aos meandros da Alta em luzidio cortejo.

As desventuras da Cabra não se ficariam por aqui: voltou a rachar no dia 11 de Abril de 1955. Enquanto o Cabrão tentava suprir-lhe as funções, e as oficinas não fundiam a Cabra Nova, eis chegado o ano de 1959 e com ele a apeação da Cabra rachada. Novo enterro da Cabra, em excêntrico cortejo de rua, os estudantes trajados a rigor, uma guarda de honra a imitar o corpo dos archeiros e a dita cuja dentro de um carro. Ficou guardada no Museu Académico, ao tempo instalado no Palácio dos Grilos, depois transitou para as instalações da Praça da República, daí desaparecendo sem deixar rasto.

Onde parará a Cabra, e quem a terá roubado do Museu, tão pesada que era? Diz-se à boca pequena que o Museu Machado de Castro a retém indevidamente... Será mesmo verdade? Para além das dúvidas, o que sabemos mesmo é que o seu lugar é no Museu Académico.

Com letra de António Nobre e música de Francisco Menano, cantaram António Menano e Edmundo de Bettencourt o Fado de Anto: "a cabra da velha torre, meu amor chama por mim, quando um estudante morre, os sinos tocam assim". Nos anos 60, com letra de Afonso Lopes Vieira, cantou Adriano: "a cabra quando badala tem um ar de desengano, parece que diz à gente, cuidado com o fim do ano".



A Cabra continua ainda hoje a sua badalação apesar de ninguém recolher às seis horas. A malta tem-lhe um certo carinho, e chegados os caloiros, nenhum escapa à pergunta: o que é a Cabra? Alguns cismam que é a Torre... para nós, também é um jornal.

A CABRA

Director: José de Albuquerque; **Director-Adjunto:** Teresa Gomes; **Redacção:** António Nunes, João Saraiva, José de Albuquerque, Teresa Gomes; **Colaboradores:** Carlos Ramos, David Cruz, Fausto Silva, Filipe Silva, João de Castro, João Cunha, João Garção, João Paulo N´Ganga, José Alfredo Jacinto, José Diogo, Manuel Marques, Pedro António, Pedro Meneses, Ramiro Correia, Rui Cunha, Rui Fonseca, Sadropé, Tatanka, Xico Mendes; **Repórteres Fotográficos:** Susana Paiva, Teresa Gomes; **Revisão:** Carla Silveira, Pedro Meneses; **Ed. Electrónica:** Carla Silveira, Teresa Gomes; **Grafismo:** José de Albuquerque; **Impressão:** Lousanense; **Tiragem:** 3000 exemplares; **Dept. de Publicidade:** Tel.: 38475; **Redacção e Administração:** Rua Padre António Vieira, nº1; **Propriedade:** Secção de Jornalismo da AAC. **Agradecimentos:** Tó-Zé (CEF); Centro de Informática da AAC.

ONDE JÁ DORMIRAM OS ESTUDANTES

Longe vão os tempos em que el-rei D. Dinis, visando proteger os estudantes, através da Magna Charta Privilegiorum, de 15 de Fevereiro de 1309, preceituava que:

— nenhum morador da cidade de Coimbra fizesse agravo aos estudantes, nem a seus criados.

— que os estudantes pudessem eleger anualmente entre si dois representantes, com o fim de negociarem, com dois homens bons do concelho, os preços de aluguer das casas, sempre que houvesse discordância com as propostas dos proprietários.

— que os senhorios em circunstância alguma pudessem despejar os estudantes, salvo querendo os donos morar nelas, dá-las aos filhos casados ou outros descendentes.

Nesse tempo, o número de estudantes era diminuto, bastando alguns pequenos colégios e quartos de aluguer. No Renascimento, transferida em definitivo a Universidade para Coimbra, e procurando fazer frente ao surto de expansão ocorrido no seio da população académica, além dos quartos particulares e casas de aluguer, proliferaram os Colégios Universitários. Entre 1539 e 1779 fundaram-se em Coimbra 23 colégios, a maioria com sede intramuralhas, definitivamente extintos pelo decreto liberal de 29-5-1834.

No século XVI, por indicação régia, o Reitor tinha em seu poder um caderno de registo com os preços das casas de aluguer para estudantes, de que se guardava uma réplica na Câmara Municipal. Segundo os Estatutos Velhos, os preços eram tabelados por dois taxadores da Universidade e outros dois da Câmara, cabendo o desempate ao Reitor. Perante os preços de aluguer, o Reitor e o estudante interessado escolhiam a casa, consoante as posses do último.

Mandavam os Estatutos de 1598, prevalecentes até à Reforma de 1772, no Título XXXI, que os estudantes pudessem tomar de aluguer, conforme seus privilégios, todas as casas da cidade e arrabaldes. Mesmo que o senhorio tivesse celebrado com terceiros contrato superior a dez anos, este caducava em favor das pessoas da Universidade. Mais à frente estipulava-se que os estudantes não morassem nas casas junto à Praça Velha e Rua da Calçada (Visconde da Luz). Porquê essa interdição? Perigo de proximidade dos prostíbulos? Falta de ambiente para estudar em paz de espírito? Não, evidentemente, não. É que a edilidade local, reunida a 27 de Junho de 1579, decretara que os estudantes não morassem fora das muralhas, dado constituirem um sério perigo para os homens casados.

E dentro de muralhas, era preciso ter compostura: nada de mulheres de má nota a dormitar com estudantes, sob pena de multa agravada e outros castigos aborrecidos.

Como é que viviam os estudantes? Preferencialmente habitavam o Bairro Latino, socorriam-se do serviço das serventes, uma autêntica legião de engomadeiras, lavadeiras, mulheres de limpeza que vinham ao quarto do sr. dr. trazer a comida, fazer a cama, varrer o chão e despejar o penico. Os mais abastados arrendavam ou compravam casa, traziam cavalos e criados da terra, jogavam, serenatavam, cortejavam as freiras, metiam-se em arruaças e estudavam pouco. Depois de 1834, a súbita carência de habitação ditou a emergência das repúblicas, com seus nomes curiosos, aplicados consoante a origem geográfica dos fundadores ou das ruas onde estavam situadas.

Em tais espaços era possível uma vida barata, os colchões de palha estirados sobre tábuas, ou assentes sobre camas de ferro, o lavatório a um canto, cadeira e mesa de estudo, candeeiro de latão amarelo de três bicos, retratos e mocas pelas paredes, e debaixo da cama o penico de barro vidrado. Nas tampas de madeira, colocadas por dentro das janelas de guilhotina, os estudantes, geração após geração iam gravando os nomes, datas e local de origem.

As refeições, para quem não fosse república, tomavam-se nas tascas da Velha Alta, ao longo da segunda metade do século XIX na famosa tasca das Tias Camelas. Aí se devoravam sardinhas quentes, vinho de cangirão, broa e caldo verde, por entre tertúlias irrequietas. De permeio vinham os cantares goliardos, as dissertações e os jogos de mesa.

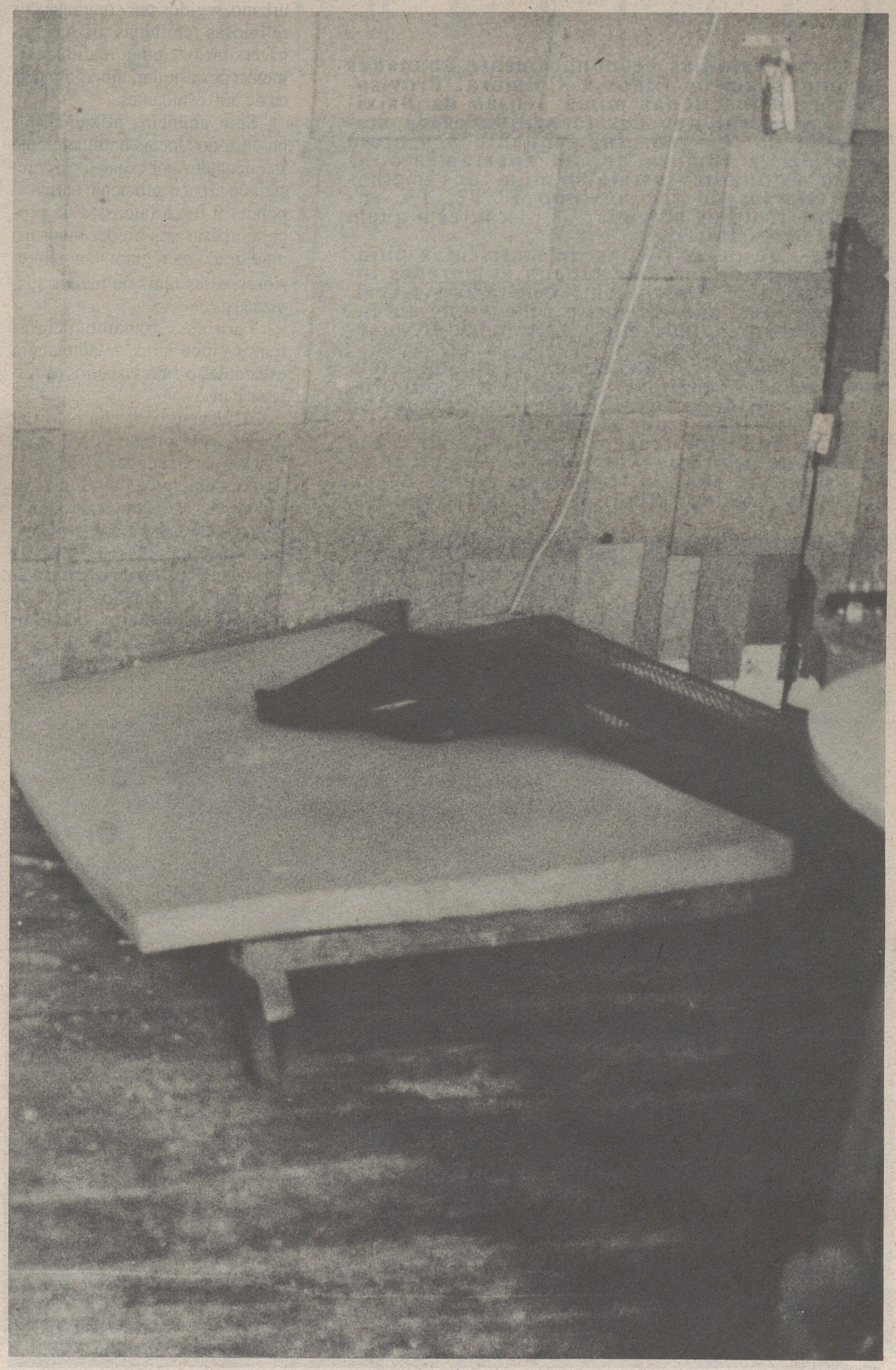
Nos anos 20, Dionísia Camões e outras estudantes do sexo feminino fundavam aquilo a que chamaram jocosamente a "República dos Palácios Confusos". Em 1938, nos Arcos do Jardim, surgia o Lar das Teresianas, e também por essas alturas o Patronato, na Rua da Matemática.

Até cerca de 1970, os quartos particulares, as repúblicas e um ou outro lar ou residência puderam suprir as carências habitacionais estudantis.

Depois de 1971, com a reforma de Veiga Simão, mas sobretudo com a massificação do ensino e explosão demográfica escolar, decorrente de um conceito de escola anti-elitista, chegou a era do apartamento. E com ele a proliferação, sempre tardia e ineficaz, das residências universitárias.

Tempo de comer nas cantinas, em longas bichas de espera. Tempo de abandonar os muros estreitos da Velha Alta, em êxodo para as zonas periféricas da urbe, servidas por autocarro e trólei. Tempo também de especulação desenfreada, alojamento vendido a qualquer preço, a troco de condições por vezes inumanas.

Como proteger os estudantes, ou sindicar a verdadeira e subterrânea indústria de Coimbra? Segundo o Dr. António Luzio Vaz, Vice-Presidente dos Serviços Sociais da Universidade, só a Assembleia da República, através de legislação especial, ainda inexistente, poderá pôr cobro a tais situações.



UMA OUTRA REALID

LARES FEMININOS

Certas famílias economicamente abonadas acompanham os filhos a Coimbra. Provisoriamente instaladas numa pensão da Baixinha, vão tratando das formalidades da matrícula do seu rebento, enquanto procuram negociar a compra de um apartamento. O novo estudante instala-se num dos melhores quartos do seu novinho T1,T2, T3, enquanto trata de arrendar os restantes a quem deles necessitar.

Aos que pelas bichas de matrículas pululam, basta deitar uma olhada às paredes interiores da Filantrópica, Secretaria - Geral, ou Cantinas, para aí encontrarem uma autêntica alavanche poluente de anúncios de quartos.

Que fica na rua de tantos de tal, que tem serventia de cozinha, que fica a 5 minutos da Universidade, que é para rapazes, que é para raparigas, e por aí adiante.

Estes anúncios trazem, implicitamente, um enfião de restrições, no que toca a entradas, consumo de energia, água e telefone. E, sobretudo, nunca falam de lares femininos.



1 — Disseminados no tecido urbano, regidos por congregações religiosas femininas, os lares universitários, uma realidade imensa por estudar, albergam cerca de 500 estudantes.

Sem anúncios afixados nas paredes dos locais habitualmente frequentados por estudantes, carecem de espaço suficiente para responder à força intensiva da procura: apesar dos preços mensais, mau grado os regulamentos interiores, estes mais ou menos suavizados!

Para este trabalho percorremos cinco lares, falámos com estudantes e entrevistámos as responsáveis.

A viagem começou pelo Lar do Sagrado Coração de Maria, no Penedo da Saudade, prédio moderno, com cerca de 40 anos de vida e 84 estudantes. Predominantemente são oriundas da Guarda, Covilhã, Viseu, Castelo Branco e algumas de Lisboa. Não se exige que a candidata seja católica, tal como é explicado na entrevista prévia, em que se faz acompanhar pelos pais.

O sistema de selecção é idêntico para todas as casas: entrevista com os encarregados de educação e candidata, apresentação do regulamento e período para reflectir no assunto.

Os quartos duplos importam em 24. 750$00, e os individuais em 25 mil. Isto dá direito a 3 refeições diárias, ambiente de estudo, televisão, jornais e consumo de energia. A entrada diária é até às 22 horas, podendo haver prolongamento, quando as situações o justifiquem.

O Lar das Teresianas, visitado de seguida, disse ter 53 anos feitos, com início nos Arcos do Jardim. As irmãs foram obrigadas a mudar de território com as demolições ocorridas na Velha Alta.

A entrada é às 22 horas, prolongando-se até às 24 horas aos fins-de-semana. Por um quarto individual paga-se 25 mil, enquanto o duplo custa 23 notas de conto. As alunas, provenientes de todo o país, estudam e tomam as refeições no lar.

O ambiente é austero: autorizações de saídas, só confirmadas pelos pais. A falta de aproveitamento escolar dita o abandono da casa, e a reflexão cristã é ponto assente. Quem fizer rebaldarias, sair sem avisar, ou incomodar as colegas, pois trate de ir arrumando os trapinhos!

A irmã entrevistada forneceu-nos um "ideário" e o "regulamento" interno do lar. A partir das 22 horas exige-se rigoroso silêncio em toda a casa; a aluna deve ser breve ao telefone e pontual, quer às refeições, quer no que respeita às horas de recolher; as saídas além da zona geográfica da cidade implicam aviso prévio à directora; quem pernoitar fora do lar sem autorização dos pais e conhecimento da directora, fica sujeita a expulsão imediata; exige-se que as alunas trajem decentemente no refeitório e salas comuns, por exemplo, não podem envergar pijama, e nada de levar visitas estranhas aos quartos, especialmente se forem machos; fumar dentro de casa, nem pensar! O pagamento da mensalidade ocorre obrigatoriamente até ao dia 8 de cada mês e não há descontos de férias de Natal e Páscoa.

Na Rua Padre António Vieira funciona o Lar de Santa Sofia, com capacidade para albergar 34 estudantes. Por 24 mil escudos de mensalidade, as alunas têm direito a energia eléctrica, banhos, salas de estudo e T.V., lavandaria e actividades lúdicas como as festas dos pais, caloiras e finalistas. Podem dormir fora desde que avisem previamente, e a entrada normal estende-se até às 23 horas.

Nas Doroteias habitam cerca de 60 estudantes, com direito às refeições diárias. Um quarto duplo custa 22 mil escudos e um individual ascende a 25. Quem quiser dormir no sótão paga 17.500$00. A entrada diária faz-se até às 24 horas. E de existência, 50 anos já cá cantam!

Outro lar, deveras curioso, é o da Associação Católica Internacional/Serviço da Juventude Feminina, instalado num velho prédio da Avenida Sá da Bandeira. Alberga 17 universitárias, algumas economicamente carenciadas, pelo que ficam dispensadas da mensalidade. Paga-se 18 notas por mês!

As irmãs responsáveis pelos lares, regra geral, transmitiram uma imagem de liberalidade e abertura de ideias. Algumas fizeram questão em insistir que o Lar visa construir um ambiente cristão, saudável, onde a camaradagem e o diálogo possam ser uma réplica conseguida do ambiente familiar.

"Se alguns problemas internos existem, desde que detectados a tempo e horas, tudo se resolve". As alunas, essas sorriem com ar maroto e acenam com histórias de pasmar, acerca de umas certas colegas que charravam, mais de outras que alta madrugada escalavam as janelas dos andares inferiores com auxílio dos lençóis; e ainda aquele caso de sicrana que ficou embarrigada, dores e mais dores, afinal a ressabiada tinha mas era feito um desmanchozito!

As alunas residentes nos lares arreliam-se muito quando lhes chamam "as meninas do lar", ou lhes perguntam "se vão para freiras". Segundo testemunho prestado por uma estudante entrevistada, será por estas e por outras que as colegas fazem das suas, e bem feitas, só para não pensarem que às meninas dos lares não dói a passarinha.

A DE HABITACIONAL

RESIDÊNCIAS

2 — Outra forma de alojamento são as residências universitárias, instituições directamente dependentes dos Serviços Sociais da U. C., com lotação para 640 estudantes.

Situam-se um pouco por toda a cidade, e as mais recentes vão sendo construídas em zonas periféricas. Normalmente tomam a designação da rua onde ficam situadas (João Jacinto, Alpenduradas, Alegria, etc.). Uma, a dos Combatentes, é inteiramente feminina, e a última a ser construída com subsídio Gulbenkian, alberga 100 homens e 100 mulheres.

Excluindo casas como Alegria, Castro Matoso e Bernardo de Albuquerque, nada de quartos individuais.

Mas, tal não evita que se abram excepções a jovens casais, como garante o Dr. Luzio Vaz, ou se alberguem deficientes motores, uma vez que a Santos Rocha está preparada para a última das situações indicadas.

O estudante residente tem de ser bolseiro. No início da cada ano, após concorrer a benefícios sociais, se aprovado, vai a entrevista, pega nas malinhas e em frente é que é caminho. Nas residências habitam estudantes africanos, madeirenses e açoreanos, mediante protocolo e ainda alguns estrangeiros em intercâmbio.

A mensalidade atém-se a 4.500$00, com direito a limpeza, roupa de cama lavada, cozinha, televisão, energia eléctrica e água. As entradas são livres, cada estudante possui uma chave da porta principal e não há restrições nesse campo. Nestas ca-sas a sexualidade é encarada e assumida como um acto normal, embora alguns estudantes se queixem de que os Serviços Sociais não colocam máquinas de preservativos nas casas de banho, tal como sucede na Alemanha...

Nos últimos dez anos o Bloco D da João Jacinto foi um caso paradigmático do dinamismo, capacidade organizativa e reivindicativa. Alguns dos seus residentes foram conhecidas figuras do meio académico.

Ainda hoje se continua a discutir o que é o estudante bolseiro-residente, e qual o seu perfil. Enquanto alguns estudantes defendem uma imagem de pobreza, dizendo que o residente deve vestir mal, não possuir material electrónico, como leitor de cassetes, ou bens essenciais como uma máquina de escrever ou um computador, o Dr. Luzio Vaz contrapõe, afirmando que bolseiro-residente não pode ser sinónimo de estudante pedinte!

Condição essencial para permanecer numa residência dos Serviços Sociais é o aproveitamento escolar. Um ano chumbado, ainda vá que não vá, mas venha o atestado médico e mais umas justificações; agora mais que isso, toca de fazer a trouxa e abalar!

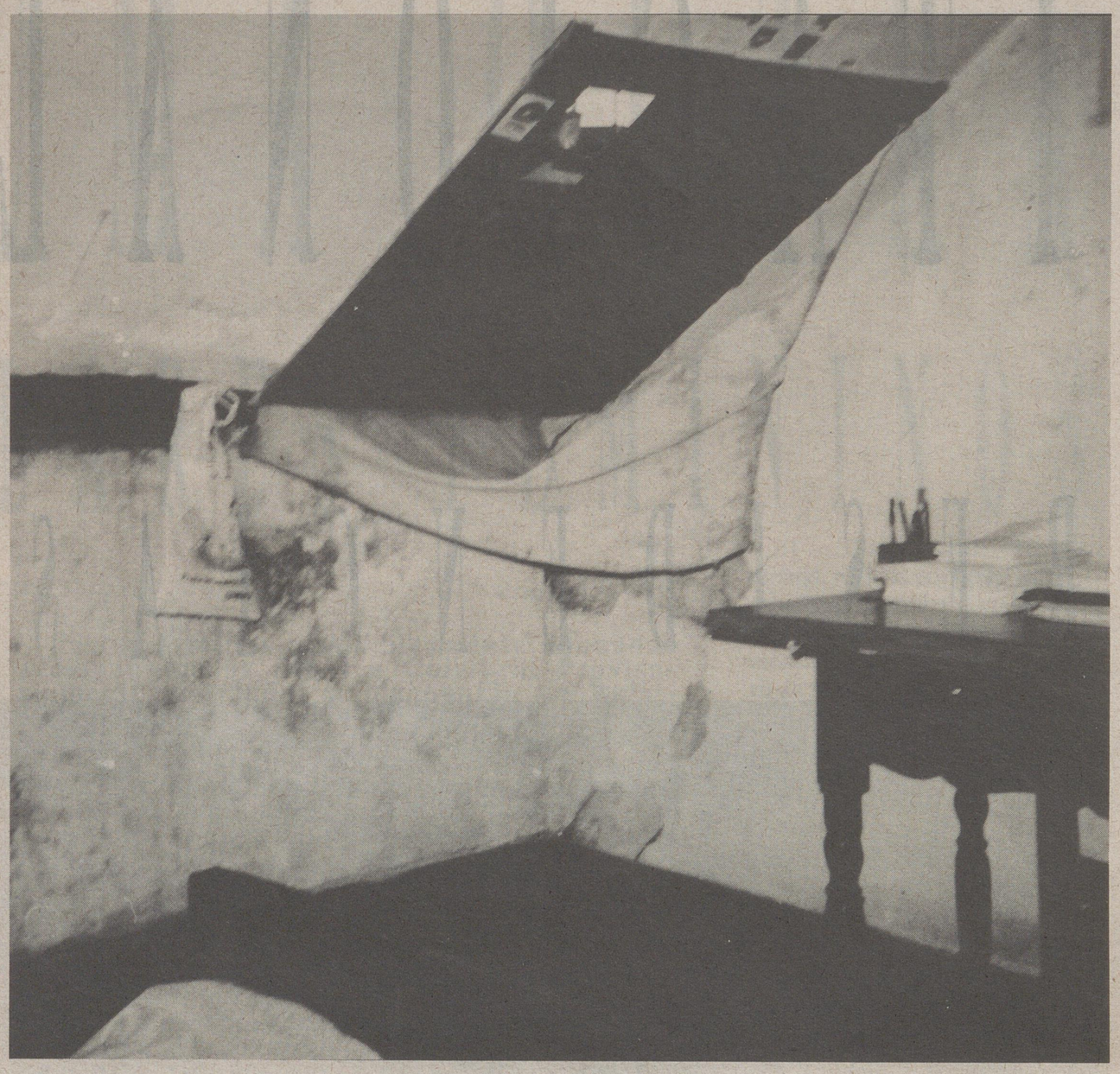
Muitos bolseiros vivem em condições precárias: só podem retornar a casa nas férias do Natal, ou do Verão, e outros têm de Coimbra anos seguidos. É o que sucede com alguns açoreanos e africanos. Alguns vivem só da bolsa, e vêem-se gregos, regrando para os livros, alimentação, alojamento, uns lanches extra e uma ou outra diversão de fim-de-semana.

Situações preocupantes, que regra geral redundam em não aproveitamento escolar, desorientação psicológica, e claro, uma ficha pessoal repleta de visitas ao psiquiatra.

As assistentes sociais preocupam-se com estas situações, até porque, actualmente, certos estudantes são casos de reabilitação, mas o fulcro da questão, aliás levantada em anteriores Jornadas de Acção Social Escolar, continua a exigir uma resposta mais adequada. Os Serviços Sociais albergam muito menos de metade dos seus bolseiros.

Neste momento pensa-se na construção de novas residências, sobretudo na zona do Pólo II. A tendência é torná-las espaços autónomos, supervisionados pelos Serviços Sociais, com gestão de verbas, serviço de cozinha, limpeza, lavandaria e parque desportivo.





DEFENDE-TE!

Todos o sabemos.

Os senhorios abusam.

Pretende-se com este texto demonstrar que isso não é uma fatalidade, não é a ordem natural das coi sas e pode ser alterado. Pressuposto é não se deixar intimidar, não aceitar passivamente toda e qualquer acção dos senhorios.

O primeiro ponto a saber é que, legalmente, o contrato de hospedagem, tal como é praticado entre nós, não concede qualquer direito ao hóspede. Juridicamente, o contrato de hospedagem ou albergaria, consiste num contrato inominado, não previsto no Código Civil, misto de contrato de arrendamento, verifica-se a cedência do gozo de um espaço, e de contrato de prestação de serviços, o senhorio obriga-se a prestar certos serviços, *maxime*, a limpeza do quarto. É, portanto, um contrato *inventado* pelas partes que são livres de inserir no contrato as cláusulas que lhes aprouver, válido aqui é o que os contratantes acordarem. Vigora, pois, em pleno, o princípio da liberdade contratual.

Em termos práticos, isto vem significar que as partes podem combinar tudo, que a forma contratual é livre e, acima de tudo, que o contrato pode ser resolvido, extinguido, por qualquer das partes em qualquer momento, isto caso nada haja sido estipulado em contrário.

Passando para a nossa realidade, é sabido, que este género de contrato é quase sempre celebrado verbalmente, nunca se estipulando nem a duração do contrato, nem quais as obrigações do senhorio. Ora, a partir do momento em que não se define previamente o termo do contrato o senhorio é livre de despejar o hóspede quando e nos termos que muito bem lhe apetecer. Pior, mesmo quando algo haja sido combinado verbalmente, é, na prática impossível de provar em tribunal dadas as falhas naturais da prova testemunhal, seria a palavra de um contra a do outro.

Um exemplo para melhor compreensão. Imagine-se que numa determinada casa falta a água. Se bem que o senhoria se encontra naturalmente obrigado a garanti-la, assiste ao hóspede o direito de mover uma acção em tribunal, que será até extremamente rápida caso se recorra ao expediente dos procedimentos cautelares, acção essa que certamente obrigará o senhorio ao restabelecimento a água. Só que, a partir do momento em que essa acção seja proposta, o senhorio imediatamente irá despejar o hóspede.

Explicitada a situação, põe-se agora a questão: que defesas, que fazer?

A melhor e mais eficiente defesa seria sem dúvida o redigir dum contrato, muito simples, como o que abaixo vem proposto, em que se estabeleça o termo do contrato, bem como os direitos e obrigações de cada parte.

Outra hipóteseconsiste na chantagem pura e simples, caso não saiba o art. do Código Civil proibe a hospedagem de mais de 3 pessoas. Na vida real isto significa que mais de três pessoas numa casa em que habite simultaneamente o senhorio implica mudança de regime fiscal, razão pela qual os senhorios tanto temem os fiscais das Finanças. Ora, em conversa com a Delegação Regional do Ministério das Finanças apurámos que os serviços só actuam quando existe uma denúncia, que pode até ser anónima. Ora, está visto que quando exista uma situação de conflito com o senhorio bastará, em princípio, acenar com o espectro das Finanças para que este rapidamente reveja a sua posição já que ninguém está interessado em pagar os impostos a que consegue fugir. É a velha arma do esqueleto no armário, não é bonito mas dá resultados seguros.

A legalidade ou o risco: a escolha é pessoal. A primeira tem a vantagem de prevenir conflitos e garantir, graças ao efeito psicológico do *escrito* uma estabilidade que dificilmente poderá ser quebrada; a segunda pode valer como último recurso mas não é de menosprezar. É uma opção!

CONTRATO TIPO

Coimbra ... De ... De 1991

(A) ... (identificação), compromete-se a ceder o gozo do espaço do quarto ..., situado no andar ..., do nº ..., da rua ..., a (B) ... (identificação) em troca da contra-prestação mensal de ..., sujeita a aumentos anuais, no máximo de 10%.

Juntamente com o gozo do quarto compromete-se ainda (A) a garantir a limpeza do mesmo, a água, a luz e o uso regular da casa de banho, não estando nenhum destes bens sujeito a qualquer limitação, e considerando-se já incluídos na contra-prestação.

Ass. (A)...
Ass. (B)...

FICHA TÉCNICA

Texto: António Nunes
João Saraiva
José de Albuquerque
Fotos: Susana Paiva
António Nunes

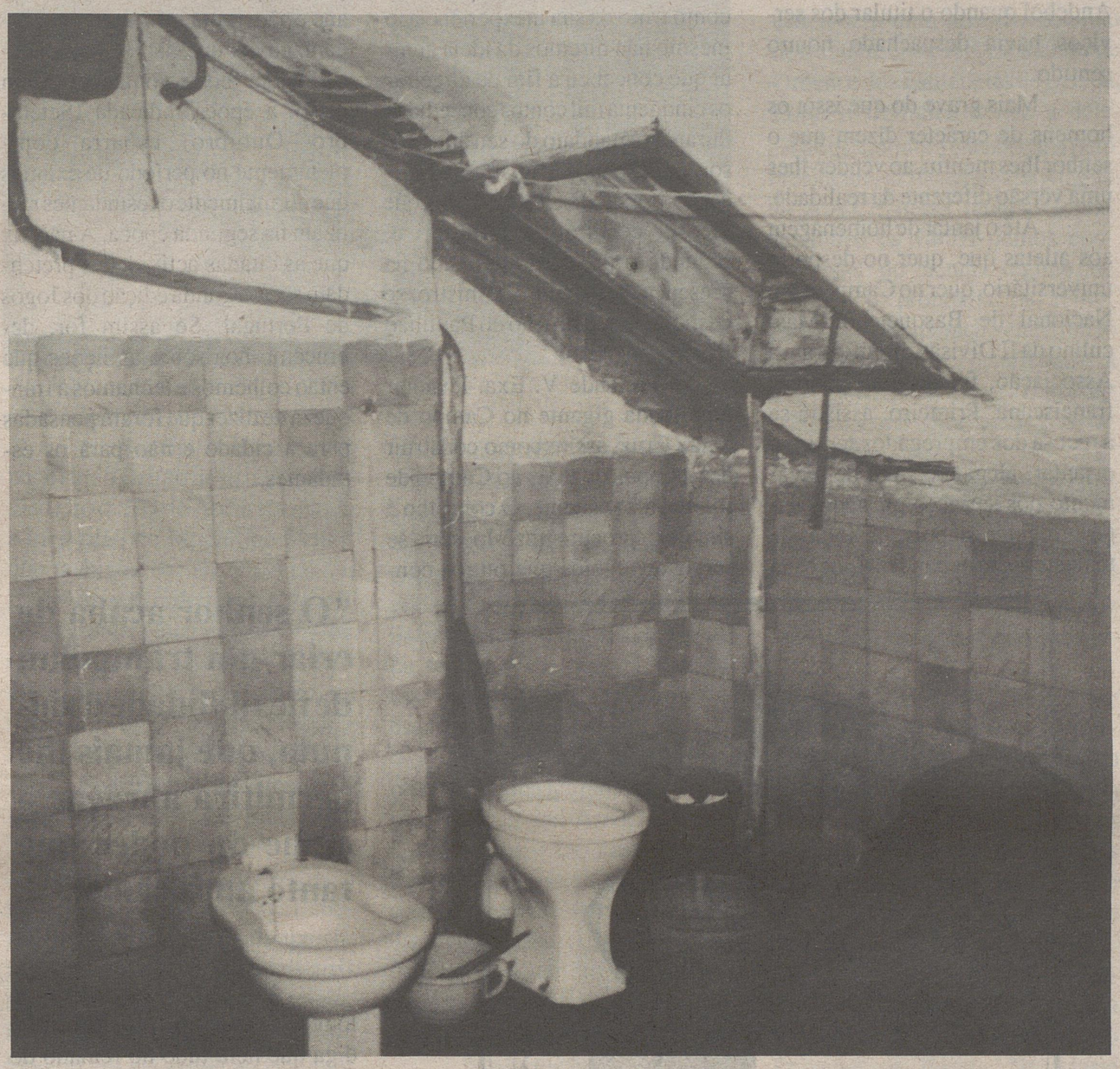
Atenção!!

Caso pretendas ter acesso ao Supermercado dos Serviços Sociais com 60% de desconto, tal como acontece com as Repúblicas, basta um requerimento escrito ao Dr. Luzio Vaz/Abastecimento.

Não é necessário mais do que habitar uma casa sem senhorio. Neste momento já há Residências Universitárias, como por exemplo a Casa de S. Tomé e Príncipe a comer em casa a preços sociais.

Os Serviços Sociais podem também conceder apoio material: equipamento de cozinha e as obras que se reputem necessárias, embora esta concessão esteja sujeita a análise caso a caso.

SOLUÇÕES?!



SÉ VELHA—PORQUE NÃO...?

Sé Velha, pobre, degradada, condições de vida infra-humanas, very very tipicole com ou semcapas negras.

Porque não, aproveitar este conjunto patrimonial único dando-lhe simultaneamente um uso social a exemplo do que aconteceu em alguns centros históricos da Europa dita civilizada, nomeadamente em França e na Holanda?

O sistema utilizado foi relativamente simples. Um imóvel encontra-se degradado. Posto isto, a Câmara ameaça o seu proprietário com a expropriação caso este não realize as obras de recuperação que se imponham, pode-se então dar uma de duas situações. Ou o proprietário realiza as obras e ficamos todos agradecidos, ou não as realiza e a Câmara expropria o edifício a preços de matriz que, como é sabido, em regra são baixos. Uma vez expropriado o prédio, caberá então à edilidade efectuar as obras que se reputem necessárias, optando posteriormente quer pelo leilão em hasta pública, a preços de mercado, quer pelo seu arrendamento directo praticando lado a lado preços sociais, para os antigos arrendatários, como preços de mercado.

Não se diga que os meios financeiros estão fora do alcance da autarquia, pois a primeira das hipóteses avançadas paga-se por si ainda que recorrendo ao crédito bancário e, no segundo caso, caso não se caia na tentação da habitação social e no eleitoralismo do congelamento das rendas, os activos empenhados serão recuperados no longo prazo.

Apresenta esta solução diversas vantagens, permite ao poder local influir no mercado imobiliário, consequentemente na especulação neste existente, e acima de tudo dá a possibilidade à Câmara de conformar socialmente o tecido urbano de uma zona tão importante como a Sé Velha, mantendo lado a lado habitação de luxo e social, os estudantes e os futricas, os velhos da Sé e as tradições de que são depositários, junto com novas classes em ascenção social. Tudo isto fora o aspecto evidente da recuperação patrimonial

Condição prévia: não ter um espírito imobilista.

E afinal, porquê ter medo do Estado?

O QUE PENSA O VICE PRESIDENTE DOS SSUC

As condições são más e preocupantes. Não existem estruturas em Coimbra para solucionar isto, verifica-se uma especulação desenfreada a nível de alojamento. O estudante que vem a Coimbra tem que ter quarto para habitar, é uma procura certa, e os que têm habitação para oferta manobram os preços. Não há sequer fiscalização! Cada familia pode ter apenas três estudantes a habitar em sua casa, só sendo mais de três é que as finanças actuam e o preço é o que o senhorio quiser, é terrivelmente especulativo.

A nível de alimentação como as estruturas cresceram, a concorrência é maior e os preços não sobem tanto. Na habitação, a oferta não cresceu. Os SSUC têm apenas 650 lugares o que representa apenas 4% do parque habitacional. Apesar de tudo, foram aumentados subs-tancialmente no meu mandato. Nos últimos três anos abriram-se duas residên-cias universitárias, uma para cem e outra para duzentos e quarenta estudantes.

As Repúblicas não são suficientes e há dificuldades por parte dos senhorios em as deixar constituir. Os apartamentos, que são hoje a solução mais procurada, sofrem também oposição por parte dos senhorios que receiam que os estudantes nunca mais de lá saiam.

A solução para estes problemas passaria, a meu ver, por um controle quer ca-marário, quer fiscal. Deviam existir preços tabelados em função de diversos factores: condições do quarto, situação, etc. O governo deve tomar medidas, discutir o problema a nível nacional, agora a nível regional podia-se reconstituir as casas abandonadas. Neste sentido, intenta-se uma acção conjugada da C.M.C., do Governo Civil e dos SSUC para a restauração das casas abandonadas da Alta Coimbrã, para aí se proceder ao alojamento de estudantes. Foram já enviadas cartas a todas as câmaras do país para que colaborem na reestruturação da Alta através de um protocolo com os SSUC. Cada câmara daria um montante por cada estudante que para cá mandasse e os Serviços Sociais garantiriam alojamento e bolsa de estudo a esse estudante durante cinco anos, ou seja: a Câmara Municipal de Alcobaça, por exemplo, instituía um prémio para os dois alunos do concelho e dava o prémio aos SSUC, mil contos por cada um, com estes dois mil contos a juntar aos de outras autarquias já se podia comprar uma casa. Os Serviços Sociais em contrapartida garantiam o alojamento e a bolsa, pagando assim em várias prestações aquilo que as câmaras tinham adiantado de inicio. Pretende este sistema, tão só possibilitar aos SSUC a liquidez financeira suficiente para investir em habitação.

Algumas câmaras já nos responderam, mas estamos a encontrar dificuldades. No entanto, a ideia está a andar.

Quanto ao futuro, além deste projecto, está prevista a construção, no Pólo II, de Residências Universitárias para 1500 estudantes. Até lá, vamos tentar comprar algumas casas com verbas do PIDAC. Não há dinheiro para construir de novo, mas vamos tentar comprar algumas casas antigas o que sempre contribuirá para uma maior oferta.

E, claro que vamos continuar a apoiar as Repúblicas, que temos sempre ajudado o melhor possivel.

Dr. Luzio Vaz — Vice-Presidente dos SSUC — em entrevista concedida a "A CABRA"

AS KALINADAS DE D. BETO

Quem olhar o Dr. José Maria Antunes como um homem ligado exclusivamente ao Futebol, erra por defeito; quem imaginar que a actividade desportiva que oportunamente desenvolveu e em que participou se restringiu ao Futebol, peca por ignorância. Na verdade, foi uma figura nacional que dedicou parte da vida ao fenómeno desportivo.

Assim o sentem os homens do Rugby, modalidade que introduziu na Associação Académica, ao homenagearem-no no ano em que quase tudo se compra, vende e estraga nos recintos desportivos. Infelizmente o Príncipe da Ética Desportiva, como então lhe chamaram, não teve oportunidade de assistir em vida à realização do XII Torneio de Veteranos, que a malta lhe dedicou. Mas a oportunidade que o seu nome então gerou, acaba por motivar a reflexão de comportamentos e obrigações que os dirigentes associativos deverão assumir quando representantes de uma Associação que se diz de estudantes da Academia de Coimbra.

Concretizo. Decidiu a Direcção Geral mandar dizer missa por sufrágio e em memória de feriado, atitude que certamente procurou distinguir mais um homem que nesta cidade descobriu valores para além da efemeridade do canudo. Certo. Só que os gestos terão de acompanhar o andamento das ideias, coisa que não aconteceu.

Não é admissível que o acontecimento registasse a presença de doze pessoas, a última das quais o representante da Direcção-Geral, o qual marcou o espanto dos presentes com a pressa com que chegou e o atraso com que vinha.

Todavia a 25 de Maio, data da homenagem, a cena repete-se. No descerramento da lápide ao homenageado vêem-se familiares, amigos, desportistas anónimos e as quatro equipas de veteranos que participam no torneio. O sol é intenso e sufocante. Sem arredar pé, centena e meia de presentes ovacionam as palavras e a pedra que regista. Meia hora depois, talvez ainda sob os efeitos dos suporíferos que ingerira durante a noite, o senhor Presidente Fernando Guerra chega sem expressão e sem brilho. Se pretendeu aproveitar o momento para introduzir os trinta minutos académicos em detrimento do tradicional quarto-de-hora, não escolheu pior altura. Mas se os atrasos já mencionados definem o desleixo ou a leviandade com que encarou as situações expressas, certamente que tudo se complica.

Se assim foi, cometeu vários erros. Protocolares, associativos e políticos, ao ignorar os compromissos assumidos publicamente, ao esquecer as razões que originaram e sustentam a Associação Académica de Coimbra.

Senhor Presidente, as suas intervenções não poderão restringir-se à angariação de fundos, resumir-se à tomada de posse e preparar o encerramento do mandato com três ou quatro organizações espalhafatosas, procurando afirmar as (in)capacidades e atitudes a que nos habituou no último mandato em que participou como elemento da Direcção-Geral. Por outras palavras: piscar o olho a três ou quatro microfones da Comunicação Social, sorrir a outros tantos profissionais da imprensa, apertar a mão a alguns membros do Governo, namorar o Reitor e mostrar, num ano, três meses de uma azáfama fugaz, ao tentar criar uma imagem tão intensa como falsa na retina dos eleitores. O senhor acaba de criar um trampolim de flexibilidade diminuta que jamais lhe permitirá abraçar o cume do poder que tanto ambiciona.

O Número Um em qualquer lugar, é o chefe que prepara uma equipa de trabalho constituída por todos os sectores que orientam a vida associativa, cada um dos quais com um responsável que não pode nem deve substituir, como acontece.

Que o senhor participe em actos públicos, como por exemplo o último organizado pelo F.A.O.I., que sem ser convidado corra para uma taça e a entregue a um dos participantes no encontro que se disputava, mostra descaramento; agora que o senhor se imiscua nos assuntos que cabem resolver aos responsáveis dos respectivos pelouros, sem sequer lhes dar conhecimento, é grave.

Repare: as secções culturais e desportivas deveriam ser recebidas por si, no mínimo na presença dos responsáveis das respectivas tutelas; não faz parte da ética mentir aos seus colaboradores ou fazer letra morta dos regulamentos existentes; lembro-lhe, a título de exemplo, a grande barraca que o senhor arranjou ao autorizar a cedência do autocarro à secção de Andebol quando o titular dos serviços havia despachado noutro sentido.

Mais grave do que isso: os homens de carácter dizem que o senhor lhes mentiu, ao vender-lhes uma versão diferente da realidade.

Até o jantar de homenagem aos atletas que, quer no desporto universitário, quer no Campeonato Nacional de Basquetebol Masculino da II Divisão dignificaram a Associação, foi de uma pobreza franciscana. Primeiro, assistiu-se à recusa dos empregados servirem o jantar, alegando falta de pagamento dos serviços prestados anteriormente; depois, à falta de toalhetes para as bandejas que cada



um transportava em sistema de self-service. Finalmente, o Ano 1 do Desporto Universitário, como o senhor lhe chamou na tomada de posse, não deixa de ser uma invenção ou mais um *bluff* dos tantos que começamos a presenciar timidamente envolvidos na sua cartola esburacada.

Ficámos a saber que o Desporto Federado merece mais consideração do que o praticado pelos universitários, já que V. Exa. o privilegiou: quer no discurso que fez, quer na cerimónia da entrega de taças que os capitães das equipas fizeram à Direcção-Geral. Os basquetebolistas federados foram os últimos a fazê-lo, em detrimento do Andebol (masculino), Basquetebol (masculino e feminino), Remo (masculino) e Volei (feminino) universitários. E afinal, senhor Presidente, estes homens e mulheres superiorizaram-se várias vezes a adversários à partida considerados favoritos.

Mas se aceitarmos tudo isto como fruto da sua inexperiência, o mesmo não diremos da ideia genial que concebeu a fim de aligeirar os cinquenta mil contos concedidos durante o mandato do seu antecessor, pelo senhor Ministro da Educação ao Estádio Universitário, que meteu cerimónia pública e, segundo o protocolo assinado na presença do Primeiro Ministro, se destinará à construção do Pavilhão III.

Pretende V. Exa. levantar uma tenda gigante no Campo de Santa Cruz, assim como construir dez campos de ténis no Campo de futebol ali existente. O conselho é simples: procure fazê-lo sem se servir dos meios que outros conseguiram para outros fins e que mereceram a aprovação de todos. Não diga que o Reitor concorda com a ideia de desviar a quantia indicada, quinze mil contos, porque a mensagem que fez chegar aos gestores do Complexo Desportivo em causa é completamente antagónica à que refere.

Finalmente, uma breve apreciação sobre a realização do acontecimento desportivo que ostenta o nome de Academíadas. Sem procurarmos desincentivar a ideia, crêmo-la desajustada. Aceitamo-la como manifestação desportiva da Academia para a Academia, na procura de mecanismos que levem à maior participação nas actividades associativas por parte dos estudantes. Todavia, não cremos que as "Asas de Portugal", hoje no desemprego por falta de aeronaves, ou os altos torneios de futebol com Atléticos de Madrid e Companhia Lda., alguma vez se possam efectuar. Estas organizações requerem contactos de um ano e não de um mês, máquinas organizativas que não se compadecem com boas vontades. Além disso, a época indicada (Setembro—Outubro) esbarra completamente no período de exames que normalmente os estudantes realizam na segunda época. A não ser que as citadas actividades pretendam ser a segunda edição dos Jogos de Portugal. Se assim for, debrucêmo-nos sobre as lições que então colhemos e tenhamos a franqueza de dizer que foram pensadas para a cidade e não para os estudantes.

"O senhor acaba de criar um trampolim de flexibilidade diminuta, que jamais lhe permitirá abraçar o cume do poder que tanto ambiciona."

A título de conclusão, e em louvor da verdade, é justo que se diga que nem tudo no reinado do senhor Presidente Fernando Guerra se processou uniformemente da forma que descrevemos; isto é, cheio de atrasos e de total desrespeito para com os tempos marcados. A Via Latina, publicação literária da Associação Académica, é o exemplo acabado do que afirmamos, sendo o seu lançamento assegurado na véspera da data prevista.

Certo. Antes de partir para o encontro da Federação Académica de Desporto Universitário nos Açores, o senhor Presidente solicitou à secretária do Reitor a marcação do Palácio de S. Marcos, para o dia 31 de Maio; sem lhe transmitir o motivo da pretensão e comunicar o seu interesse pela presença do Magnífico nesse dia, ficava sem saber que o Prof. Rui Alarcão embarcava nessa data para o Brasil. O resultado todos nós adivinhamos qual foi. Não podemos é dizer que, mais uma vez, chegou atrasado.

Xico Mendes

ESTÁGIOS DE ADVOCACIA
NOVOS DESENVOLVIMENTOS



Na sequência da ocupação pacífica do Centro de Estágio, efectuada no dia 23 de Abril, foi obtida a mediação do Magnífico Reitor, que manteve um encontro com a Bastonária da ordem dos Advogados, durante o qual instou a senhora Bastonária a rever alguns pontos do Regulamento de Estágio, e a retomar o diálogo com os representantes dos Estudantes.

Posteriormente, uma delegação de alunos, chefiada pelo Presidente da Direcção-Geral da A.A.C., foi recebida em audiência pelo Ministro da Justiça, Laborinho Lúcio, demonstrando apreensão quanto ao teor de alguns artigos do Regulamento de Estágio, referindo no entanto, que esta matéria em particular se encontra fora do âmbito das suas competências; garantiu ainda o Ministro da Justiça que o pedido de autorização legislativa feito pelo Governo, para alterar parcialmente os estatutos da Ordem dos Advogados, se destinava apenas a adaptar os estatutos da Ordem à Directiva Comunitária que prevê o acesso ao exercício da advocacia por parte de advogados de outros Estados Membros, não se prevendo no pedido de autorização legislativa a consagração de um exame escrito para os nacionais.

No dia 17 de Maio e após uma atribulada reunião entre os representantes das Associações de Estudantes e o Dr. Laureano dos Santos, que se assumiu pessoalmente como interlocutor junto da Ordem dos Advogados, foi decidido o reatar das negociações entre os Estudantes e a Ordem dos Advogados.

Nesse mesmo dia em reunião tida com a Comissão dos Advogados Estagiários de Lisboa, foi-nos comunicado que os estagiários se encontram na disposição de processar a Ordem dos Advogados, já dispondo para tal de um parecer favorável de um assistente da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

No dia 22 de Maio procedeu-se a uma primeira reunião de trabalho entre representantes de Ordem e dos Estudantes de Lisboa, Porto e Coimbra, sendo a delegação de Coimbra encabeçada pelo Presidente da Assembeleia Magna da A.A.C.; nessa reunião foram debatidos os vários pontos controversos do actual regime de estágio: o problema da remuneração, a equiparação entre faltas justificadas e não justificadas; a não existência de horários pós-laborais e a obrigatoriedade do exame escrito.

Nesta primeira reunião, não se chegou a nenhum resultado definitivo; no entanto o representante da Ordem dos Advogados mostrou-se receptivo quanto a algumas alterações propostas pelos estudantes.

Foi ainda comunicado que a pedido da Ordem dos Advogados, os Governos Regionais da Madeira e dos Açores decidiram prorrogar a duração das bolsas atribuídas aos alunos provenientes das Regiões Autónomas, de modo a estas incluirem os períodos de estágio.

No dia seguinte, a Delegação de Estudantes de Coimbra foi recebida em audiência pelo Provedor de Justiça, Dr. Mário Raposo, que se mostrou sensível quanto a alguns dos pontos apresentados, nomeadamente quanto à questão das faltas e quanto ao problema da remuneração dos advogados-estagiários, pelo menos relativamente aos bolseiros e estagiários de menores capacidades económicas.

Nesse mesmo dia a Delegação dos Estudantes de Coimbra foi recebida pela Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias, perante a qual defendeu a necessidade de se proceder a alterações no Regulamento de Estágio, bem como a necessidade da criação de um Fundo Compensatório destinado a subsidiar os bolseiros, pelo menos durante o primeiro período de estágio.

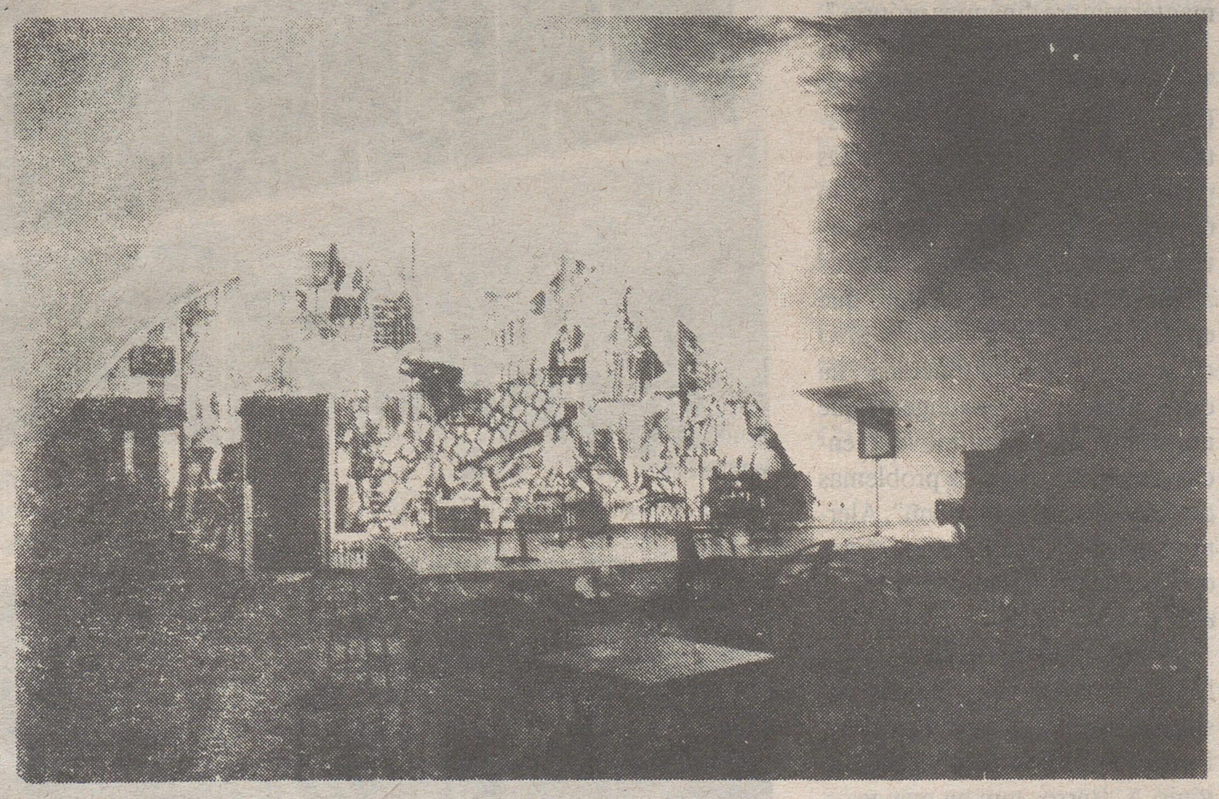
Está marcada para o dia 28 de Maio uma reunião em Coimbra, na qual deverão estar presentes os representantes de todos os estudantes de Direito do País, com o fim de se elaborar uma proposta conjunta de alteração do Regime de Estágio, a ser apresentada na próxima reunião com a Ordem dos Advogados.

Estão já pedidas, à espera de confirmação, audiências ao Ministro da Educação e à Comissão Parlamentar de Educação, nas quais será transmitido o nosso protesto pelo aumento de Universidades privadas em que se lecciona Direito, utilizando o subterfúgio legal das "extensões universitárias".

MANUEL MARQUES

Em reunião efectuada no dia 4 de Junho nas instalações da AAC, na qual estiveram presentes os representantes das Associações de Estudantes de Direito, foi ultimada a proposta de alteração do Regulamento de Estágio, a apresentar à Ordem dos Advogados. Os pontos sobre os quais recaem as propostas de alteração são a eliminação do teste escrito, a alteração do regime de faltas (que passa a considerar as faltas justificadas) e uma maior intervenção e responsabilização do patrono.

LEIA "A CABRA"



DOM Dinis

PENSAR A CULTURA

Antório Augusto Barros: director Artístico do Teatro Académico Gil Vicente, promotor da Bienal Universitária de Coimbra.

Tem um projecto de cultura para Coimbra. O substrato é a *casa universitária* por excelência. Assume o elitismo da Bienal e defende-o como "apenas uma consciência de futuro". Denuncia a falta de cooperação e a rivalidade entre as entidades oficiais, Câmara Municipal, Governo Civil... Tricas políticas. Na sua opinião é a cidade quem perde. Diz que "a cultura, porque pode ser usada, é uma arma perigosa nas mãos dos políticos".

A imagem da sua personalidade corresponde fielmente à ideia que se faz de um homem dessas coisas da cultura: "oculinhos" à intelectual, barba, fala devagar, com modos calmos.

Bom, veio a primeira, a pergunta da praxe: Qual o balanço do trabalho desde que é Director Artístico — "É evidente que é muito cedo, não é?". Se calhar é, está lá só há um trimestre. "É pá, embora eu não me possa considerar... virgem no Gil Vicente, fiz parte de uma comissão que elaborou um relatório para um estatuto pelo qual hoje se rege o Gil Vicente. Fui também representante dos Organismos Autónomos da AAC numa Comissão Directiva." Apresentou um projecto com o qual ganhou o lugar que estava a concurso. Especifica: "Penso que fiz um plano adequado às necessidades. Com 4 ou 5 actos de gestão melhorou-se a rentabilidade da estrutura existente. Porque esta casa precisa de fazer receitas próprias, precisa de chegar ao público e de reencontrar públicos que, de alguma maneira, perdeu.". Fez contas e verificou que só abrir as portas custa 125 contos por dia, por isso alterou a tabela de acesso a espectáculos no Gil Vicente: "Senão estaríamos a fazer uma gestão ruinosa, de falência. Actualizámo-la de modo a que paguem os que podem pagar mais. Por exemplo, não estava correcto que uma Nova Filarmonia que tem o patrocínio de uma empresa que paga uma casa em qualquer lugar viesse cá por uma tabela abaixo do mínimo para as nossas despesas, equivalente à paga por uma secção cultural da AAC, isso não podia ser.". A corroborar esta afirmação soube que já havia determinadas organizações que escolhiam a Sala não por ela ser boa, mas por ser barata. Aquela foi a fórmula encontrada para proporcionar melhores condições aos utilizadores preferenciais do âmbito universitário: "Permite uma certa elasticidade, ou seja, fazemos pagar a uns para podermos dar a outros. De imediato, arrancámos com um programa de apoio à criação cultural, especialmente na Universidade, mas também na comunidade local.". Fala agora com entusiasmo e acredita no sucesso da ideia. "Esta proposta significa um processo de transformação. Quem venha aqui, por exemplo, dos Organismos Autónomos fazer um espectáculo, desde que seja uma estreia absoluta, nós damos mais tempo de montagem, tempo para ensaios, disponibilizamos a nossa equipa técnica e, ainda por cima, pagamos um *cachet* que é simbólico, igual ao mínimo da nossa tabela, isto é 125 contos, mas, pronto, já é uma ajuda, deixam de pagar uma verba que ainda era razoável para o orçamento deles e passam a receber.". E a primeira acção decorreu com o TEUC na peça *Grupo de Vanguarda*, encenada e adaptada por Ricardo Pais a partir de um texto original de Vicente Sanches. Outra das medidas tomadas diz respeito ao cinema. Em exibições de filmes qualificados como de qualidade, a sala está quase às moscas. O público acorre a grandes espectáculos de música, teatro ou dança, com um cariz mais social, mas é pouco cinéfilo, não vem habitualmente. Muito menos que a outras Salas da cidade, isto apesar da duplicação do número de sessões diversificando os horários para chegar a mais gente. O fenómeno é complexo. É que, por outro lado, a filosofia adoptada é a de poucos, mas bons. Para mostrar que se marca a diferença: "Nós não esgrimimos com as mesmas armas que os outros exibidores, não queremos entrar em concorrência absoluta, temos outro público e outras intenções. Não nos importamos de ficar com o lado que não dá lucro, porque tem que haver esse lado. Por isso é que existe um teatro que é, em parte, subsidiado pela Universidade e tem por estatuto responsabilidades culturais. Assumimos que somos uma casa que passa cinema alternativo, que apoia as distribuidoras pequenas e com maior interesse cultural. É a nossa Sala que, em Portugal, mais divulga o cinema português e que, como é reconhecido por especialistas, tem as melhores programações.".

T.A.G.V. — O peso dos 30 anos

O Teatro foi inaugurado há quase 30 anos, em 9 de Setembro de 1961. "Nós aproveitámos essa data para gizar um plano de comemorações que chame a atenção para a situação privilegiada do teatro como gerador de encontros, como potenciador de núcleos de interesse, de possibilidades culturais.".

Um projecto ambicioso

"Eu tenho um plano que julgo que vai dar um abanão grande a Coimbra.", diz A.A.Barros. Um plano orçamentado num número que ronda os 60 mil contos. Megalómano??? Não, até porque a concretização não está agendada para breve: é lá para o final do ano. Bom, e arranjar o dinheiro não deve ser tarefa fácil. Da Reitoria é improvável que pingue mais algum, já que "cumpre bem com as suas responsabilidades". A Reitoria, para além do apoio institucional, normalmente dá cerca de 8 mil contos, aproximadamente cerca de 700 por mês. Nada mau!?

"Isto pode parecer muito, mas quem souber como funciona um Teatro sabe que não. O nosso orçamento anual é de 30 mil contos e, com uma equipa de 22 pessoas, eu acho que fica um Teatro muito barato. Antes não tinhamos quem pegasse no som, não tinhamos um chefe maquinista, precisávamos de uma pessoa só na produção, e eu contratei pessoas para esses lugares. E ainda não estamos apetrechados como gostaríamos. Eu penso que quando o estivermos, tanto ao nível de equipa técnica, como de material, poderemos dar uma resposta mais efectiva e, mesmo, prestar um incentivo a uma actividade estável de núcleos profissionais. Não digo que tenham como sede permanente o Gil Vicente, mas que se organizem autonomamente e, por aqui, podem contar com um ponto de apoio para ensaios, espectáculos...". Até lá, espera conseguir sensibilizar quem possa atribuir subsídios. "O teatro interessa a toda a cidade, à região e ao país. Coimbra situa-se geograficamente a meio. É um ponto crucial numa

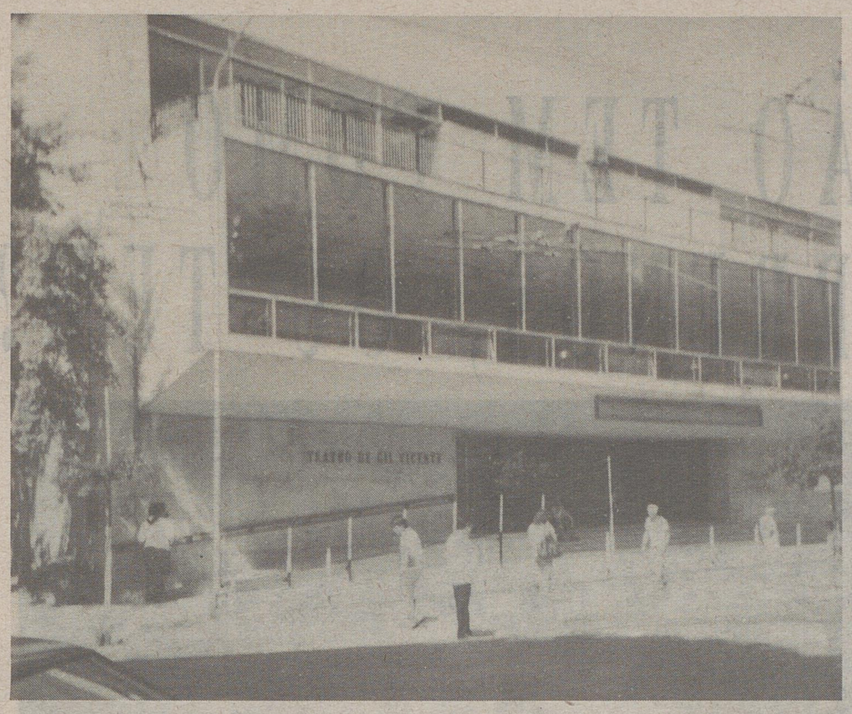
"Eu tenho um plano que julgo que vai dar uma *abanão* grande a Coimbra."

Um programa com cinema, teatro, dança e debates. Setembro e, sobretudo, Outubro, serão os meses fortes. A juntar a isto sairá uma publicação com a história do Gil Vicente. Quanto a contas, esta comemorações vão custar 7.500 contos, nos quais a Reitoria comparticipa com um terço. Este é um programa que resulta totalmente da iniciativa da Casa. "Era necessário um maior protagonismo, ir buscar as coisas, receber sim, mas ter sempre dinâmica própria.".

O Gil Vicente não é um Teatro Velho, mas os 30 já pesam. Está um pouco degradado e constatam-se algumas deficiências. "Os padrões de conforto hoje não são os mesmos, há cadeiras que se partem... É preciso renovar desde as alcatifas até à climatização, que em boa verdade nunca, nem mesmo de início, chegou a funcionar, há erros básicos na montagem, que nunca se resolveram, houve emendas, remendos, mas os problemas de conservação subsistem.". Alerta para as entidades responsáveis do "estado relativamente grave de *desequipamento*".

Só estas obras de remodelação exigem um investimento considerável, mas são uma pequena fracção do projecto global que António A. Barros tem na manga.





digressão de um grande grupo, português ou estrangeiro, em *tournée*.". Está visto que quer inflectir isso de ser só Lisboa e o Porto. Mas pronto, insisti: quis saber como é que vai de materializar este projecto. Ele vem-me com uma conversa que, cá para mim, é mesmo como quem diz (esta é minha, não é dele): "Então, pá, a gente pode falar mal dos políticos, mas por outro lado tem que se lhes piscar o olho e saber pedir.". Ora bem , nem mais. E acrescenta este Senhor da Cultura: "Espero que a Secretaria de Estado da Cultura, a Fundação Gulbenkian, a Câmara Municipal que, geralmente, recorrem a esta estrutura, contribuam para o seu equipamento porque em última análise estarão a investir na sua acção cultural. Não será um investimento a fundo perdido." Ideias não faltam, boas intenções integradas num projecto para insuflar nova vida ao Gil Vicente. A sua proposta revê os *foyers*, já há um esboço em que se abrem os dois átrios de entrada. No átrio do balcão existirá uma programação permanente e o bar abrirá a partir da hora de almoço. "Vai ser uma Casa muito mais aberta, as pessoas podem vir tomar um café, informar-se, ver uma exposição ou uma programação video que passará em consonância com outras iniciativas como a ciclos, colóquios, workshops.

A. A. Barros não concebe que se passem filmes em que não haja folhas informativas com dados sobre o realizador e sobre outros filmes do autor, o seu enquadramento sócio-cultural e até político. Desde que entrou, essas folhas, antes esporádicas, são permanentes. "Não pode haver filme nenhum em que isso falte. A formação do espectador não se faz só vendo.". Lógico! A informação complementar é imprescindível. Muitas vezes, o visionamento completamente desenquadrado pode ser motivo de perplexidade, de incompreensão, mesmo de rejeição. Recordo que não era raro ver espectadores abandonarem a sala a meio do filme...

A missão da Universidade

A Universidade devia servir para ajudar os estudantes a compreender, precisamente, o Universo, o que não tem acontecido como seria de desejar. Apenas a AAC tem tido um papel meritório na formação humana dos universitários. Mas chega a poucos, a uma minoria da população estudantil, e alguns professores com cargos nos Conselhos Directivos e Pedagógicos das Faculdades têm-se mostrado pouco sensíveis a actividades extra-curriculares. Finalmente, os novos Estatutos da Universidade de Coimbra salvaguardam esta importante componente. Para já só está escrito, porque, na prática, quase nada se vê. "Nós, aqui no Gil Vicente, tentamos cumprir o papel que deve caber à Universidade e esta Casa é propriedade universitária.".

Segundo A. A. Barros, quanto mais cedo melhor. "Oferecemo-nos aos núcleos que já existem, por exemplo de teatro, nas Escolas Secundárias, para virem aqui dentro de horários de tarde ou de manhã, fazer coisas gratuitamente e com o apoio da nossa equipa.". Crítica à Academia, que "está a viver em águas muito mortas e a festejar os festejos, a festejar as tradições".

Elitismo da Bienal — uma consciência de futuro

Bienal Universitária de Coimbra (BUC). Acontece de 2 em 2 anos, com programas qualificados como dos melhores a nível da Europa. Mas, há quem diga que a bienal tem sido excessivamente elitista e que isso impede que os preços dos bilhetes sejam mais baratos. E, nesta terra, os convites são muitos e a sala do Gil Vicente é pequena: há muitas pessoas importantes... Ele não discorda: "Mas é muito difícil quando não há empenhamento das entidades oficiais de Coimbra, enquanto não colaborarem, pelo menos para seleccionar as melhores coisas e fazê-las vir a Coimbra os preços têm de ser muito altos. Por exemplo, imaginemos a última grande acção da Bienal: os Penguin Cafe Orchestra é um grupo caro, só lhes compensa vir a Portugal se forem a 3 ou 4 sítios e a Bienal trá-los a Coimbra sabendo que ia dar prejuízo, seja a que preço colocar os bilhetes. Também se exceder determinados limiares, as pessoas não vêm. Portanto, o preço tam que ser razoavelmente acessível mas, claro, não pode ser baixo.". Não se cobriram os custos, teve que se contar com as receitas do Porto e de Lisboa. "Mas foi assumido, porque era um ponto de honra trazer esse espectáculo.". Sobre o conceito de elitismo, assume que é subjectivo, mas é peremptório, não faz concessões: "Eu acho que, se calhar, a Bienal não tem sido tão elitista como devia ser. [Riso] Sou bastante mais radical nesse sentido. O elitismo é seguro se for feito um estudo bem consciente, bem elaborado. Temos discutido muito isso com a Autarquia, e os sucessivos Vereadores do Pelouro da Cultura, com os Ministérios e Secretarias de Estado da Cultura, etc., que não percebem bem esta atitude, mas nós temos persistido teimosamente nessa postura, apresentamos a perspectiva de que em Coimbra existem as condições necessárias para se fazer uma divulgação que só vale a pena se se mostrar as coisas mais interessantes que se vão fazendo. Se não, penso que a Bienal não estaria a cumprir o seu papel e alguém há-de fazê-lo.". Festivais deste género existem por toda a Europa. Em Portugal, só há a BUC por um lado, e o ACARTE por outro, a trabalhar neste domínio. "Era bom que aparecesse mais gente" e acha que melhor ainda seria uma consciencialização dos políticos, mas já lá vamos...

Que política cultural?

A. A. Barros coloca no ar esta questão pertinente.

Na sua opinião não há, e devia haver, uma política cultural concertada. Afirma que as entidades políticas não se entendem e que ultimamente tem existido uma concorrência, com iniciativas paralelas, que, em vez de ser estimuladora, pelo contrário, pode ser prejudicial. Excepção feita, ao menos, à última atitude da Câmara Municipal, que desta feita deu um contributo maior. Refere-se à recente subida à cena do TEUC com *Grupo de Vanguarda*. Faz acusações, diz que há muitos interesses em jogo: manipulação da cultura para proveitos pessoais, que se compram exposições e espectáculos para efeitos de promoção de determinadas pessoas. "Entrou-se num esquema que pode ser perigoso para a cidade. De repente, houve quem se apercebesse de que a cultura é uma coisa rentável, traz prestígio, pode ser utilizada, usada. É uma arma perigosíssima nas mãos dos políticos. Eles entram numa concorrência absurda, inclusivamente pagam por isso, e não é pouco. Até mais do que as pessoas podem pensar. Têm-se feito aí alguns disparates que, se as pessoas conhecessem, punham as mãos à cabeça.". Mas não deu referências precisas nem citou nomes. "Não me cabe essa função!". E continua: "Há uma utilização algo abusiva e pagando muito caro por isso, dando dinheiro por coisas que não merecem. É lamentável que se tenha enveredado por essa via...". Sustenta que deve haver uma estreita colaboração entre todas as instituições que promovem a cultura para tirar Coimbra do que considera "um marasmo". "Agora, o que é que se pode fazer por uma cidade da qual se diz que é preferencialmente cultural? Nós vamos ter nas comemorações dos 30 anos um encontro, precisamente, sob a sigla *Coimbra prioridade à Cultura* pelo nosso lado, aqui no Gil Vicente, começámos já a fazer escolhas sérias e a privilegiar a colaboração com determinadas entidades que estão interessadas em fazer coisas de qualidade.

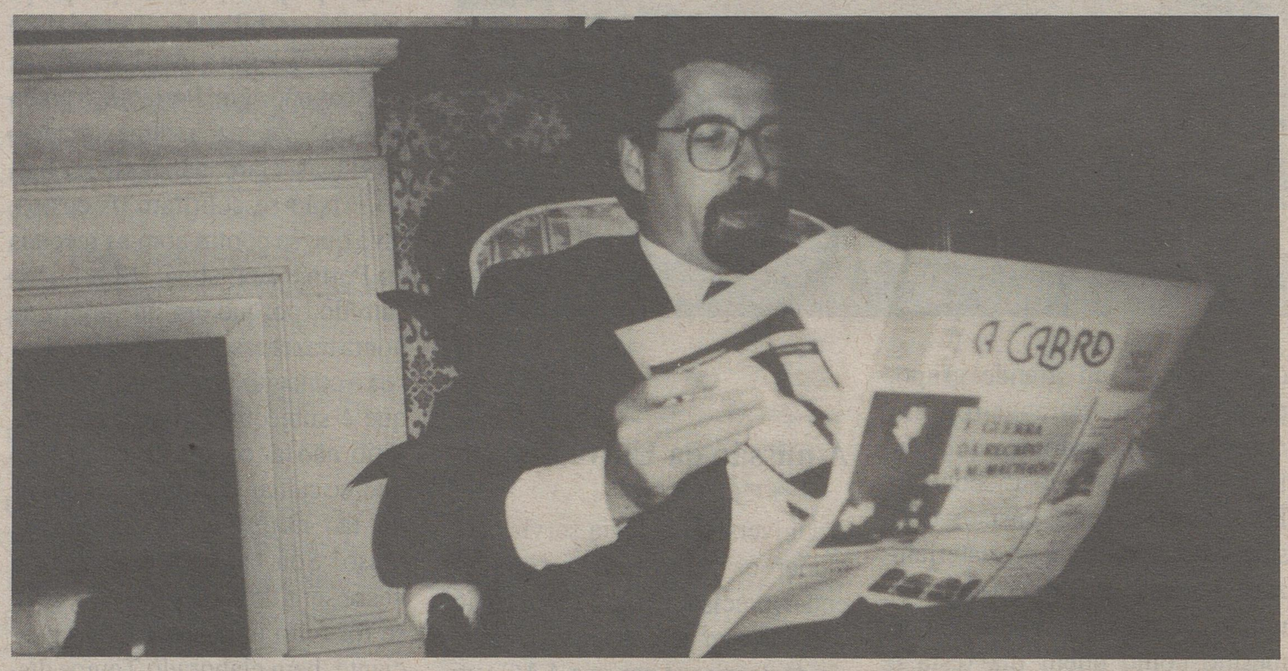
Uma Casa como esta o que pode fazer é potenciar o trabalho que já é bem feito por núcleos muito diferentes. Fala-se dos Encontros de Fotografia da Bienal, mas tem de se falar também no Instituto Alemão, na Casa Alemã, na Alliance Française e, fundamentalmente, temos que conhecer melhor as actividades desses núcleos, devíamos saber os calendários de cada um, trocar experiências e depois ter opções que acautelem o futuro em Coimbra. Por exemplo, não faz sentido nenhum investir milhares em se trazer espectáculos a Coimbra, pura e simplesmente, sem fazer mais nada.". É que não há núcleos autónomos, profissionais, estáveis, de criação artística. "Ora, enquanto isso não existir, esta cidade, não tem carácter cultural, não tem identidade cultural nenhuma. Eh pá! Um organismo estudantil hoje existe, amanhã não. Eu digo que, enquanto não houver uma Orquestra profissional em Coimbra, ainda que seja uma Orquestra de Câmara, enquanto não houver um grupo de teatro totalmente profissional, ou um grupo de dança moderno, esta cidade será sempre um deserto cultural, por melhores espectáculos que traga cá.". Contudo, elogia a edilidade pela ajuda que deu ao TEUC, o que possibilitou a peça *Grupo de Vanguarda*. "O subsídio da Câmara ao TEUC marca uma diferança de actuação relativamente aos últimos anos que pode ser exemplar se for continuada. A vereação estudou muito concretamente o orçamento pedido e verificou que existia um trunfo essencial que era o Ricardo Pais. Ora, para o Ricardo Pais vir encenar uma peça a Coimbra, os honorários dele seriam X e a Câmara subsidiou justamente esses honorários. Desta, a Câmara não atirou com o apoio para cima da Reitoria, do Ministério da Educação ou da Secretaria de Estado da Cultura, como costuma fazer. Assumiu, desta vez, as suas responsabilidades." A. A. Barros critica qualquer divisão que se faça entre a Universidadde e a cidade. A Universidade não deve estar de costas voltadas para a cidade e vice-versa. Num quadro regional, a médio prazo, "ganha toda a região e o desenvolvimento de Coimbra pode ser feito pela aposta na cultura e indústrias culturais, organismos como o TEUC, o GEFAC, o CITAC e outros são da cidade e merecem ser apoiados enquanto tiverem actividades relevantes."

A. A. Barros acrescenta que "a sua política é outra". Politicamente só lhe interessa verdadeiramente o seu "trabalho muito concreto no domínio cultural" e que é esse o seu "contributo parcelar para uma sociedade mais justa".

José Alfredo Jacinto

"A Academia está a viver em águas muito mortas e a festejar os festejos, a festejar as tradições. Isso pode ser importante mas não chega..."

QUE EU SAIBA A AAC NÃO TEM COMO VOCAÇÃO A GESTÃO DE TERRENOS, OU TEM?



Dr. Manuel Machado, antigo associativo, que fez parte dos Corpos Gerentes desta Casa em 75/76, é hoje o Presidente da Câmara Municipal de Coimbra. Não tem uma visão regionalista da Universidade e reconhece que a AAC tem vindo, ao longo dos anos a assumir o papel de legítima defensora dos interesses e preocupações ods estudantes. Não comenta as prescrições porque tal seria, na sua opinião, uma ingerência nos assuntos da Universidade. Confessa que ser Presidente da Câmara implica deixar de dizer algumas coisas que por vezes vão na alma.

"A Cabra": Sr. Presidente, que comentário às recentes declarações de Fernando Guerra a este jornal?

Dr. Manuel Machado: É a opinião do sr. Presidente da AAC e que, como opinião, respeito. A CMC é uma entidade que prossegue diversos fins e tem como destino final procurar o bem estar das pessoas que nela vivem. Nesse todo existe naturalmente a AAC, de que me honra ter sido associativo nos idos 75/76, e conheço relativamente bem as carências, necessidades e aspirações dos membros da AAC. Agora, a CMC tem meios materiais e financeiros limitados. O que se conhece é que a AAC tem grandes aspirações, o que é perfeitamente legítimo e perfeitamente saudável, o que não quer dizer que a CMC e os cofres da Câmara comportem na sua plenitude todas as aspirações da AAC. É então necessário compatibilizar, entre os interesses da CMC, aqueles que também são objectivos da AAC, para os podermos desenvolver. Como os corpos gerentes da AAC só tomaram posse recentemente, iremos ter um encontro para breve.

"A Cabra": Mas a DG/AAC queixa-se da falta de apoio aos seus projectos, bem como às suas secções, quer culturais quer desportivas.

M. Machado: Exemplos... exemplos..., mas quais são os projectos? Vamos lá pegar em casos concretos caso o caso... Aliás, eu queria esclarecer, há na entrevista do sr. Presidente da AAC algumas insuficiências de informação, que eu aliás compreendo, sobre o papel de uma Câmara Municipal — sobre as atribuições e competências da Câmara Municipal relativamente a algumas matérias.

Vejamos um caso: residências de estudantes. Segundo a Lei saída em 84 essa é uma atribuição específica do Ministério da Educação; donde resulta que não compete à Câmara construir as Residências Universitárias. Mesmo assim a CMC tem vindo a incentivar e a apoiar a recuperação de prédios--repúblicas, que se enquadram no nosso objectivo de recuperação da vida no Centro Histórico. Vejam-se os casos da República Bota-Abaixo e da República dos Kagados, cujas casas a CMC comprou, bem como a República Pra-kys--tão. São situações em que, compatibilizados os interesses da AAC e da CMC, as coisas acontecem e resolvem-se.

"A Cabra": Uma vez que falamos da habitação, o Presidente da AAC lamenta o facto de o senhor ter atribuído um terreno, no valor de 40 mil contos, ao OAF para a construção de uma Residência...

M. Machado: O valor foi substancialmente superior.

"A Cabra": Está prevista uma atribuição semelhante à AAC?

M. Machado: Vamos lá ver, a AAC, quanto eu conheço, é uma Associação que tem mais de 30 secções e vários organismos. Entre estes creio que está a OAF, ou estou mal informado? A Académica não faz parte da AAC?!

"A Cabra": Trata-se dum organismo autónomo da AAC.

M. Machado: Ah bom, estamos entendidos.

"A Cabra": Significa isso que ao atribuir um terreno ao OAF...

M. Machado: À Académica, é assim que a cidade entrega. Para a Académica, três lotes de terreno.

"A Cabra": Mas a AAC, entendida como uma Associação de Estudantes, não careceria mais de um terreno para habitação estudantil do que um Organismo de Futebol?...

M. Machado: É claro, mas isso não está em causa.

"A Cabra": ...O que está em causa é que o sr. Presidente atribuiu um terreno ao OAF.

M. Machado: Não fui eu quem atribuiu, foi a Câmara.

"A Cabra": Mas tal não vem ajudar directamente uma Associação de Estudantes como a AAC.

M. Machado: Mas não tinha que ser entregue à AAC. Que eu saiba a AAC não tem como vocação a gestão de terrenos, ou tem? Eu desconheço essa vocação, embora esteja distante. Há meia dúzia de anos não tinha. Quem tem de construir Residências Universitárias, com quem a CMC pode contractualizar localização de Residências Universitárias, é com o Ministro da Educação e com a Universidade de Coimbra. Não estou a ver a AAC a substituir-se quer ao Ministro da Educação, quer à Universidade.

Sem com esta entrevista querer responder às opiniões do sr. Presidente Fernando Guerra, porque não tenho de o fazer, vamos centrar esta discussão no sentido construtivo. A saber: projectos concretos que interessem, de forma comum, à AAC e à CMC, assentar quais são...

"A Cabra": E a Residência Universitária não passa por aí?

M. Machado: Não é um ponto comum, porque entre a AAC e a CMC vai ser interposto o Ministério da Educação.

"A Cabra": Como antigo estudante e como Presidente da Câmara preocupa-o ou não a situação em que vivem os estudantes universitários que vêm de fora de Coimbra?

M. Machado: Preocupa-me muito.

"A Cabra": Prevê alguma solução para este problema, a médio prazo?

"Não estou a ver a AAC a substituir-se, quer ao Ministério da Educação, quer à Universidade."

M. Machado: Têm de ser conjugados esforços da CMC, da AAC e da Universidade para fazer dotar o orçamento dos SSUC do dinheiro necessário à construção de novas Residências. (...) Uma das hipóteses será o Pólo II da Universidade. É um espaço a edificar. Agora não imagino é que exista, já, dinheiro disponível para fazer essas construções.

"A Cabra": Muito apregoado pela Lista D, na recente campanha eleitoral para os Corpos Gerentes da AAC, foi o facto de a CMC não ter autorizado a construção de um novo piso sobre a Cantina Amarela. O que é que na realidade se passou?

M. Machado: Lá se foi explorado ou não, eu não sei — não sou militante associativo. O que eu lhe posso dizer, e posso-lhe dar a acta da Câmara do dia 22/2/91, que tem o seguinte [segue-se a leitura da acta, onde se realça o facto de o executivo ter deliberado por unanimidade indeferir o projecto apresentado pelos SSUC, devido à sua volumetria].

Realmente, o que se passou foi o seguinte: os SSUC apresentaram à Câmara o mesmo projecto que tinha sido apresentado na altura em que foi construída a Cantina Amarela, uma construção ligeira. Eu devo dizer que não gosto daquela construção, e que os SSUC bem como a UC ganhariam em mandar fazer um projecto, não repetindo o que foi anteriormente chumbado, que ocupe aquele espaço de uma forma digna. Um espaço que pode ter as cantinas, bem como um piso de habitação. A Câmara está aberta a negociar, a dialogar sobre isso. Agora todo aquele espaço tem um conjunto harmonioso e há ali uma quebra na estrutura (um *dent* na paisagem). (...) É possível conceber um prédio que, tendo cantina, tenha um espaço coberto para as filas de espera dos estudantes. Eu vejo bichas na Oliveira Matos, com a rapaziada à chuva, e ninguém se preocupa... Se estamos a construir um prédio hoje..., que diabo, as primeiras cantinas foram construí-das nos anos 60 e a rapaziada não está à chuva.

A CMC não eliminou a hipótese de se poder vir a construir naquele espaço. O que a Câmara diz é que este projecto é um caixote e não o queremos ali.

"A Cabra": O sr. Presidente disse no Congresso de Coimbra

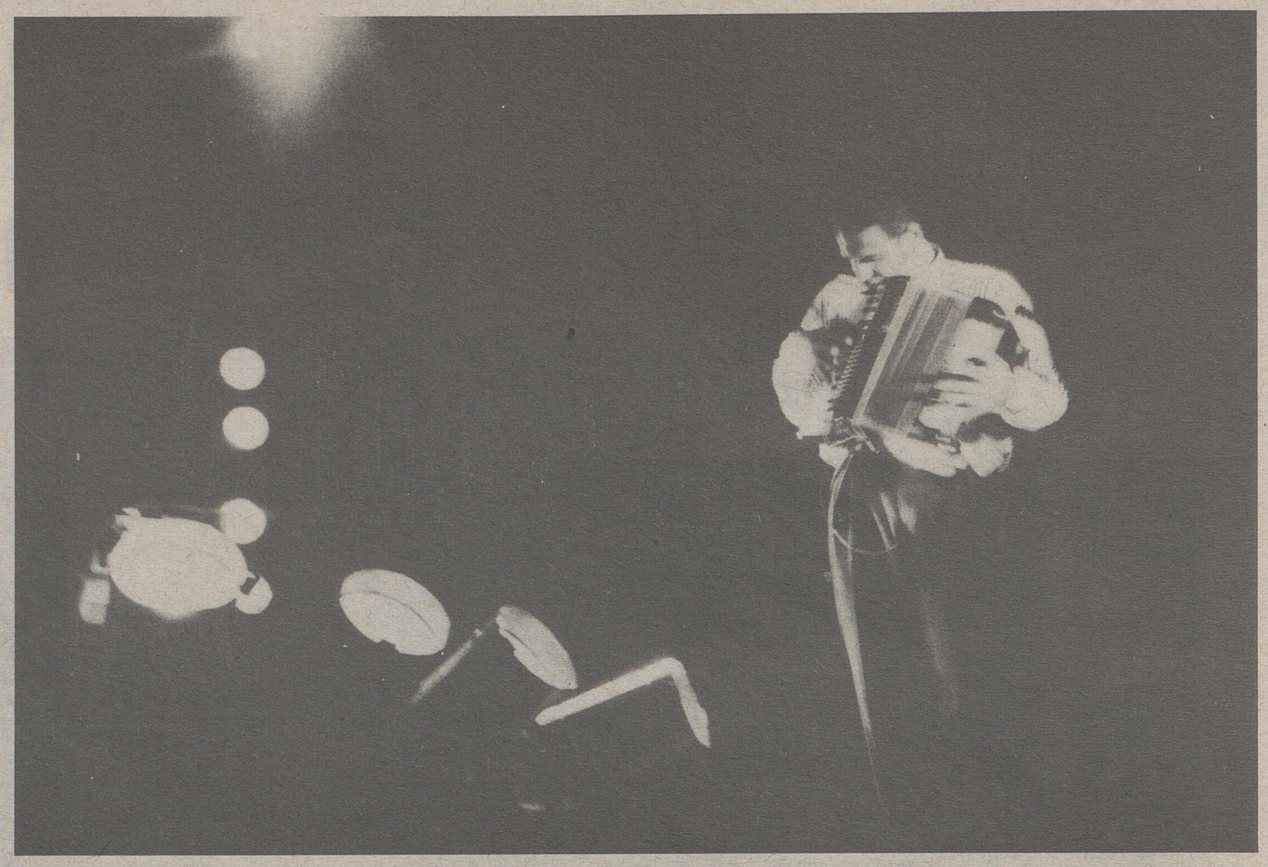
ESTE SUPLEMENTO É PARTE INTEGRANTE DE "A CABRA" Nº4 E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

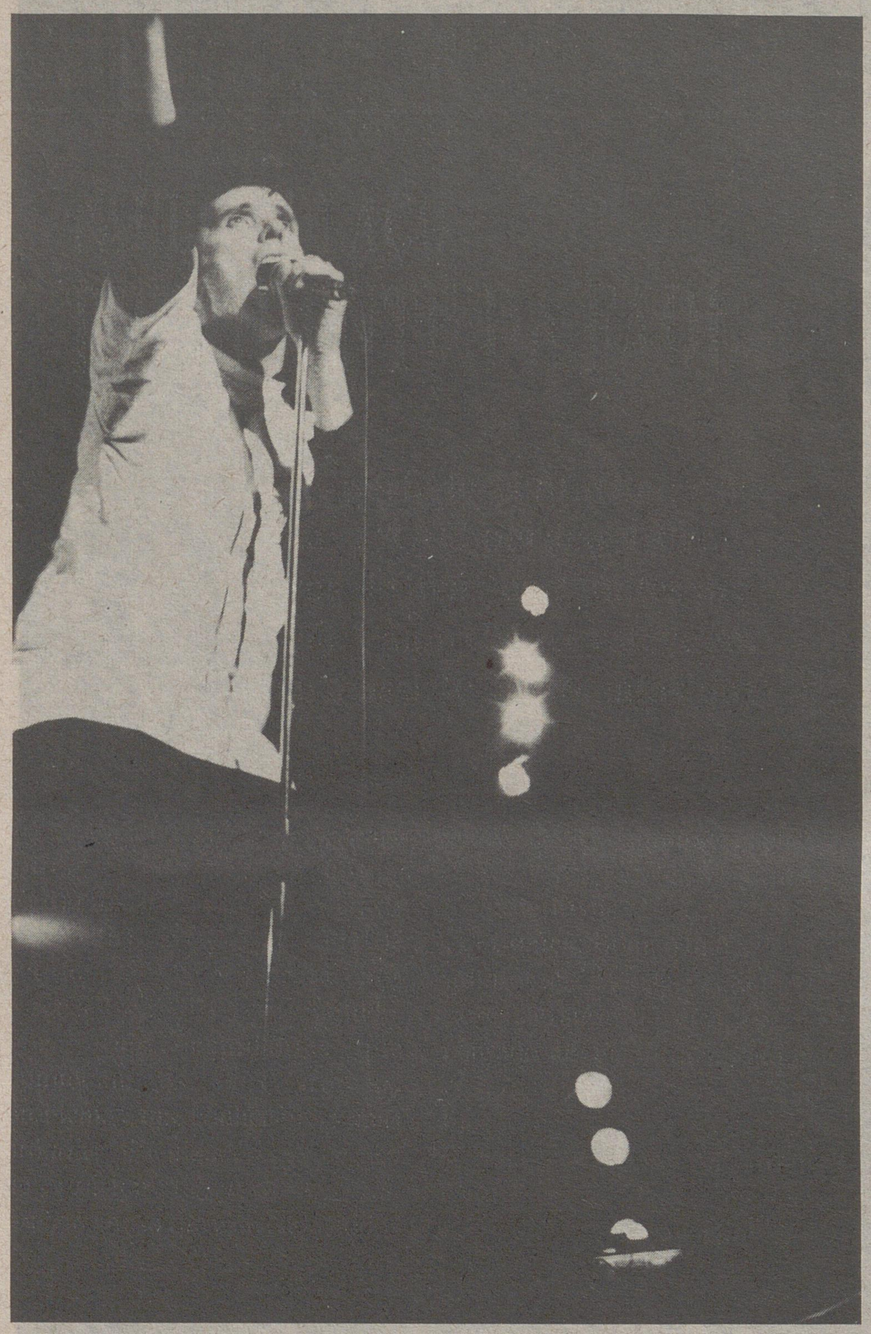


Foi bom, não foi? Só que já acabou, coisas de Queima... Conhecemo-nos de noite, amámo-nos de dia, deixámo-nos quando o comboio chegou... ao fim. Mas agora, não digas nada. Deixa-me apenas encostar a cabeça assim docemente, sem me lembrar que a Queima chegou... ao fim.

Também nós, aqui n´"A Cabra", fazemos a ressaca da Queima, analisamos, dissecamos, moemos saudades e pensamos em sebentas. Estamos tristes, chegou ao fim.

POLICIAS, BANDIDOS BANANAS E MACACOS





PRIMEIRO VEIO A POLÍCIA

91.05.03 (sex) G.N.R. ***

O Grupo Novo Rock de Rui Reininho, Romão, Toli e Zézé foram os primeiros "grandes" das noites do Parque. O concerto não foi mau, mas, como dizia o Reininho no final, eles vieram experimentar um novo local, e não só. No entanto, considero que foi um bom espectáculo. Negativo será só o aspecto de este ser já um espectáculo com cerca de um ano de vida o que para quem assiste regularmente aos seus concertos não é muito agradável. Outro dos factores que me levou a não escrever muito bem em relação a este espectáculo foi o facto da irreverência de R.R. ter primado pela ausência. Resta dizer como informação complementar que o grupo vai entrar em estúdio depois do Verão para o disco sair no final do ano ou início do próximo.

DEPOIS OS BANDIDOS

91.05.05 (dom)
LUÍS & OS VANDIDOS ***

Este projecto é liderado por um senhor que responde pelo nome de Luís Portugal, que foi na primeira metade da década de oitenta a voz e também autor de algumas letras e músicas dos saudosos JÁFUMEGA. Foi uma agradável surpresa este concerto. Apesar de ser apenas a segunda vez ao vivo com este projecto (a primeira tinha sido dois dias antes em Aveiro) não se notou, o que se deve aos vandidos (bem entendidos no ofício) que Luís escolheu para a sua quadrilha. Este projecto poderá ser entendido como a versão anos 90 da banda de Luís Portugal dos anos 80. De referir que a adesão do público a este grupo sem nada editado foi bastante boa; e que brevemente vai haver disco desta banda. Estejam atentos.

BANANAS DE PRIMEIRA

91.05.06 (seg) BAN ***

Os Ban (que já se chamaram Bananas) fizeram não só o melhor espectáculo desta Queima das Fitas como também um dos seus melhores espectáculos na nossa cidade. Trouxeram-nos o seu mundo de aventuras pop. Transportaram-nos num barco branco de regresso à nossa juventude e aos livros de quadradinhos, onde em segredo pudemos contemplar o mar de sol (e que frio e vento das primeiras noites). Os jogos vocais de João Loureiro e Ana Deus estão cada vez melhores. Instrumentalmente o grupo está a evoluir bastante bem. Vão parar depois do Verão para o grupo descansar e para desenvolverem projectos pessoais. Antes disso não percam o Maxi de Verão da música portuguesa que é desta banda e foi remisturado por Tó Pereira (DJ do Kremlin). E dancem.

SOM MACACO

91.05.09 (qui) RUI VELOSO **

Rui Veloso foi muito prejudicado pelo som que teve nesta Queima 91, apesar de ser o artista português do momento e ter o record de assistência desta Queima 91, que segundo a organização foi de 17.000 pessoas. A poucos metros do palco não se entendia o que era cantado. Em relação a Rui Veloso escrevo o mesmo que quanto aos G.N.R.; só é pena que tenha trazido o mesmo espectáculo que já tinha trazido a Coimbra este ano lectivo por duas vezes. Mingos e os Samurais e pouco mais. Resta agora esperarmos pelo "Auto da Pimenta", o álbum dos descobrimentos, que vai ser antecedido por um Single a sair em Junho.

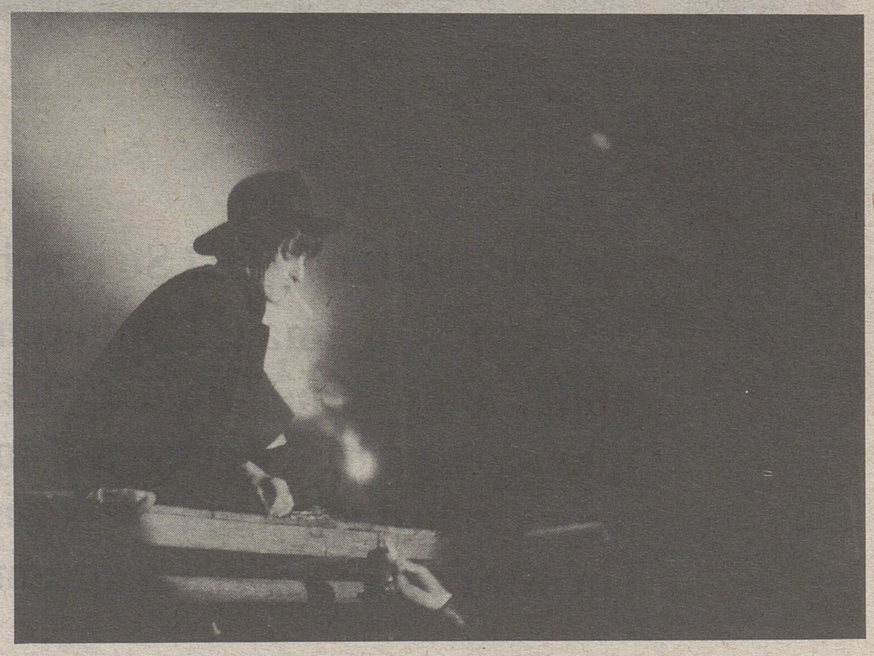
PARA ACABAR

Levanto uma sugestão difícil de realizar, mas que penso deveria ser pensada por próximas comissões. Porque não noites temáticas (Rock, Fado, Popular, Jazz, Dança, etc.)? Responda quem souber.

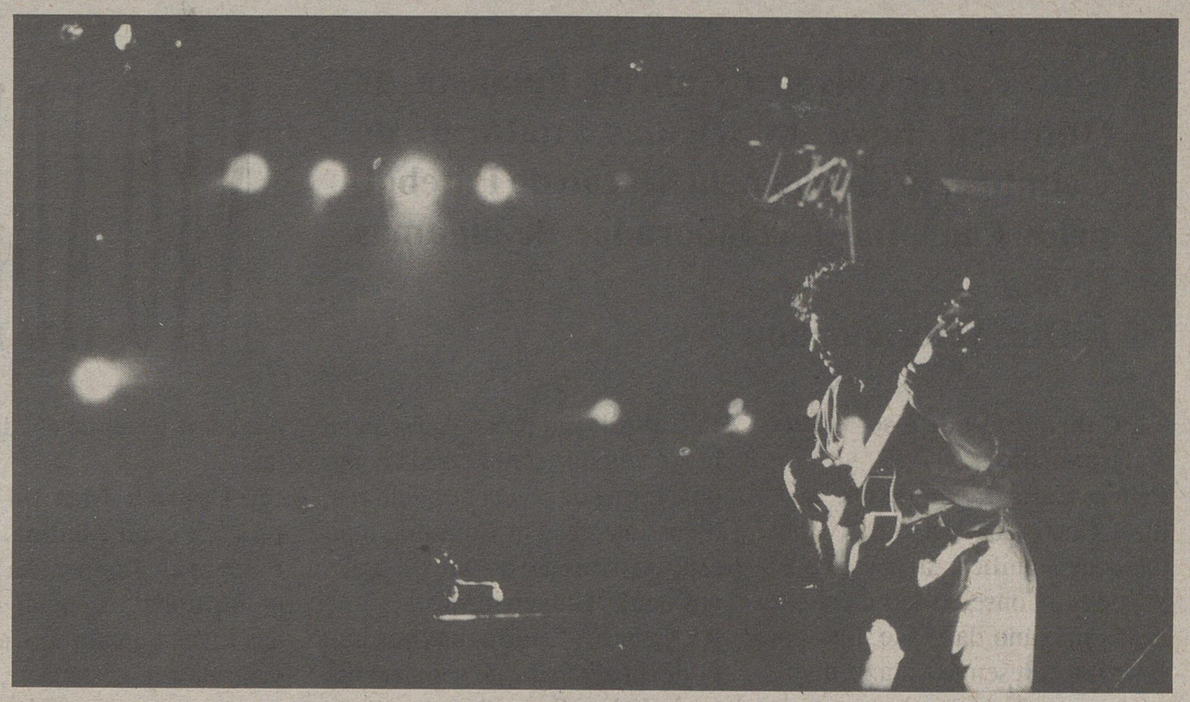
Quero endereçar os meus parabéns pela escolha do local que permitiu um palco maior e melhor, e também uma melhor visibilidade por parte do público. Só dizer que aquelas escadas de acesso ao local poderiam ser mais largas e mais bem instaladas.

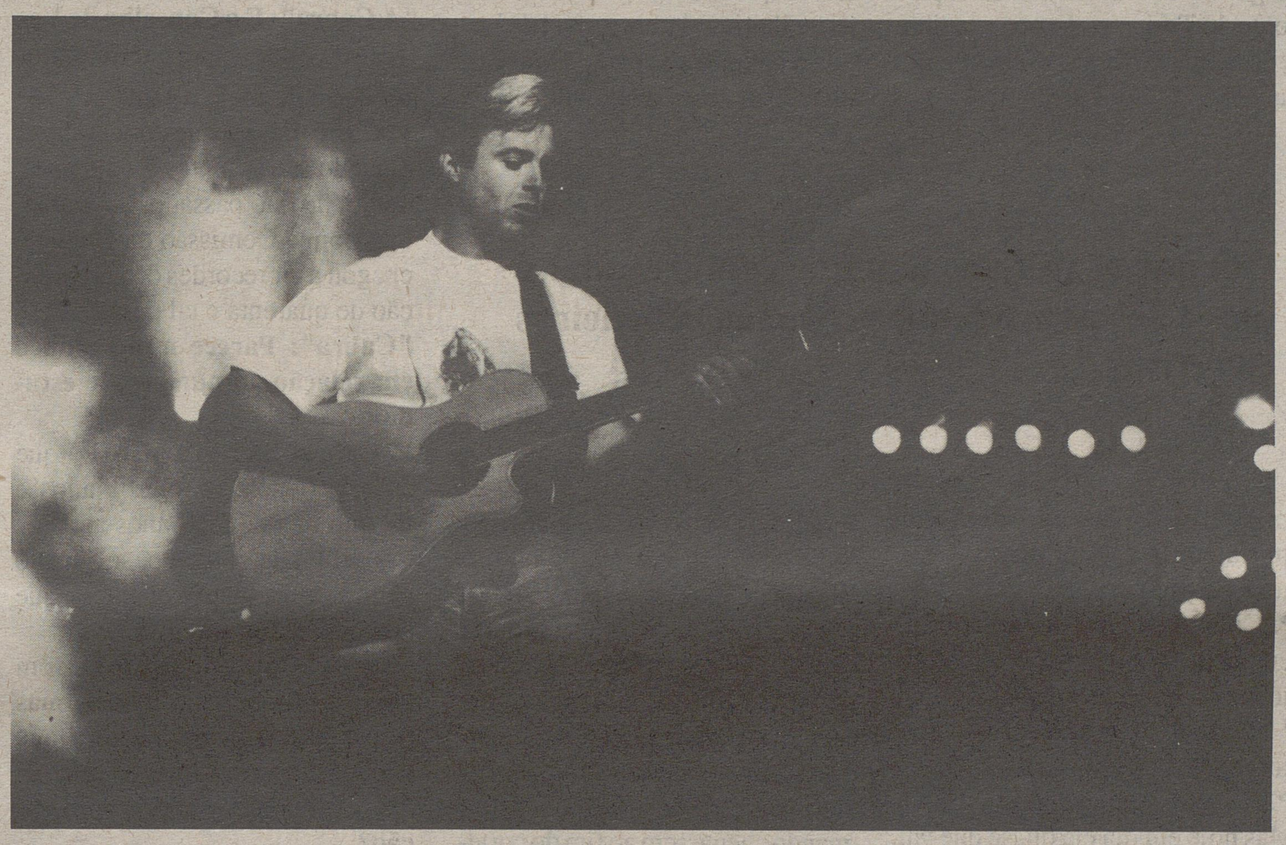
Até p´ró ano

Fausto da Silva



MUSA APENAS





A Queima traz do outro lado, as histórias de e para quem não gosta dela. São os sítios onde se é e pode ser marginal à festa. Os lugares de quem não veste de negro, nunca vestiu de negro e não quer vestir-se de negro. E mais que tudo onde se pode ser alheio às multidões negras de corações ao alto e genuínos urros tradicionais.

A coisa passa-se assim. Montam um palco, luz e som e vendem bilhetes. Chamam-se concertos. E vai quem quer e pode sempre sair antes do FRÁ final.

Pediram-me para escrever sobre duas dessas noites, as da música portuguesa, a (en)cantar, só que por mais desculpas que dê à máquina de escrever não consigo evitar pequenas introduções, que no entanto podem ser ignoradas, insultadas, diagonalizadas, lidas só com os olhos ou mesmo queimadas publicamente, conservando eu apenas o privilégio de não ser lenha do mesmo fósforo, nem medievalmente atado à estaca dos inquisidores.

Mas é só para falar de músicas que aqui estou.

Em noites diferentes, Trovante e Sérgio Godinho. Gostar deles passa por conhecer as palavras antes da música, entender os sorrisos de bocas fechadas, os olhos ridículos das lágrimas de prazer, e o inalienável paradigma da simplicidade.

Tudo isto pode parecer muito pouco. Muito provavelmente é. E ainda bem.

Em inglês chamam a quem faz das palavras músicas "songwriters". Em português o Sérgio Godinho chamou-se "escritor de canções", com a precisão de quem o é.

Escritores de canções, a contar coisas que não temos arte para explicar e às vezes para sentir.

É complicado falar dos concertos, dizer com interesse que o som dos Trovante era uma merda e que o Sérgio devia cantar em salas fechadas, e que uma dose de intimismo sempre presente e indispensável se perde no ar aberto e não encontra reflexo nas estrelas ou no rio. É verdade, mas não importa. Continua a ser melhor, muito melhor que não os ver e ouvir.

É inútil *a posteriori* escolher e destacar músicas, escrever roteiros de palco e sequências de sons. Em forma de pincelada quero só dizer que os Trovante contaram todo o "um destes dias" último albúm, cheio de lugares definidos, Timor, Beirute, Peeters (um bar na ilha do Faial) feitos em formato postal. Histórias de motel feitas de sons novos. Utopias perdidas, de objectos a espreitar o perigo num som mais antigo, o das saudades de alguém que sempre diz tem cuidado.

Sem palavras para os músicos que não sou entendido, e com silêncio arrepiado para a voz do Luís Represas, recortada, cristalina. Única.

O Sérgio reinventou como sempre faz o espaço dos sonhos dum Teatro Académico Gil Vicente que não esquece. Foi escritor de canções e cantor de "chulas" como impunha a ausência de um tecto. Mais rápido e menos intimista do que costuma, desfi(l)ou canções de brilho nos olhos e endechas "aos amores" de Bárbara Escrava. Quando terminou, ninguém quis...

"Ainda a procissão vai no adro e já a zaragata é do ébrio, 'inda a discussão vai no híbrido e já a certidão é do óbito.

De súbito um punhal, ei-lo que corre em decúbito dorsal. Não faz mal, não faz mal ao menos vem no jornal."

Começou assim. Naquele dia soube-me a pouco!

E já está, mais que isto foi conversar com o Sérgio, mas foi privilégio meu e inveja vossa.

Pois.

José Diogo



NÃO ADMITO SINDICATOS NA PRAXE

Luis Pedro Oliveira Cabral, Finalista de Química, nove matrículas, natural de Coimbra, já passou pela Secção de Futebol, pelos Fans, foi já colaborador de algumas DGs.
É Dux Veteranorum.

"A Cabra": O que é ser o Dux Veteranorum?
Pedro Cabral: Em latim, quer dizer Chefe dos Veteranos. Quer também significar a pessoa que preside ao Conselho de Veteranos, órgão máximo da praxe, tem por funções representar a praxe, divulgá-la e mantê-la a actuar quando ache que não está a ser cumprida.
"A Cabra": Parece-te um bom critério de autoridade o número de matrículas?
P. Cabral: Quando mais velhos, tem-se outra experiência. Quando se tem mais matrículas tem-se obrigação de ter mais conhecimentos. Uma vivência académica que outros não terão, embora haja excepções, claro!
"A Cabra": Não será um tipo de vivência académica em vias de extinção?
P. Cabral: Acho que não, acho que as coisas estão um pouco diferentes do que eram. Nesta altura, temos que nos preocupar mais é com como é que a praxe tem que evoluir e como é que ela tem que ser adaptada aos dias de hoje. Em perigo não está, só que há certas pequenas coisas da praxe que, hoje em dia, já não são usuais. Há outras distracções, outras actividades nocturnas que muitas vezes já não é aquela boémia que se fazia antigamente. Não é o que era há 30 anos atrás.
"A Cabra": A propósito de renovação. Quando sai o novo Código da Praxe?
P. Cabral: O novo Código já está na forja há bastante tempo. Eu tomei posse a 13 de Março de 90 e o primeiro Conselho que marco era precisamente para iniciar a revisão do Código da Praxe. Só que, no fim-de-semana anterior, surgiram todos aqueles problemas com a QF/90 e esses problemas adiaram esse processo até agora. Foi o novo Regulamento que é já parte integrante do novo Código, não estava previsto no Projecto mas está aí, e agora vamos pegar novamente no Código.
"A Cabra": A praxe, coisa séria ou uma brincadeira?
P. Cabral: Eu considero uma coisa séria, embora haja pessoas que talvez levem as coisas demasiado a brincar.
"A Cabra": Não achas que se deve reconhecer à praxe um certo carácter lúdico?
P. Cabral: Em parte. Acho que a praxe tem que ser encarada como uma forma de receber os caloiros, de os integrar em Coimbra, num espírito diferente do que é a praxe nas outras Universidades.
"A Cabra": E não achas que isso poderia ser feito de uma forma mais brincalhona e menos punitiva?
P. Cabral: Acho que tem essas duas formas. A faceta autoritária às vezes também é um pouco abusiva.

Falo pelo que tenho feito nos últimos anos. Quando abrem as matrículas na Universidade, acho que é mais agradável ir receber o caloiro de uma forma brincalhona, ir buscá-lo, conviver com ele, do que propriamente começar logo nos primeiros dias com os aspectos punitivos da praxe, acho que isso sim, mas um pouco mais para diante.
"A Cabra": Mas esses aspectos punitivos são ainda os principalmente contemplados no projecto do novo Código.
P. Cabral: Poderão ser, poderão não ser. Mas no fundo esses aspectos punitivos acabam por ser uma maneira de ligar o caloiro a Coimbra.
"A Cabra": Ligar o caloiro a Coimbra rapando-o?
P. Cabral: O que é engraçado é que antigamente o caloiro era rapado e estava quinze dias sem sair de casa, porque era uma vergonha entre os colegas ser-se rapado. Hoje em dia, passa-se o contrário, o caloiro é rapado e no dia seguinte aparece na Faculdade todo rapadinho e tal, é o pólo de atracção das meninas e...
"A Cabra": Crês mesmo que ele se diverte com isso?!
P. Cabral: Eu acho que a maior parte deles se diverte, salvo excepções. Já há caloiros que vão provocar as trupes, e fogem, e brincam um pouco com as próprias trupes.
"A Cabra": Trupes, um hábito em desuso? Fala-se que já não se apanham caloiros.
P. Cabral: O não apanhar caloiros talvez seja um pouco falta de estratégia da trupe. É evidente que não é por falta de material, que esse há muito.
"A Cabra": Até onde poderá a praxe ser renovada?
P. Cabral: Acho que, nomeadamente, gostaria que a capa e batina não fosse usada só em dias de festa.
"A Cabra": Mas tu hoje não estás de capa e batina.
P. Cabral: Também há uma frase muito típica. A seguir à Queima das Fitas, quando se via um estudante de traje neste calor, era hábito perguntar-se-lhe se ele estava por conta do Turismo. A capa e batina é, de facto, um traje extremamente quente.

" O que as pessoas têm que compreender é que as festas académicas não são bebedeiras colectivas."

"A Cabra": Voltando atrás, em que medida é hoje possível renovar a praxe?
P. Cabral: Adaptá-la, sobretudo, à maneira de viver hoje em dia, às novas distracções que há.
"A Cabra": Levar a praxe à discoteca?!
P. Cabral: Não, não é bem isso... Mas hoje em dia ela quase que vai à discoteca. Já há muita gente de capa e batina nas discotecas.

As pessoas têm de se adaptar ao que é a realidade hoje em dia. Antigamente, a recolha do caloiro era às 18 horas, porque efectivamente ele, depois dessa hora, pouco ou nada teria que fazer na rua. Salvo uma ou outra serenata, uma ou outra fugida para uma noite de boémia. Hoje em dia, já é diferente, o espaço de cultura e de conversa já é mais amplo.
"A Cabra": E em que medida é que esses novos hábitos podem ser integrados na praxe?
P. Cabral: Uma das medidas é já este alargamento da hora de recolher do caloiro. Permite-lhe não estar afastado deste pólo da AAC. Acho que muita gente chega a Coimbra e tem uma certa dificuldade em se adaptar à *maneira* de Coimbra. É preciso este espaço cultural da AAC o convívio do caloiro com os colegas mais velhos e a sua ligação às actividades muito ricas que aqui se realizam, tanto a nível de cultura como de desporto.
"A Cabra": Mas a atitude dominante nos caloiros para com os praxistas não será ainda o temor reverencial?
P. Cabral: Hoje acho que já nem tanto. Eles já vêm um pouco de olhos abertos.
"A Cabra": Não estará a identificação caloiro/besta um pouco em desuso? Veja-se as Latadas.
P. Cabral: A Queima das Fitas nesse aspecto conseguiu já bastantes melhorias. Agora a nível de Latada é complicadíssimo. Houve aquele peditório, vergonhoso!! É vergonhoso um estudante andar a pedir de latinha na mão e não se preocupar em levar uma crítica não só à sociedade como à própria Universidade, aos professores. Não senhor! Não levava o cartaz porque era muito pesado e o caloiro, coitadinho, tinha que ser estimado! Tinha que ir para lá pedir que era para quando chegassem ao fim do cortejo irem beber uns copos. Acho que isso é que é a imagem negativa, isso é que terá que ser o trabalho de fundo do Conselho de Veteranos.
"A Cabra": E achas que resultará impor coisas às pessoas?
P. Cabral: Não é impor. Numa primeira fase, acho que para a praxe começar agora a renascer um pouco daquele abandalhamento que surgiu da adesão maciça das pessoas é preciso informar. A seguir a isso vêm os aspectos punitivos para tentar controlar. Mas, a experiência que tenho tido nos últimos anos em relação à Queima é a de que a informação, quando chega, é aceite. As pessoas estão-se a comportar muito melhor. Acho que as pessoas têm que compreender é que as festas académicas não são bebedeiras colectivas, são festas académicas e por isso mesmo não podem ser transformadas no ir beber uns copos e fazer o que se lhe apetece só porque se é estudante.
"A Cabra": Parece-te que a praxe é uma realidade participada fora dessas festas académicas?
P. Cabral: Não é tanto como eu gostaria.
"A Cabra": Não passará ao lado da maioria dos estudantes?
P. Cabral: Da maioria sim. Cerca de 25%, talvez o número seja exagerado, é que levarão a praxe a sério durante todo o ano, gostarão dela na sua essência. Os outros talvez sejam um pouco "Por irem os outros, vamos também".
"A Cabra": E o Conselho de Veteranos, é um órgão participado, ou coisa de meia dúzia?
P. Cabral: Depende dos assuntos. Quando são assuntos escaldantes, como, no ano passado, os problemas com a Comissão da Queima, chegou a ter recordes de participação de quarenta e tal pessoas.
"Cabra": Parece muito pouco em relação ao número de estudantes.
P. Cabral: Já não é mau. Porque na experiência de outros anos e mesmo na de há 30 anos atrás os Conselhos de Veteranos só quando eram assim assuntos quentes é que aparecia muita gente.

O Conselho funciona com um *quorum* mínimo de dez, mas penso que o Conselho terá que sofrer uma reestruturação interna.
"A Cabra": Que reestruturação?
P. Cabral: A maneira de funcionar.

Uma das coisas que já foi alterada foi a forma de convocação.

O Conselho é convocado com 48 horas de antecedência e caso no dia não haja *quorum* passa imediatamente para as 24 horas seguintes. Isto no sentido de, se não é possível fazer-se num dia, faz-se no outro.

É tentar alterar o funcionamento, a única pessoa que é obrigada a estar presente neles todos sou eu. Podem estar nove veteranos hoje, amanhã vêm outros nove, não concordam com os anteriores e alteram tudo.
"A Cabra": De qualquer forma, dez pessoas é muito pouco, é um grupo de amigos.
P. Cabral: Em parte é, em parte acho que não. As pessoas que têm lá estado têm sempre trabalhado. São pessoas que gostam da praxe e que têm tido um trabalho valioso em relação à praxe de Coimbra. No Conselho aparecem ideias novas, muitas vezes critica-se, fala-se muito, discute-se muito. As discussões prolongam-se às vezes pela noite dentro a discutir coisas mínimas.

Q U A S E P O R T F O L I O

quando dormires
não te esqueças
que já foste relva
e erva.

quando voltares a dormir
não vais saber
que não te fumei
nem te bebi
porque não quis.

quando voltares a dormir
a minha sombra
que nunca viste
roubou-te a metade
da alma
que não puseste
nesse dia
porque não quiseste
saber dela.

quando voltares a dormir
já todos fizeram amor
com a minha sombra
como se o fizessem
contigo
enquanto eu fiquei
a observar-te
a devorar-te.

quando voltares a dormir
estes dias já terminaram
e vais pensar que
tudo acabou.

mas eu tenho
esta fotografia
na minha parede
e tu
não sabes
mas também
não te esqueces.



A CABRA



PARAGEM

Atrapalhou-se com o reflexo
do vidro da câmara.
Realmente eram invulgares
duas passagens (paragens)
àquele nível.
Era ainda o princípio.
Comboio sem trilhos.
E um bilhete inteiro
até à portagem (paragem)
quando se descobrir
já não se vai lembrar
desta paragem (viagem).

RETRATO

Não sei nem quero saber
a que vazio me vou agarrar
assim vestido.
Posso olhar para baixo e
fingir que penso que me divirto
assim esqueço-me que preciso
de me salvar e invento o
que me apetecer.
Posso mesmo pensar que
estes sapatos e este fato
fazem parte de uma festa fantástica
onde nos dão o hábito à entrada

que digo eu?!!
Ainda não são horas.







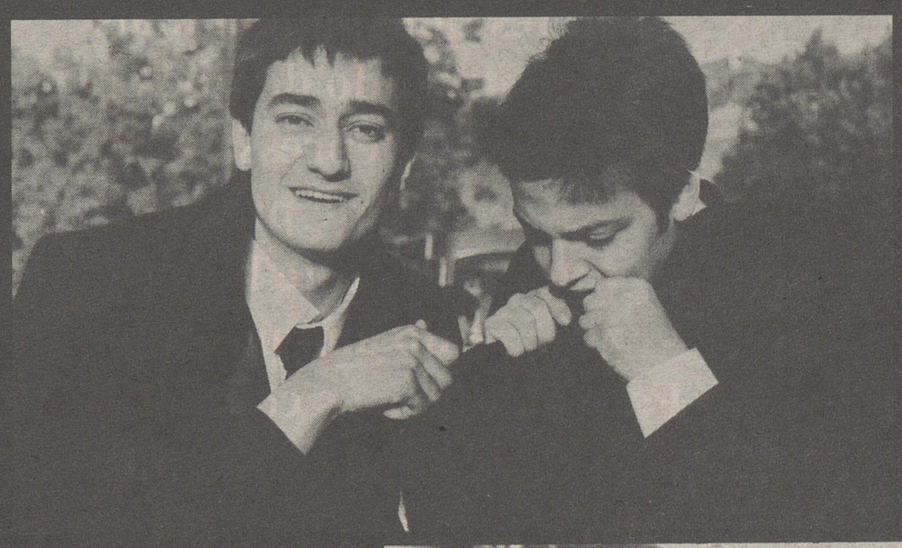
DUAS OUTRAS SOLUÇÕES PARA CINCO GARRAFAS DE CERVEJA

0,33 pelo menos. Terços de litros, desfilados em rosário pelas ruas da cidade.
Cada gota, das que sobram, reza com toda a certeza, apócrifas orações ao seu desperdício.
Estes meninos, são duas soluções para cinco gotas de cerveja.
Podiam ser as mesmas. Mas não são.



RITUAL

Rasgas a minha capa porque és meu amigo.
1. Cada corte é sempre diferente porque não há dois amigos iguais.
2. Amigos iguais, não ficam indiferentes ao pano, da capa, a cair, nestes dias diferentes.
3. Dias diferentes são aqueles em que dizemos e fazemos as coisas que queremos e não queremos mas nunca fizemos.
Rasgas a minha capa porque sim.







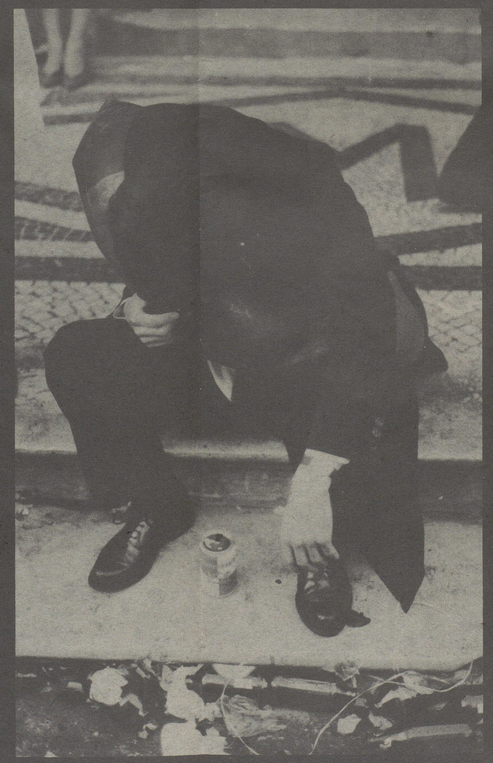
PARAGEM

Atrapalhou-se com o reflexo
do vidro da câmara.
Realmente eram invulgares
duas passagens (paragens)
àquele nível.
Era ainda o princípio.
Comboio sem trilhos.
E um bilhete inteiro
até à portagem (paragem)
quando se descobrir
já não se vai lembrar
desta paragem (viagem).

RETRATO

Não sei nem quero saber
a que vazio me vou agarrar
assim vestido.
Posso olhar para baixo e
fingir que penso que me divirto
assim esqueço-me que preciso
de me salvar e invento o
que me apetecer.
Posso mesmo pensar que
estes sapatos e este fato
fazem parte de uma festa fantástica
onde nos dão o hábito à entrada

que digo eu?!!
Ainda não são horas.







DUAS OUTRAS SOLUÇÕES PARA CINCO GARRAFAS DE CERVEJA

0,33 pelo menos. Terços de litros, desfilados em rosário pelas ruas da cidade.
Cada gota, das que sobram, reza com toda a certeza, apócrifas orações ao seu desperdício.
Estes meninos, são duas soluções para cinco gotas de cerveja.
Podiam ser as mesmas. Mas não são.

RITUAL

Rasgas a minha capa porque és meu amigo.
1. Cada corte é sempre diferente porque não há dois amigos iguais.
2. Amigos iguais, não ficam indiferentes ao pano, da capa, a cair, nestes dias diferentes.
3. Dias diferentes são aqueles em que dizemos e fazemos as coisas que queremos e não queremos mas nunca fizemos.
Rasgas a minha capa porque sim.





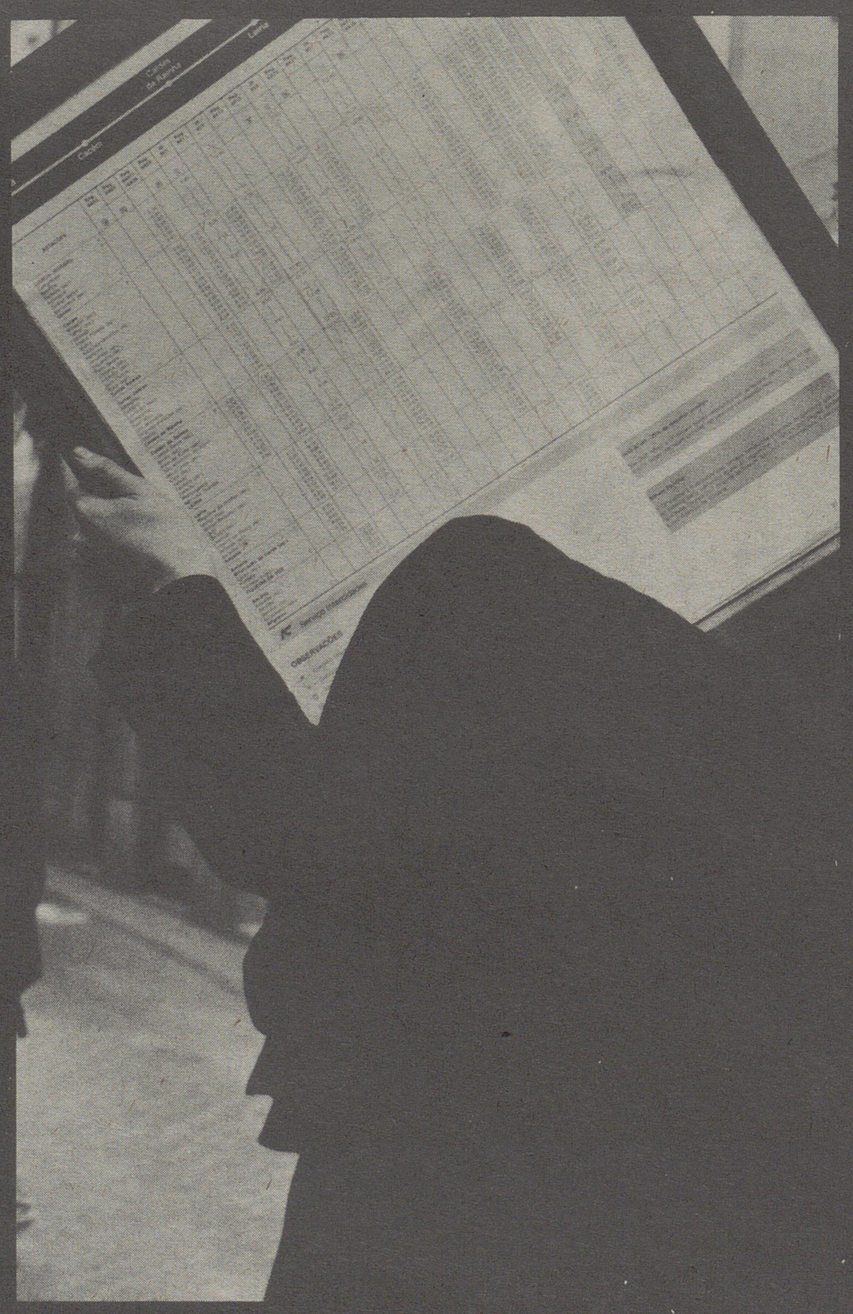


CHEGA!... NEM MAIS UMA!... CERVEJA.

Amantes ocasionais,
já se vestiram,
para que, com decoro,
possam usufruir do sol
recatado
da minha objectiva.
Pelo menos amaram-se muito.
Embora
nunca tenham sabido
ou venham a saber
que
deviam fazer sempre assim.

HORÁRIO

Agora vou-me embora
antes que alguém mais
atrasado do que eu
me peça depressa para
me procurar
por trás deste horário
do ano passado.
Faltei a todos os comboios
como quem falta a todas as aulas.
E escondo a cara só para não as
ouvir apitar a partir do outro lado.
Mesmo assim se me perguntarem
digo que não sei, que não faço ideia
que já estou atrasado e me vou
embora.
E que o horário é mesmo o mesmo,
o do ano passado.



Fotos-Susana Paiva; Texto-José Diogo

Acho que acaba por ser positivo, porque as pessoas que lá estão pelo menos estão interessadas, não estão lá para ver o que se passa. Há muita gente que critica por fora, que diz que é assim, que é assado, mas que não perde tempo a ir lá discutir as ideias.

"A Cabra": Qual é hoje a diferença entre Antigos Estudantes e Veteranos *Ad Aeternum*.

P. Cabral: Veterano *Ad Aeternum* é aquele estudante que chegou à categoria de Veterano, que acabou o curso há mais de seis meses.

"A Cabra": É um Antigo Estudante?

P. Cabral: É um Antigo Estudante, ele pode assistir aos Conselhos de Veteranos, pode exprimir a sua opinião, só que não tem direito a voto.

Entrevista

João Saraiva

"A Cabra": Mas participam nos organismos do Conselho de Veteranos. Por exemplo, na Comissão Fiscalizadora.

P. Cabral: Sim, sim. E sobretudo porque um deles pertenceu à Comissão de Redacção do Regulamento. Aliás, a Comissão de Redacção foi composta por dois Veteranos *Ad Aeternum* e por mim.

"A Cabra": Não se pode dizer que eles não tenham poder de decisão...

P. Cabral: Não me meto em questões de poder de decisão. Quando foi preciso fazer um novo Regulamento foi-se buscar pessoas com experiência, casos do Tó-Zé Monteiro e do João Cunha.

"A Cabra": Reconheces que este ano o Conselho de Veteranos interferiu mais na Queima das Fitas do que era habitual?

P. Cabral: Tem interferido todos os anos, só que talvez o ano passado aparecesse mais a lume com os problemas que surgiram.

"A Cabra": Mas nunca tinha existido um órgão como a Comissão Fiscalizadora.

P. Cabral: Vem-se a provar, com tudo o que se passou o ano passado, a necessidade dessa Comissão. Que terá que ser composta por organismos ligados à praxe. Nunca os confundindo, porque umas das coisas que me entristece é ver as pessoas desta Academia não saberem que a Queima das Fitas não tem nada a ver com Direcções-Gerais, não tem nada a ver com politiquices.

"A Cabra": Não tem nada a ver com DGs, é uma Comissão eleita pelos Quartanistas, mas vocês este ano tomaram a atitude de demitir elementos eleitos pelos Quartanistas. Que comentário?

P. Cabral: Houve uma demissão de uma moça de Letras, que se demitiu ela própria porque não tinha tempo, e houve ainda um elemento que foi excluído, de Direito, porque a Comissão começou a trabalhar em Dezembro, meteu-se Janeiro, as Férias da Páscoa e esse elemento só apareceu porque eu o encontrei e disse para ele aparecer. A partir do momento em que uma pessoa não trabalha, tem de sair.

"A Cabra": E houve o elemento de Medicina que não chegou a tomar posse.

P. Cabral: Tomou posse!

"A Cabra": Sim, mas nomeado por vocês.

P. Cabral: Foi nomeado porque ele não quis ser eleito, nas eleições só apareceram duas pessoas, o acto foi boicotado. Em relação a Medicina, eu nem me queria pronunciar mais, porque foi triste. As pessoas que manipularam o acto, que tentaram boicotar... Eu não admito Sindicatos na praxe! Acho que isso é uma coisa completamente em desuso. Acho que as pessoas que criaram esses desaguisados com Medicina tiveram atitudes cobardes, tentaram sempre forçar as coisas e depois, teve que se nomear.

"A Cabra": Forçar como?

P. Cabral: Porque tinha que ser a vontade deles e eu também não é assim! Acho que a maioria é que é democrático, também em Psicologia o representante foi nomeado e não se falou nisso.

"A Cabra": Já lá ia, em Psicologia houve nomeação porque o eleito, ou o que iria ser eleito, não usava traje, parece-te correcto?

P. Cabral: Em Psicologia foi um problema porque a pessoa não era praxista. Não era anti-praxista, mas era não-praxista, não usava traje e era uma das cláusulas essenciais para tomar posse.

"A Cabra": E achas correcto?

P. Cabral: Tem que ser. Sendo a Queima das Fitas uma festa da praxe. Tem participação das pessoas que não aderem à praxe, mas é essencialmente uma festa da praxe e nunca fugirá a isso. Daí a fiscalização do Conselho de Veteranos nas eleições. Em Psicologia não foi só o problema de ele não usar capa e batina, o problema, mais técnico, foi o da forma da eleição. A eleição é feita individualmente e, caso o primeiro não obtenha 50% dos votos há uma segunda volta entre os dois primeiros e, o que surgiu, foi que eles fizeram uma lista de três pessoas e votaram essa lista. Não podia ser. E quando vamos repetir a eleição, as pessoas não se quiseram candidatar.

A pessoa que foi nomeada em Psicologia estava doente nesse dia, mas já tinhamos conversado e ela ia candidatar-se. E pronto, não se justificava estar a repetir eleições.

"A Cabra": Não achas que existiu uma certa identificação, confusão mesmo, entre Comissão Central e Comissão Fiscalizadora?

P. Cabral: Acho que não. Talvez pessoalmente, como membro da Comissão Fiscalizadora, de ter acompanhado de perto a Comissão Central, estivesempre ligado a eles e eles quiseram sempre também um pouco dar-me a conhecer tudo o que faziam, talvez por serem pessoas da casa, que eu conhecia bem, talvez desse essa ideia.

"Sempre que foi preciso tomar decisões mais chatas elas foram tomadas pela Comissão Fiscalizadora sem problema nenhum."

"A Cabra": Mas não terá existido uma certa confusão entre órgão tutelado e órgão de tutela? Não terá a Comissão Fiscalizadora tomado atitudes executivas?

P. Cabral: Acho que não, as atitudes executivas que foram tomadas pela Comissão Fiscalizadora, por certos elementos, estavam dentro do Regulamento e do que ele permitia. Mesmo porque todas as ideias partiram da Comissão Central, não houve imposição de ideia nenhuma por parte do Conselho de Veteranos. Eles eram livres de fazer o que quisessem, tinham apenas que cumprir o Regulamento em questões de orçamento.

"A Cabra": Durante o Chá Dançante houve a necessidade de expulsar um estudante tendo os membros da Comissão Central presentes delegado essa responsabilidade num membro da Comissão Fiscalizadora, que comentário?

P. Cabral: O José Grilo (Pres. da C.C.) não estava presente na altura, apareceu depois e ele não podia contrariar uma decisão que tinha sido tomada pelo elemento responsável pelo Chá e que delegou na Comissão Fiscalizadora o tomar dessa atitude. Eu cheguei depois. Estavam já lá os outros dois elementos da Comissão Fiscalizadora, eles tinham tomado uma decisão e eu não os ia contrariar.

"A Cabra": Mas é correcto que tenha sido a Comissão Fiscalizadora a tomar a decisão da expulsão?

P. Cabral: O José Grilo estava numa situação difícil, não tinha presenciado a situação, ao contrário do Tó-Zé Monteiro. Acho que lhe era mais fácil tomar a decisão em face do que estava a suceder de passar, por assim dizer, a batata quente para as mãos da Comissão Fiscalizadora.

Não tenho problema nenhum.

Sempre que foi preciso tomar decisões mais chatas elas foram tomadas pela Comissão Fiscalizadora sem problema nenhum.

"A Cabra": Achas que foi mesmo boicote?

P. Cabral: Houve um desinteresse, talvez, não sei. Passaram festas desde Aveiro a Vila Real, Porto, Lisboa, tudo o que era festinha aí das Universidades, que eu considero em relação à Queima festas académicas de segunda. Todas tiveram uma promoção enorme, e a Queima das Fitas de Coimbra, que aliás não precisa de promoção, nada. Talvez que da próxima vez que vierem nós tenhamos um bocadinho de orgulho e lhes batamos com a porta na cara.

"A Cabra": Não te parece que este ano houve um certo desleixo em relação à Comunicação Social por parte da Queima das Fitas?

P. Cabral: Eu considero é que houve um boicote por parte da Comunicação Social!!!

A Comunicação Social estava à espera de escândalos e o ano passado acompanhou, andou em cima, porque queria escândalos e havia-os, este ano ficou um bocado decepcionada, porque a informação foi controlada, seleccionada. Porque há sempre problemas numa Comissão, há sempre coisas que não correm muito bem, mas as coisas não transpareciam, como não tinham que transparecer. O que tinha de se promover era o que estava correr bem. E a Comunicação faltou aí, nomeadamente tivemos desagravos com a RTC, que se comprometeu a passar um *spot* e não passou. A Televisão não veio a Coimbra fazer uma única reportagem. A própria RTP de Coimbra não estava autorizada a fazer reportagens sobre a Queima das Fitas.

"A Cabra": Mas a Comissão Fiscalizadora deve tomar decisões?

P. Cabral: Em certos momentos, acho que é necessário não se cingir apenas ao nome.

"A Cabra": Achas que foi correcto o Dux Veteranorum apoiar uma Lista?

P. Cabral: Esse célebre caso!!

Eu apoiei mas a nível pessoal.

"A Cabra": A nível pessoal, mas és o órgão máximo da praxe...

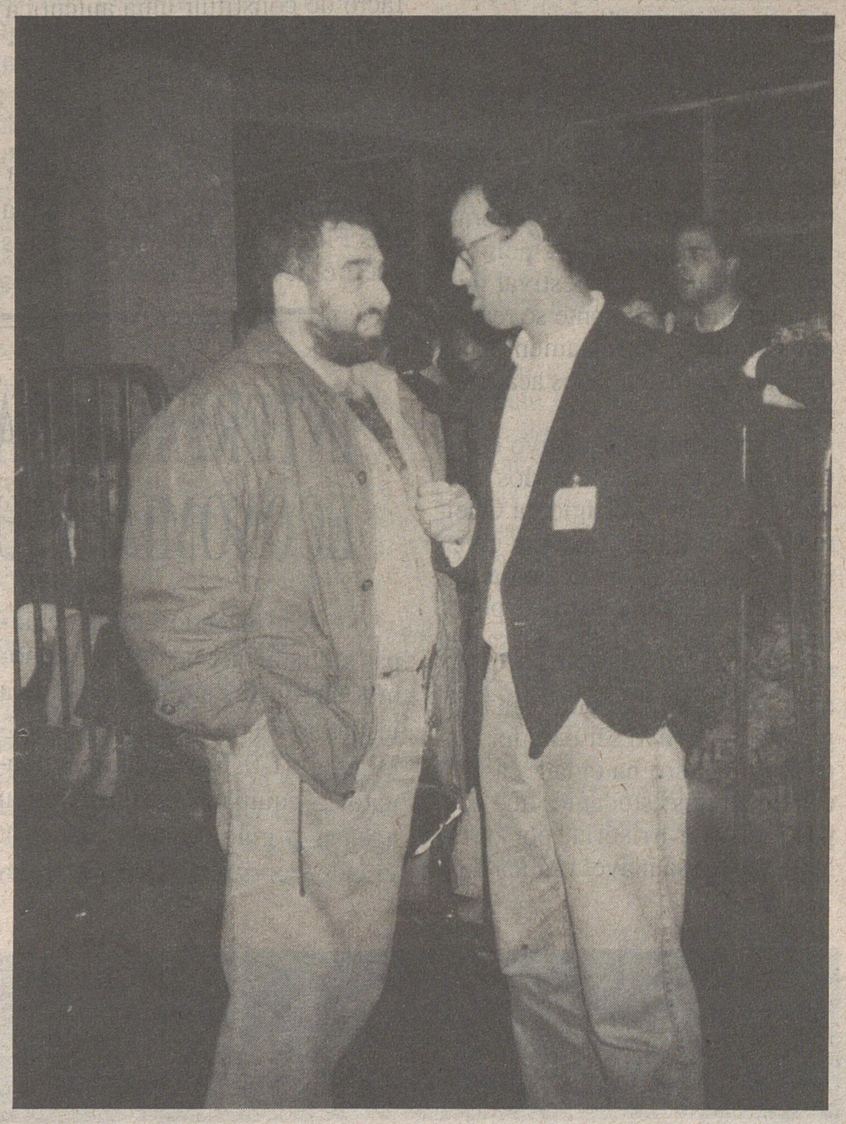
P. Cabral: Sim, mas isso foi explicado na altura e a minha posição foi não gostar de certas coisas que se fizeram na altura. Eu sempre apoiei listas, fiz parte o ano passado, não como membro, mas como apoiante, da Lista E, sempre defendi que a AAC devia ser gerida por quadros independentes, mas independentes mesmo, de raiz! Acho que há elementos válidos em ambas as listas partidárias, mas foi-me posta uma opção na altura e eu, optei.

"A Cabra": Mas não deverias adoptar uma posição supra-listas?

P. Cabral: Acho que não devia estar alheado de uma coisa que me diz directamente respeito, que é a AAC.

"A Cabra": Pensas levar o mandato até final do curso?

P. Cabral: Possivelmente. Também, estou a pensar acabar o cusrso brevemente.



TAMBÉM DE DESPORTO SE FAZ A QUEIMA (2)



Manifestações aparentemente antagónicas, Queima das Fitas e Desporto encontram-se, na realidade, intimamente ligados.

Apesar de serem avessos por natureza à prática desportiva (sobretudo durante a Queima), os estudantes da Universidade de Coimbra têm, no entanto, fortes responsabilidades na promoção e desenvolvimento do Desporto na Cidade de Coimbra.

Para além do trabalho que é desenvolvido diariamente, pelas secções desportivas da A.A.C., trabalho esse de reconhecidíssimo mérito, a academia de Coimbra é igualmente responsável pela organização do maior festival desportivo que anualmente se realiza em Coimbra, precisamente por ocasião das festividades académicas.

O programa desportivo constitui, hoje em dia, um dos factores de maior prestígio da Queima das Fitas, mas também constitui, simultaneamente, uma das suas características mais peculiares — por um lado, apesar da Queima ser a maior festa estudantil da Europa e de o seu programa desportivo ser o maior festival do género na cidade, a percentagem dos estudantes que nele participam é irrisória; por outro lado, com a saudável prática desportiva, diurna, coincide a mais frenética vida nocturna, onde a prática se relaciona mais com a tentativa de destronar Munique do título mundial de consumo de cerveja...

Ainda que a participação dos estudantes nas actividades desportivas não seja de todo significativa, nem sequer na qualidade de meros espectadores, o programa desportivo da Queima das Fitas ganha desde logo sentido pelo facto de constituir uma autêntica mostra das actividades desenvolvidas pelas Secções da A.A.C..

Secções como a de Xadrez, Desportos Náuticos, Natação, Rugby ou Andebol, aproveitam a conjuntura favorável da Queima das Fitas (favorável por ser mais fácil o acesso a fontes de financiamento e de estar concentrado sobre Coimbra o foco das atenções dos "mass media"), para realizar torneios de âmbito regional, nacional ou mesmo internacional (é o caso dos torneios de Rugby e de Andebol, ou das regatas de Remo).

Essas Secções da A.A.C. têm assim uma excelente oportunidade para divulgar o seu trabalho e, simultaneamente, obter importantes fontes de receita, cono são as da publicidade. A Comissão Organizadora da Queima das Fitas, ao apostar no programa desportivo está, por sua vez, a prestigiar a festa dos estudantes e a contribuir para a dinamização do Desporto na academia coimbrã.

R.F.C.

REGATA QUEIMA DAS FITAS

MAIS DE 500 ATLETAS NA MAIOR REGATA DE SEMPRE EM COIMBRA

O Rio Mondego foi palco, no dia 4 de Maio, de mais uma edição da Regata Queima das Fitas, inserida no programa desportivo das festividades académicas.

Organizada pela Secção de Desportos Náuticos da A.A.C., a 9ª edição da Regata Queima das Fitas registou a participação de mais de 500 atletas nas modalidades de Remo e Canoagem, em representação de 35 clubes nacionais e da Universidade de Utrecht, passando a constituir um novo recorde de participação em regatas realizadas em Coimbra.

As provas de Canoagem, que se realizaram de manhã, foram disputadas no sistema de circuito na distância de 6000 metros para os infantis e damas, e de 10000 para os cadetes, juniores e seniores. O destaque destas provas, a contar para o calendário da Federação da modalidade, vai para a vitória por clubes do Náutico do Prado e para a vitória de Mário Miguel Santos, da A.A.C., na prova de K1 sénior.

Quanto às provas de Remo, consideradas já de maior importância para o calendário nacional da modalidade, decorreram da parte da tarde entre a Ponte de Sta. Clara e a Ponte Açude, na distância de 1000 metros. Estas provas tiveram como um dos principais atractivos a inclusão de duas estreias absolutas no nos-so país — o 1º Torneio Inter-Associações de Remo Juvenil e o 1º Campeonato Nacional de Remo Universitário. A Associação de Remo da Beira Litoral foi a vencedora do Torneio Inter-Associações, cabendo à A.A.C. a conquista do título de Campeã Nacional Universitária (ver destaque).

O destaque do programa geral, que foi constituído por 34 provas, vai para o Clube Naval Infante D. Henrique, que venceu 12 provas. A A.A.C. foi a vencedora da prova de "Double-Scull" (2x) Júnior Feminino, continuando Susana Alfaite e Isabel Moreira, actuais detentoras dos títulos nacionais de velocidade e de fundo, imbatíveis nessa categoria.

R.F.C.

INTERFACULDADES DE FUTEBOL ECONOMIA: A JUSTA VENCEDORA

Não fazendo parte das equipas inicialmente favoritas, Economia sagrou-se campeã com toda a justiça ao vencer na final a FCTUC-DEQ por 1-0. Em todo o campeonato, a equipa vencedora sofreu apenas 1 golo (e de "penalty"): grande concentração e rigor defensivo, espírito de entreajuda entre todos os jogadores e "golos q. b." foram a receita para este título que há vários anos a F.E.U.C. perseguia e que acabou por ganhar quando menos se esperava.

Para chegar à final, Economia venceu a Série I (2-1 a Matemática, 0-0 com Medicina – campeões em 1990 – e 5-0 a Mecânica), eliminou Letras por 6-0 nos quartos-de-final e ganhou a meia-final ao ISCA por 4-3 na transformção de grandes penalidades, depois do 0-0 nos 90 minutos de jogo.

Na final, devido à ausência de Libório, libero habitual da equipa, a FCTUC — ajudada por forte ventania — dominou o primeiro quarto-de-hora de jogo, mas a partir daí foi a pressão constante de Economia e o passar tempo por parte da FCTUC que, tendo no seu guarda-redes (Fernando) o jogador mais cotado, cedo percebeu que teria mais vantagem no desempate por "penalties" do que no jogo propriamente dito. Esta estratégia ia dando os seus resultados pois só aos 87 minutos Alves desfez o empate.

Pelos novos campeões alinharam: Jorge, Filipe (capitão), Fonseca, João Cunha e Vital; Jaime, Orlando, Carlos e Alves; Eduardo e João. Ausentes na final mas com um contributo igualmente importante: Vítor Libório, Maia, Jojó, Lebre e Rui.

M.M.



"A CABRA" O JORNAL DA ACADEMIA

X A CABRA

A QUEIMA QUE NOS QUEIMA

Velhas são as festas académicas de fim de ano. Tão velhas que remontam pelo menos ao século XV, quando a Universidade de Paris, a pretexto da Festa de Loucos, ou Fête des Sots, reunia em local aprazível do bairro latino a estudantada dos Colégios, com vista à eleição do Roi des Sots. Eleição de um rei, cortejo de doidos, por entre farrapos, alegorias, danças profanas, músicas, estandartes e archotes, ronda pelas tabernas, e, claro está, o apetecido baile das Quatro Estações.

Por cá a Festa da Soiças, com seu cortejo extravagante de paródia aos exercícios militares dos corpos de ordenança das guardas soiças, ou suiças, não caiu no goto de el-rei D. João III, que tratou de ordenar ao reitor que pusesse fim à festança.

Justificação? — que o povo da cidade andava incomodado, que tais coisas não agradavam aos olhos de Deus...

Bem vistas as coisas, a Academia mandou o rei tocar berimbau e tratou de fazer a sua festinha à porta fechada. No tempo de Antero, aí por 1860 e troca o passo, chamavam-lhe a Festa do Ponto. Era pobrezita, por 12 de Maio, com sua Tourada de Caloiros e pouco mais. Mas, nos anos 80, a festa era rija, num tal ferrunfar de latas e barulheira pela noite adentro.

Realizado o Centenário da Sebenta, em 1899, uma bem sucedida réplica satírica dos Centenários cívicos e republicanos da segunda metade do século XIX, à festa do ponto, ou das latas, se quiserem, deu-lhe o badagaio. Dos anos 90 do século XIX vinha também um bizarro e obscuro ritual, a cargo dos quartanista de Direito e Teologia, ao tempo alcunhados de Candeeiros, que logo após o Centenário de 1899, e tomando por seu, todo o programa, passou a designar uma festa moderna: a Queima das Fitas. Entretanto, as velhas estruturas da festa anterior, carregadas de medievalidade, como eram as touradas de caloiros e as latadas de emancipação, com entrega da carta de alforria, manter-se-iam, durante mais algumas décadas, com tendência a gradualmente desaparecerem, como efectivamente veio a suceder por 1936.

Ao longo do tempo, a Queima, ou melhor dizendo, a festa estudantil, foi assimilando sucessivamente os novos códigos fornecidos por cada geração: cartolas e bengalas por 1932, serenata monumental por 1949... Precisamente no dia 3 de Maio, António Maló de Abreu, em entrevista à Rádio Regional do Centro, criticou duramente as recentes comissões centrais, os homens do Código de 57 e "meia dúzia de idiotas anquilosados que pretendem a todo o custo fazer impôr à Academia um conjunto de praxes ultrapassadas". Segundo o entrevistado, os homens da DG/JSD que em 1979 se empenharam na restauração e revitalização da Praxe, nunca tiveram em vista um retorno a normas e posturas que hoje, teimosamente, pretendem fazer escola, desenquadradas dos anseios e do sentir do estudante do nosso tempo. Para aquele antigo dirigente estudantil, tanto a estrutura da Queima, como grande parte da Praxe, sobretudo a que defende o Conselho de Veteranos, se encontram largamente desactualizadas.

Isto nos levará a formular algumas questões pertinentes:

— afinal quando começa a Queima? Inicia-se com a Missa da Benção das Pastas ou com a serenata monumental?

— em que termos se efectiva a chamada suspensão da praxe sancionatória e quais são os resultados práticos de tal acto?

— como explicar a não existência de um ritual de emancipação dos caloiros, ou dito de outra forma, é efectivamente o início da serenata o momento que marca a emancipação dos caloiros?

— não deveria abrir a Queima com um festival a céu aberto, com músicas, danças, cores e gritos de juventude viva, no estádio municipal, à semelhança de como hoje em dia abrem os campeonatos de futebol?

— o que é afinal uma serenata para o estudante do nosso tempo? que lhe diz tal discurso estético, em pleno pontificado do heavy metal?

— como interpretar crescentes indícios de hooliganismo verificados no decorrer desta ditas serenatas, traduzidos em garrafas partidas, gritarias, buzinadelas, palmas, risos, bebedeiras mal ocultas, namoros e apalpões, além de murros chovidos de quando em vez? Terá isto algo a ver com o protesto da multidão anónima, encurralada num espaço, desejando também ela cantar e participar de um acto estrito, celebrado



por meia dúzia de sacerdotes, empoleirados no alto de um escadório?

— porque é que se continua a confundir qualidade artística e produção cultural com javardice, nomeadamente nas récitas e saraus? Que dizem ao nosso estudante baladas de despedida, como as produzidas este ano, recheadas de coxa literatice e letrinhas profundamente reaccionárias?

Com estas e outras questões visamos problematizar uma realidade cultural cada vez mais afogada em inércia, alheia à voz da evolução. Um breve exemplo: como explicar a manutenção de um bailarico designado Chá Dançante? Só se for chá cervejante...

Quais são as realidades do nosso tempo, a pedir caricaturização e engenho académico? Passagens de modelo, desfiles de manequins, festival da canção, estádios de futebol. Só não vê quem está cego, ou pior que isso, tolhido pela estupidez tacanha do provincialismo doméstico.

A Queima continua a ser a maior festa estudantil do país. Mas isso não chega, sobretudo quando academias mais aguerridas ou abonadas financeiramente investem nos meios de comunicação social. Este ano, a RTP transmitiu a Queima do Porto. Por cá, a Comissão Central, a pretexto de festinha caseira, para estudantes, "devolver a festa aos estudantes", nem sequer se preocupou com a RTP. Mas houve quem pensasse nela. Atenção minha gente. Já não é só a Queima do Porto, ele é o Enterro da Gata, ele é o Enterro do Ano, ele são os Jogos Tradicionais da UTAD, e isto enquanto Coimbra dorme, sonhando com pergaminhos, endeusando um código anquilosado, desprezando quem pugna por construir o seu tempo.

Escudado com a necessidade de um relatório de contas e fiscalização, desde o ano passado que o Conselho de Veteranos, ilegitimamente, e contrariando os processos democráticos de eleição das Comissões, intrometeu o bedelho. Vozes contrárias foram poucas. Pudera, se o dito cujo é o órgão supremo, não é mesmo? Um regulamento elaborado por antigos estudantes que têm vindo, contrapraxe, a intitular-se veteranos eternos. Nós perguntamos: os estudantes da geração actual são diminuídos mentais, a ponto de não saberem elaborar um regulamento? Qual é a diferença entre um chamado veterano eterno e os antigos orfeonistas, antigos tunos, Machado Soares e outros que já não são deste mundo?

Na verdade, não conseguimos perceber onde acaba o Conselho e começa a comissão fiscalizadora, mesmo partindo da ideia comum, a qual partilhamos, que aponta a necessidade de fiscalizar a actuação das Comissões Centrais. E no próximo ano, voltaremos à normalidade? Ou a eleição dos comissionistas por Faculdades tornou-se uma fantochada?

Vimos de tudo nesta Queima. Protestos do Grupo Ecológico, pancadaria e baixeza de instintos acobertados sob a capa e batina, bebedeiras de caixão à cova, pedincha de matar, cio coçado e consolado, fracos que se tornaram momentaneamente heróis, cerca de 10 toneladas de lixo produzidas pela Academia, uns 400 mil litros de mijo de burro a que chamaram cerveja San Miguel, polícias a levantar capas e apalpar estudantes à entrada do Chá Dançante para ver se era traje de passeio ou não, indivíduos a fingir de repórter fotográfico para insultarem pessoas durante o cortejo, um carro incendiado e outro que entrou em pane, falta de criatividade nos caixotes de papel florido, ou baterias de cerveja se assim o preferirem, uma récita doentia de falta de ideias, uma garraiada probrezita e fruste que não se sabe bem se é tourada se corrida de cães.

Coisas novas também as vimos. Rali de automóveis antigos, corrida de galgos e uma passagem de modelos frustrada. E na semana antecedente, falou-se de Antero e encheu-se o Gil Vicente de Cultura.

Os comissionistas com quem falámos acham que a coisa correu bem, pois fizeram tudo o que estava ao seu alcance. Lá isso é verdade! Segundo uma fonte, foi-nos dado saber que durante a campanha eleitoral para a DG, numa reunião em Lisboa com Fernando Nogueira, a maioria esmagadora da Comissão Central deu a entender ao ministro que apoiava a candidatura de Beto Guerra. Parece que conseguiram renovar mais uns trocos à conta... Só não conseguiram foi renovar o diabo da Queima, que de tão velha já cheira a mofo.

Se calhar, valha a dúvida, estamos equivocados. Então o Independente de 9/5/91 não trazia um belo texto, daqueles que falam de estudantezinho castiço, que por cada ano do curso vai dando uma dobrinha no esfregão de levar ao ombro?

O *nice* da situação foi ver a JSD pela mão de Nuno Freitas a lançar umas farpas à Comissão Central. E não foram de adesivo! Depois, Los Bananas e Cagarolas, forcados de muitas e antigas habilidades, ficaram mesmo abananados quando lhes exigiram 25 mil, a cada um, entenda-se. Dez anos de Queima! Ainda não foi desta que uma mulher assinou a letra ou a música de uma balada de despedida!

Talvez por ser uma zona onde as ditas cujas têm de usar estrelas ao peito...

António Nunes

GARRAIADA ACADÉMICA: A VERGONHA DA ACADEMIA

No passado dia 5 de Maio, realizou-se em Tomar mais uma edição da tradicional "Garraiada Académica", inserida nas comemorações da Queima das Fitas.

Como já vem sendo tradicional também, o Grupo Ecológico da A.A.C. levou a cabo uma manifestação contra o referido "espectáculo" que tanto indigna e rebaixa o valor e o prestígio da Academia.

Ainda para não perverter a tradição, a C.O.Q.F. (Comissão Organizadora da Queima das Fitas) fez a habitual promessa — que acabou por não cumprir — de melhorar o espectáculo, tornando-o mais característico; digo que acabou por não cumprir, porque caracterizar o espectáculo, a meu ver, seria dar-lhe um cunho mais "português" e mais "académico". Se qualquer tourada ou garraiada acaba por ser, em última análise, um espectáculo sádico e degradante, muito mais degradante foi esta garraiada. A violência exercida nos garraios — e nos cavalos, pois a garraiada académica apesar de ser denominada garraiada também tem cavalos — nada teve a ver com aquela que é exercida nos garraios numa garraiada que respeita os moldes tradicionais:

- os garraios foram pontapeados como se se tratassem de bolas de futebol;

- os cavaleiros, completamente inexperientes, falharam várias bandarilhas, o que implicou o jorro de algumas gotas de sangue suplementares;

- os cavalos, principalmente o do primeiro cavaleiro — que era branco e desesperadamente.

Outra novidade foram os burros. Não pensem que estou a falar dos estudantes bêbedos que participaram na pega! Refiro-me ao animal da espécie dos equídeos, primo do cavalo.

É que o burro é um animal que se vê muito por aqui, no meio académico, e a fim de "tornar o espectáculo mais característico" a C.O.Q.F. decidiu levar alguns para a arena.

E como a bebedeira é a rainha da Queima, os burros foram previamente embebedados nos bastidores pois também eles faziam parte da "festa". Chegou-se mesmo ao requinte de levar um deles a beber tanto que até desmaiou!

Finalmente, lá foram empurrados para a arena. Mas os garraios não conseguiram distingui-los dos estudantes — as parecenças são tão grandes que eu por certo também não teria conseguido — e não hesitaram em investir contra os coitados — o que levou a que um deles saísse dali com uma perna totalmente esfacelada.

Pena foi que esta inovação tão original não respeitasse a tradição num pequeno pormenor: é tradição os estudantes bêbedos gostarem de ser fotografados; seria de esperar por isso que também os burros tivessem sido fotografados. Certamente alguém o terá feito. No entanto, a nossa colega da "Cabra" foi violentamente impedida de o fazer por um matulão que montava um dos pobres animais.

Em suma, a C.O.Q.F. conseguiu fazer exactamente o oposto daquilo que se propunha fazer: descaracterizar em vez de caracterizar.

As tradições não são estáticas. Felizmente, o homem, pouco a pouco, aprende a "filtrá-las": e a rejeitar aquelas que considera mais irracionais e cruéis — como por exemplo os autos-de-fé ou os combates de gladiadores.

É pena que desta vez o filtro tenha adquirido um carácter retrógrado e a tradição tenha desencadeado num espectáculo ainda mais vergonhoso para a nossa Academia.

Quanto à manifestação do grupo Ecológico, é de lamentar que não tenham aderido mais pessoas ao movimento. Pois se todos os estudantes que nos disseram ser contra a garraiada tivessem aderido, a manif teria sem dúvida adquirido outro alcance e as suas consequências seriam outras.



É que, assim, ficou-se a pensar que a oposição à garraiada se restringe apenas a um pequeno grupo de estudantes, meia-dúzia de gatos pingados que seguravam cartazes à entrada da arena, quando, na verdade, uma grande maioria da população estudantil se opõe a esse espectáculo cruel.

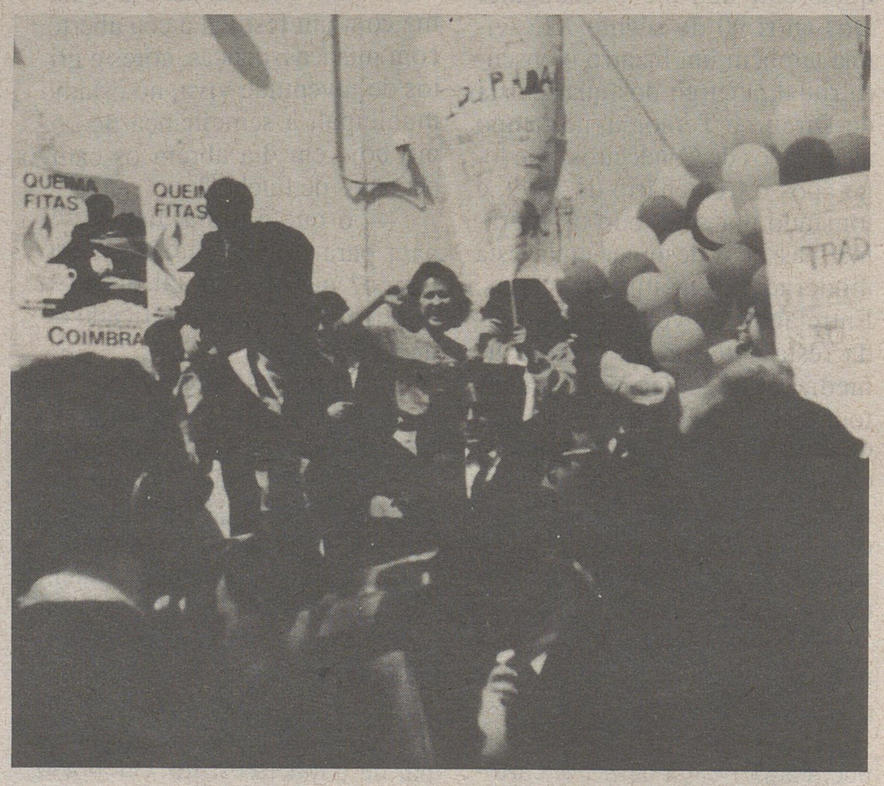
A população de Tomar, fã da tauromaquia, ao ser inquirida pelo Grupo Ecológico, mostrou não estar de acordo com o que tinha acontecido na arena, facto que juntamente com outras atitudes tomadas pelos estudantes acabou por deixar no espírito dos tomarenses uma péssima impressão da personalidade académica.

Só nos resta esperar agora que, no futuro, o apoio dos estudantes seja maior, pois só assim poderemos banir da Academia esta prática vergonhosa que viola directa e abertamente a Declaração Universal dos Direitos dos Animais, proclamada na UNESCO no dia 15 de Outubro de 1978.

David Cruz

O Grupo Ecológico da A.A.C.





FINALMENTE... A PAZ!



CRIAR

Criar criar
estrelas sobre o camartelo guerreiro
paz sobre o choro das crianças
paz sobre o suor sobre a lágrima do contrato
paz sobre o ódio
criar
criar paz com os olhos secos

Criar criar
criar liberdade nas estradas escravas
algemas de amor nos caminhos paganizados do amor
sons festivos sobre o balanceio dos corpos em forcas
simuladas

criar
criar amor com os olhos secos.

Agostinho Neto, *in* "Sagrada Esperança"

ESTE SUPLEMENTO É PARTE INTEGRANTE DE "A CABRA" Nº4 E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

OS ESTUDANTES ANGOLANOS SAUDAM A PAZ EM ANGOLA

A CABRA

CRONOLOGIA

1956— Nasce o MPLA em 10 de Dezembro. A data da sua formação e quem a fundou são dados bastante ambíguos.

1957— Independência do Gana, liderada por Kwame Nkrumah, primeiro país da África Negra a alcançar a independência.

1959— Instalação da PIDE em Luanda; vaga repressiva (*Processo dos 50*)

1960— Chamado *Ano da Independência Africana*. Muitos estados alcançam a independência.

II Conferência dos Povos Africanos em Tunes: presente o MAC (Movimento Anti-Colonial) com Lúcio Lara, Viriato da Cruz e Holden Roberto.

Conselho das Nações Unidas aprova a Resolução 1514, sobre a concessão de independência às ex-colónias.

Prisão de Agostinho Neto.

Primeira direcção do MPLA no exterior: Marco Pinto de Andrade, Viriato da Cruz, Hugo de Menezes, Eduardo dos Santos, Lúcio Lara, Azevedo Júnior e Matias Migueis.

1961— Ataque em 4 de Fevereiro à Cadeia de S. Paulo, em Luanda, liderada por Neves Bendinha e Congo Neves, reivindicado pelo MPLA.

Em Março, a FNLA organiza ataques contra fazendeiros brancos e trabalhadores bailundos. Repressão em grande escala pelo exército português.

Luandino Vieira escreve "Luanda"; Fernando Costa Andrade "Terra de Acácias Rubras"; António Cardoso "Poemas de Circunstância".

Patrice Lumumba é assassinado.

Savimbi adere à UPA.

1962— MPLA constitui o seu primeiro braço armado, *Grupo de Tlemcem*.

Primeira cessão na UPA, Holden com o PDA (Partido Democrático Angolano, de orientação trotskista).

Kwame Nkrumah tenta acordo entre MPLA, UPA e PDA - sem êxito. FNLA rompe as negociações.

Savimbi, na UPA, funda a UNEA (União Nacional dos Estudantes de Angola).

Neto foge da prisão em Portugal e preside ao MPLA.

A UPA forma o GRAE (Governo Revolucionário de Angola no Exílio), com Savimbi como Secretário dos Assuntos Exteriores, Emanuel Kanzica (líder do PDA) Vice-Presidente, e Holden Roberto como Presidente.

1963— MPLA expulsa Viriato da Cruz por *indisciplina que mina a entidade*.

Nasce a OUA, que reconhece a GRAE.

O governo de Leopoldville, hoje Zaire, ordena o fim das actividades do MPLA no seu território. O MPLA muda-se para o Congo, Brazzaville, chefiado então pelo Presidente Massemba-Debat.

MPLA forma FDLA (Frente Democrática de Libertação de Angola), em alternativa à GRAE, mas não é reconhecida pela OUA.

1964— Conferência dos Movimentos para a Libertação de África, em Dar-es-Salaam. Entre outros, estavam presentes a FNLA/GRAE, MPLA, FRELIMO, AZAPU, SWAPO, AZANU, ANC. Eram convidaos de honra Che Guevara e Stokely Carmichael, do poder negro da América.

Demissão de Jonas Savimbi da FNLA/GRAE, em plena conferência da OUA.

1965— Savimbi licencia-se na Suíça, em Ciências Políticas e parte para a Clínica de Treino Militar. Chegam os 11 recrutas que Savimbi escolhe para comandantes de guerrilha.

MPLA começa a actuar no Sul dos Dembos, ameaçando a *Estrada do Café*, Luanda-Carmona, via Caxito.

OUA reconhece o MPLA.

1966— Nasce a UNITA no Natal deste ano.

MPLA, no seu boletim "Vitória ou Morte", diz que a UNITA é um satélite da FNLA.

UNITA ataca Teixeira de Sousa, depois do desastroso ataque a Cassamba.

MPLA abre quarta Região Militar Política na Lunda.

1967— Savimbi fica preso na Zâmbia.

Nasser e Mao-Tsé-Tung apoiam a UNITA.

É publicada a primeira entrevista de Savimbi.

Morte de Deolinda Rodrigues e João Gonçalves Benedito, militantes do MPLA, pela FNLA, no Zaire.

1968— MPLA abre Quinta Frente no Bié e lança as palavras de ordem *Generalização da Luta Armada a todo o Território* e *Todos para o Interior*.

V Conferência da OUA em Argel iguala a FNLA/GRAE ao MPLA.

Salazar é hospitalizado, sucede-lhe Marcelo Caetano.

1969— II Congresso da UNITA.

1970— Papa Paulo VI recebe Agostinho Neto, Amílcar Cabral e Marcelino dos Santos.

Contestação no seio do MPLA -



"A CABRA": O que sente pela assinatura formal dos acordos de paz em Angola? E que futuro ambiciona para este país com a chegada da tão esperada paz?

João Paulo N´Ganga

Natasha Martins, cabo-verdiana, 3º ano de Medicina: Penso que a paz é boa e tem muitas possibilidades de durar e prosseguir. Se se conseguir ir para a frente será ainda melhor.

Jorge Baquissy, angolano, 3º ano de Medicina: Apessar de um previsível sobressalto do eleitorado e de confusões, posteriormente a estabilidade irá prevalecer. Com o galope de empresas estrangeiras e com os problemas do enquadramento dos técnicos, etc., o arranque do desenvolvimento de Angola dependerá principalmente do envolvimento e apoios estrangeiros. Mas é importante que os angolanos acreditem em si próprios, pois somos mais capazes do que aquilo que pensamos. Priorizaria, em termos de relações entre países, as com os que têm semelhanças culturais connosco, nomeadamente os africanos.

Joaquim Espada, português, 1º ano de Engenharia Civil: Já não era sem tempo! Portanto, devagar e bem.

A. Mendes de Carvalho, angolano, 3º ano de Medicina: Os acordos significam, para já, paz e esperança, apesar das dificuldades que possam surgir, principalmente da integração dos soldados do MPLA e da UNITA. Acredito que poucos, ou mesmo nenhum povo, terá desejado mais a paz do que o angolano. Portanto, devemos agarrar-nos a esta oportunidade para que o processo não descarrile e possamos mostrar os valores até agora obscurecidos pelo tempo de guerra.

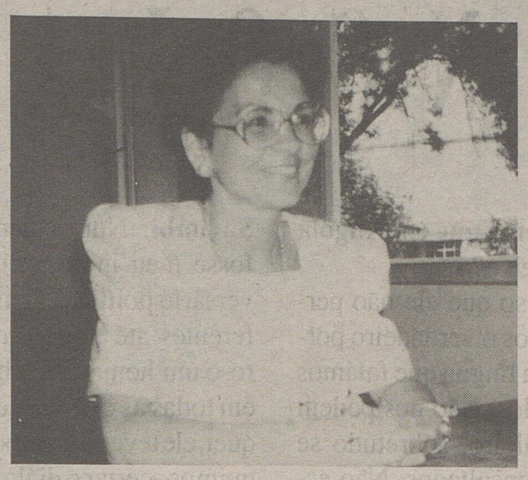
Cristina Marta Gonçalves, portuguesa — de Évora—, 2º ano de Física: É muito boa a chegada da paz para Angola. É um período difícil, mas Angola possui condições para se desenvolver. A questão é saber se irão aproveitar...

Emanuel Santos, cabo-verdiano, 4º ano de Medicina: É muita alegria saber que a paz foi assinada em Angola. O povo angolano está farto da guerra e quer unir os seus esforços para o desenvolvimento do país. A vontade do povo é tão grande, que penso ser determinante para o sucesso do processo de paz e o futuro de Angola.

António Dias dos Santos, angolano, 1º ano de Ecologia: Penso que a paz se vai consolidar, nao obstante as dificuldades, e acredito que, pela nossa riqueza material e humana, Angola a curto e médio prazo prosperará.



OS ESTUDANTES ANGOLANOS SAUDAM A PAZ EM ANGOLA



Fátima Roque, licenciada na Faculdade de Economia de Luanda, pertenceu ao MPLA entre 69 e 74. Depois, aderiu à UNITA, onde, no último Congresso daquele movimento, se tornou coordenadora da política económica e financeira daquele movimento. Por outras palavras, futura Ministra da Economia caso a UNITA vença as eleições.

"A Cabra" Como Coordenadora da economia e finanças da UNITA qual o vosso programa económico para relançamento da economia angolana?

F. Roque: Quando ganharmos as eleições, pois eu estou totalmente convicta deste facto, a UNITA defende uma alteração radical do sistema económico que vigora em Angola desde 1975; defendemos uma economia de mercado, a livre afectação de recursos, acreditamos na força inovadora e disciplinadora da concorrência. No entanto, numa sociedade como a angolana, onde os sistemas produtivos estão completamente desactivados, em que os mercados não funcionam, em que há um elevado grau de analfabetismo, de mutilados, de populações deslocadas, em que os transportes e as comunicações, tudo isto foi praticamente destruído, sei e tenho plena consciência, que não será fácil, nem seria moralmente aceite uma transição radical e imediata para uma economia de mercado, mas, este é um objectivo que a UNITA se propõe alcançar. Preconizo a curto prazo um papel interventor do Estado, relativamente mais activo e importante do que seria de esperar numa economia de mercado, mas devido aos problemas citados terá que ser assim.

"A Cabra": Qual a sua opinião sobre as reformas feitas pelo actual Ministro das Finanças de Angola Aguinaldo Jaime?

F. Roque: Acho-o competente, pelo que sei honesto, pensa sinceramente estar a contribuir para uma alteração harmoniosa da economia angolana. No entanto, devo frisar, ele é fruto de uma teoria marxista, de um sistema comunista e de um sistema de economia planificada de direcção central; portanto uma coisa é ele dizer que defende a economia de mercado e outra coisa é acreditar na economia de mercado. Portanto há grande diferença entre dizer-se que se quer e alcançar o que se quer. Por muito competente que seja e acredito que sim, pelo que tenho lido e ouvido através da televisão não considero que ele possa ter êxito na medida em que está inserido num sistema que é contraditório, centralizado sob o ponto de vista económico e marxista sob o ponto de vista politico.

"A Cabra": Quais são os estímulos da UNITA com vista ao regresso dos quadros angolanos residentes no exterior?

F. Roque: Nós somos suficientemente realistas para saber que, apesar de haver uma grande saudade de Angola, da Pátria, o regresso se fará em 3 fases:

Aqueles que não tiveram qualquer sucesso e tiveram imensas dificuldades de adaptação à sociedade portuguesa, estes irão regressar imediatamente com relativa estabilidade.

Os que tiveram um relativo sucesso em termos profissionais, esperarão algum tempo para ver se de facto a paz lhes dá condições de trabalho para poderem viver com dignidade.

O 3º grupo, são os que se conseguiram inserir quase totalmente pois, citando um ditado popular de Angola "Quem bebeu água do Bengo nunca mais se esquece". Tem de voltar. Estes vão de facto esperar mais algum tempo até que considerem que estão reunidas as condições efectivas para que o seu regresso se possa fazer, condições pelo menos compatíveis com as que tinham no país que os recebeu anteriormente.

"Cabra": A UNITA tem anunciado que indemnizará os portugueses, o que pensa desta situação? Como, e porque razões?

F. Roque: Não foi a UNITA que nacionalizou ou expropriou bens dos portugueses em 1975, foi o MPLA governo da RPA, e nós pensamos que muitos destes casos foram injustos e, quando ganharmos as eleições, iremos analisar estes casos.

"A Cabra": Qual seria o critério de selecção da UNITA na escolha dos seus parceiros comerciais? Priorizaria Portugal?

F. Roque: Desde que estejam em sintonia com a abordagem que a UNITA preconiza em termos económicos, que estejam em conformidade com os interesses de Angola, não temos qualquer problema em comercializar, em estabelecer relações económicas com qualquer país. Não damos prioridade a nenhum país, mas sabemos que sem a colaboração portuguesa a reabilitação e administração de Angola será tremendamente mais difícil, mas colocamos os interesses de Angola em primeiro lugar.

Movimento de Reajustamento.

Morte de David Samwimibla Clungungi, membro do Bureau Político da UNITA.

1971— VII Conferência da OUA, realizada em Adis-Abeba, retira o reconhecimento à GRAE.

Pepetela escreve "Mayombe".

Grande crise no MPLA originada pela *Rebelião do Leste*, e críticas ao presidencialismo de Neto.

1972— Negociações entre a UNITA e o Governo Português.

MPLA e FNLA chegaram a acordo e criaram o Conselho Supremo da Libertação de Angola (CSLA), presidido por Holden Roberto.

1973— Viriato da Cruz, um dos fundadores do MPLA morre, em Pequim.

III Congresso da UNITA, no Vale do Lungu-Bungue.

1974— Morte do Chefe do Estado Maior da UNITA, Samuel "Kafundanga" Chingungi.

Spínola publica "Portugal e o Futuro".

Golpe de estado derruba Marcelo Caetano em Portugal.

Rosa Coutinho embarca para Angola como Alto Comissário, para preparar o processo de independência; A FNLA pede a sua exoneração, que é aceite por achar que beneficiava o MPLA.

A revista "Afrique-Asie" publica cartas entituladas "A longa traição da UNITA", uma série de cartas trocadas entre a organização de Savimbi e o exército português.

MPLA: nova crise (*Apelo dos 19*) origina *Revolta Activa*, depois dos grupos terem dizimado o *Movimento de Reajustamento*.

Congresso do MPLA busca 400 delegados de Neto, 165 de Chipenda e 70 da *Revolta Activa*. Desentendimentos. Joaquim Pinto de Andrade adere à *Revolta Activa*. Acordo no Luso, entre o MPLA e a UNITA, assinado por Neto e Savimbi.

XI Cimeira dos Chefes de Estado da OUA concede à UNITA uma ajuda de 32 mil dólares.

1975— MPLA expulsa do seu seio a *Revolta do Leste*, de Daniel Chipenda, que adere à FNLA.

FNLA, MPLA e UNITA assinam os acordos de Mombaça, reconhecendo-se reciprocamente.

Assinatura dos Acordos de Alvor, que preconizam a independência em 11/11/75.

Cimeira de Nassau, sobre os auspícios de Gono Keniatta, para realização de eleições e criação do exército único.

MPLA, UNITA e FNLA envolvem-se em violentos confrontos em Luanda. MPLA controla a capital e o governo de transição.

MPLA proclama a República Popular de Angola, em Luanda, em 11/11/75. UNITA e FNLA proclamam a República Democrática de Angola, no Huambo.

Cuba envia militares cubanos a Angola, na chamada *Operação Carlota*. Entrada em Angola dos sul-africanos.

1976— Ofensiva militar do MPLA/Cubanos.

UNITA em dificuldades.

Angola é admitida na OUA.

Portugal é o 88º a reconhecer Angola.

O Carnaval é alterado para coincidir com a saída dos sul-africanos. Prisão dos elementos da *Revolta Activa* com excepção de Joaquim Pinto de Andrade.

1977— Tentativa de golpe de estado em Luanda, liderada por Neto Alves, que desaparece na cadeia.

Intervenção cubana e Neto afirma: "A ditadura será um pouco mais dura.".

I Congresso do MPLA transforma-o em Partido do Trabalho, de orientação marxista-leninista.

IV Congresso da UNITA.

Invasão do Shaba através de Angola.

1978— Sul-africanos bombardeiam Lubango e massacram Cassinga.

Neto morre em Moscovo. Sucede-lhe Eduardo dos Santos. A FNLA é forçada a abandonar o Zaire.

1981— UNITA estabelece-se na Jamba.

Sul-africanos ocupam Cunene.

UNITA ocupa Mavinga.

Acordo entre Luanda e Pretória para retirada das tropas sul-africanas.

1985—FNLA abandona oficialmente a luta armada.

EUA levantam "Emenda Clark", que impedia apoio oficial à UNITA.

Congresso do MPLA.

1989— Cubanos iniciam a retirada. Eduardo dos Santos e Savimbi apertam a mão em Gbadolite.

1990— Congresso dos quadros angolanos no exterior. Morre Mário Pinto de Andrade, um dos fundadores do MPLA.

III Congresso do MPLA consagra o multipartidarismos no primeiro trimestre de 1991.

Savimbi visista Portugal.

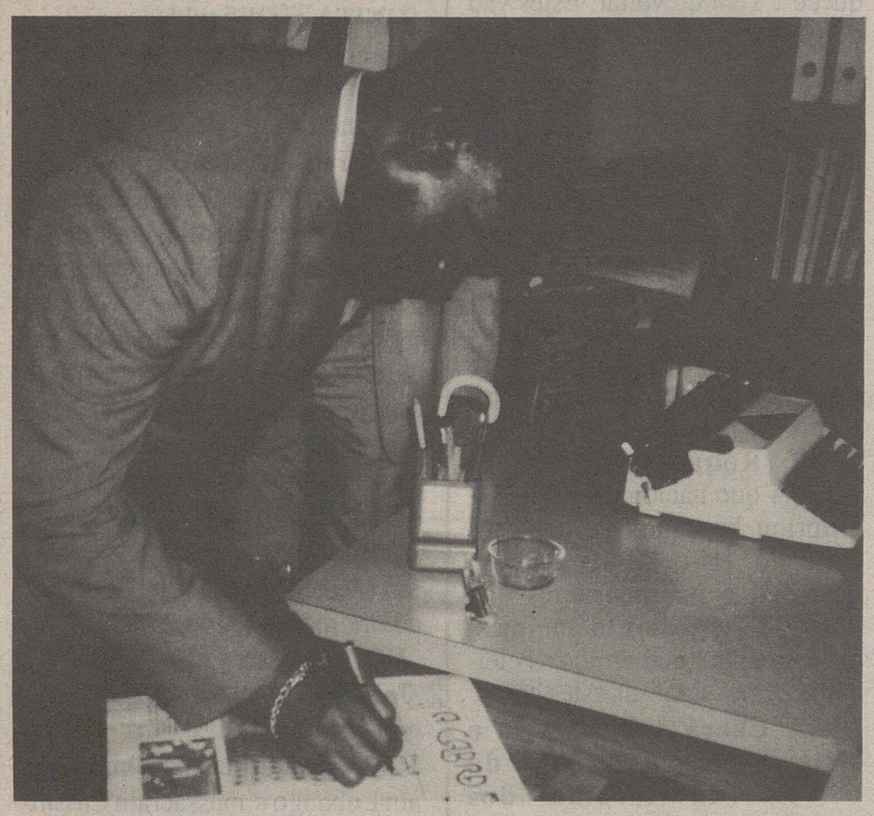
Fundação da Associação Cívica Angolana, dirigida por Joaquim Pinto de Andrade.

MPLA e UNITA encontram-se pela primeira em Évora.

1991— Dia 31 de Maio: Acordo formal de cessar-fogo entre o MPLA e a UNITA.

OS ESTUDANTES ANGOLANOS SAUDAM A PAZ EM ANGOLA

QUE PAZ PARA A ANGOLA?



Jonas Savimbi, presidente da UNITA, ex-estudante em Lisboa de 1958 a 1960 fez, na sua passagem por Coimbra, o ponto da situação sobre a paz em Angola e falou das perspectivas e expectativas do seu movimento antes das eleições no seu país.

R.U.C.: Foi bem recebido na AAC?

Jonas Savimbi: Tive uma calorosa recepção. Sempre ambicionei estar cá na Universidade de Coimbra, uma das mais antigas da Europa. Eu estive cá e em Lisboa dois anos, tenho uma licenciatura em Ciências Políticas da Universidade de Lausanne, na Suíça. E é com prazer que visito a AAC.

R.U.C.: O dr. Jonas Savimbi afirmou, ao ser recebido pela DG e o Presidente da AAC, que a juventude sempre foi contestatária. Como é que, no seu tempo de estudante, formou as bases para ser o que é hoje?

Savimbi: Nós também fomos contestatários. Nunca fomos conformados. Estive em Lisboa entre 1958 e 1960 a estudar, fui preso duas vezes pela PIDE, por não concordar com o sistema. E eu distribuía os poemas do dr. Agostinho Neto. Comecei ali, mas cheguei à conclusão de que, naquela luta, tinhamos que mudar os métodos, pois só se dialoga com quem quer dialogar. Hoje tenho filhos já com 18 anos e também sou contestado por eles. Quando lhes digo, por exemplo, que devem ir à Igreja, não aceitam, mas não imponho. Eu compreendo-os e acho que devemos cooperar com eles. Por isso a juventude é contestatária, porque traz ideias novas, e os mais velhos devem opinar e não obstruir.

R.U.C.: Concretamente, pode-se então esperar um aumento da bolsa e do apoio aos estudantes angolanos, caso ganhe as eleições?

Savimbi: Quando formos proximamente a Luanda, levantaremos este problema, e hoje não nos interessa se são do MPLA ou da UNITA, mas que são estudantes angolanos. Temos tido um diálogo aberto com o Presidente José Eduardo dos Santos. Levantaremos o problema, se teremos êxito ou não, não sei, mas colocarei a questão. E, se formos governo da RPA, será com certeza uma das nossas prioridades.

R.U.C.: Mas a UNITA terá uma ideologia próxima ao CDS, ou a formação será apenas técnica?

Savimbi: Nós queremos uma formação essencialmente técnica, pois as pessoas não têm ideia de como se faz uma campanha eleitoral, como se enquadram as pessoas, é fundamentalmente isso e não uma questão de identidade ideológica, mas sim técnica.

R.U.C.: O CDS e a Fundação Adenauer são Democracias Cristãs. Como acha que, em Angola, se verá esta associação da UNITA?

Savimbi: A maior parte da população angolana é cristã, existe uma minoria que é protestante e os outros são animistas. Mas o animismo não constitui uma forma de religião, é uma forma de crença, mesmo os católicos e protestantes, no fundo, são animistas. É a Igreja que tem formado muitos dos quadros angolanos. A elite angolana sai das Igrejas Protestantes e Católicas. Portanto, isto irá ajudar imenso o nosso Movimento.

R.U.C.: No Jornal de Notícias de hoje, um elemento da UNITA teceu duras críticas a Joaquim Pinto de Andrade, líder da ACA. Acha que há espaço político em Angola para mais uma força?

Savimbi: Deve ter sido o nosso Ministro da Informação, através da nossa emissora. É necessário que os outros partidos definam o seu espaço político positivamente, o que têm como programa que os diferencie da UNITA e do MPLA. Acho, pois, que Joaquim Pinto de Andrade foi infeliz, pois definiu o MPLA e a UNITA como indivíduos tendo *as mãos sujas de sangue*.

R.U.C.: O problema vivido no leste europeu, não dificultará a imigração de quadros europeus, nomeadamente portugueses, para Angola?

Savimbi: No âmbito particular e no âmbito global, penso que não. Aparentemente sim, mas os factos desmentem isto. África tem relações seculares com a Europa, e se nós organizarmos melhor a nossa economia, a estabilizarmos, nós temos mais a oferecer do que o Leste europeu ou a Europa Central. Por isso estou confiante.

R.U.C.: Por que motivos o sr. dr. se insurgiu contra o Acordo Ortográfico? Teme que em Angola se fale brasileiro?

Savimbi: Penso que ele não permite mantermos o verdadeiro português, que é a língua que falámos durantes séculos. Não nos podem impor o brasileiro, sobretudo se não formos consultados. Não esqueçamos que, apesar dos 150 milhões de habitantes no Brasil, Portugal detem a originalidade da língua e não devemos viciá-la.

R.U.C.: A propósito do histórico aperto de mão a finalizar os Acordos do Estoril: o que se sente ao apertar a mão a quem esteve sempre do outro lado?

Savimbi: Já houve um aperto de mão em Gbadolite, em 22 de Junho de 1989, que não resultou. Não houve da minha parte tanta emoção, mas conseguimos quebrar o gelo. Conversámos uma hora e acho que a UNITA, como oposição mais importante ao Governo angolano, se está a dar bem.

R.U.C.: Qual a ideia que o sr. dr. faz do Presidente José Eduardo dos Santos?

Savimbi: É reservado, ele diz que eu falo muito e eu acho-o reservado e é assim que nos vamos entender. Faremos um par útil.

R.U.C.: Quer dizer que mudou a sua opinião em relação a ele?

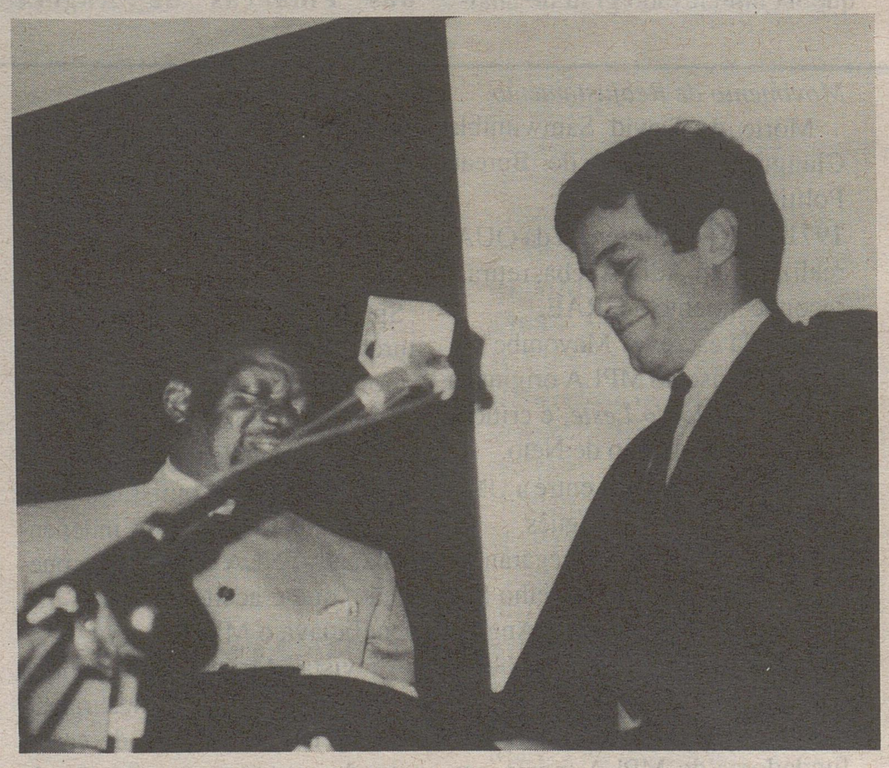
Savimbi: Nunca pensei que ele fosse meu inimigo, mas sim adversário político. Temos ideias diferentes até agora, mas considero-o um homem de abertura, pois, em todas as questões que lhe coloquei, ele teve uma resposta, e conseguimos acertar o diálogo entre nós.

R.U.C.: Sabemos que recebeu hoje uma mensagem do Presidente Mário Soares. Qual o teor da mesma?

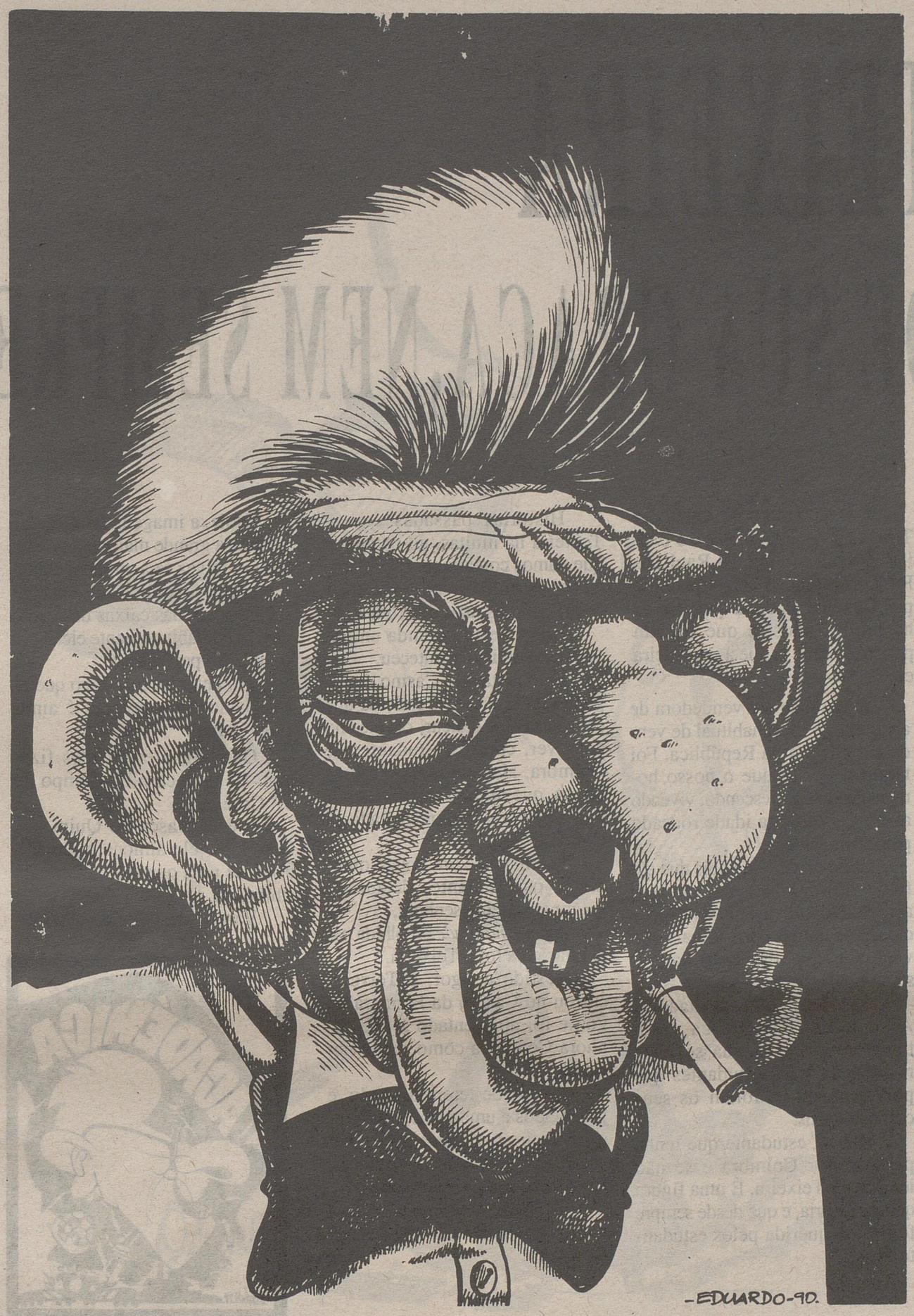
Savimbi: O Presidente da República é um amigo, mesmo antes de ser Presidente, conhecia-o bem. Também sou amigo da sua família, peço-lhe certos contactos, nomeadamente em Paris, que ele se ofereceu para viabilizar. Agora recebi a resposta, se sim ou não, não é nada dramático.

R.U.C.: Dentro de quanto tempo Angola poderá ser um país próspero?

Savimbi: Se trabalharmos bem, teremos, dentro de seis meses a paz, e, dentro de três anos, teremos reestruturado um pouco o nosso sistema económico de distribuição e comunicação, por isso pensamos que, em cinco anos de mandato, assentaremos as bases da nossa vida económica, cultural e social.



OS ESTUDANTES ANGOLANOS SAUDAM A PAZ EM ANGOLA



Teixeira.
Um símbolo.
Um crava.
Um amante da cerveja.
Desconhecer o Teixeira em Coimbra
é impossível.
Nunca lhe ter dado uma moedinha
não é por certo menos raro.
"— Oh sócio, uma moedinha!"
Se a dita não cai, logo o Teixeira
desfila um rol de presságios:
"— Vais chumbar!"
"— Vais p´rá tropa!"
Quem não recorda as suas brilhantes
intervenções nos Saraus Académicos?...
Ou os seus pedidos para os Bombeiros?...
Teixeira.
É já uma instituição.
Uma ponte viva
entre o passado e o presente.
Teixeira.
Vai uma *lambreta*?

ESTE SUPLEMENTO É PARTE INTEGRANTE DE "A CABRA" Nº4 E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

SEMANA DE VERÃO

24 - 6 a
29 - 6

SEGUNDA FEIRA (24 - 6)

NÃO PERCAS A

A NOITE DE ESPUMA

PREPARA-TE

VIA LATINA

A CABRA



TEIXEIRA
DE SUA GRAÇA, NEM SEMPRE

A 9 de Março de 1926, em Torres do Mondego nasce e baptiza–se com o nome de Raul dos Reis Carvalheira. É conhecido por Teixeira, alcunha que vem de há muitos anos, e que foi um pouco alterada já que a verdadeira era *Tacheira*.

A sua mãe era vendedora de arrufadas, e local habitual de venda era a Praça da República. Foi também por aí que o nosso homenageado foi crescendo, vivendo assim desde tenra idade rodeado pelos estudantes.

Cresceu, e a vida quis que ele fosse ardina. De voz rouca e arrastada, ele apregoava pela cidade as notícias dos jornais que vendia e que lhe garantiam o sustento.

Sem nunca se ter afastado da Associação Académica, esta transformou–se na sua segunda residência. E os estudantes que por aí passaram foram os seus companheiros.

Não há estudante que tenha passado por Coimbra e se não lembre do Teixeira. É uma figura quase lendária, e que desde sempre foi muito querida pelos estudantes.

Histórias passadas com o Teixeira há muitas, no entanto a que vamos contar aqui foi, quanto a nós, (permita-se–nos essa liberdade) uma das mais divertidas.

Era o Teixeira ainda um jovem quando isto aconteceu.

Frequentava o Casino da Figueira da Foz uma Condessa que se escusava a dançar, ou mesmo conviver, com os estudantes de Coimbra, alegando, entre outras coisas, que usando capas eles por vezes não eram tão respeitadores como deviam.

Sentindo–se um pouco ofendidos, os estudantes decidiram *vingar–se* da dita senhora.

A *personalidade* escolhida para a façanha foi o Teixeira.

Vestido a rigor, o Teixeira entrou no Casino da Figueira da Foz e foi apresentado à dita senhora Condessa como sendo um Conde.

Depois de terem dançado, e já sentados a uma mesa, o empregado abeirou–se deles para saber o que desejavam beber, e o Teixeira, sem mais, respondeu:

— Pode ser um *pirolito com bola* para a senhora e um bagaço para mim.

Hoje, a imagem do Teixeira, perante a grande maioria dos estudantes, talvez seja um pouco diferente, já que muitos deles apenas o conhecem das caixas das cantinas, onde habitualmente ele *crava* o dinheiro para a bica.

No entanto, o carinho que os estudantes têm por ele é ainda hoje visível.

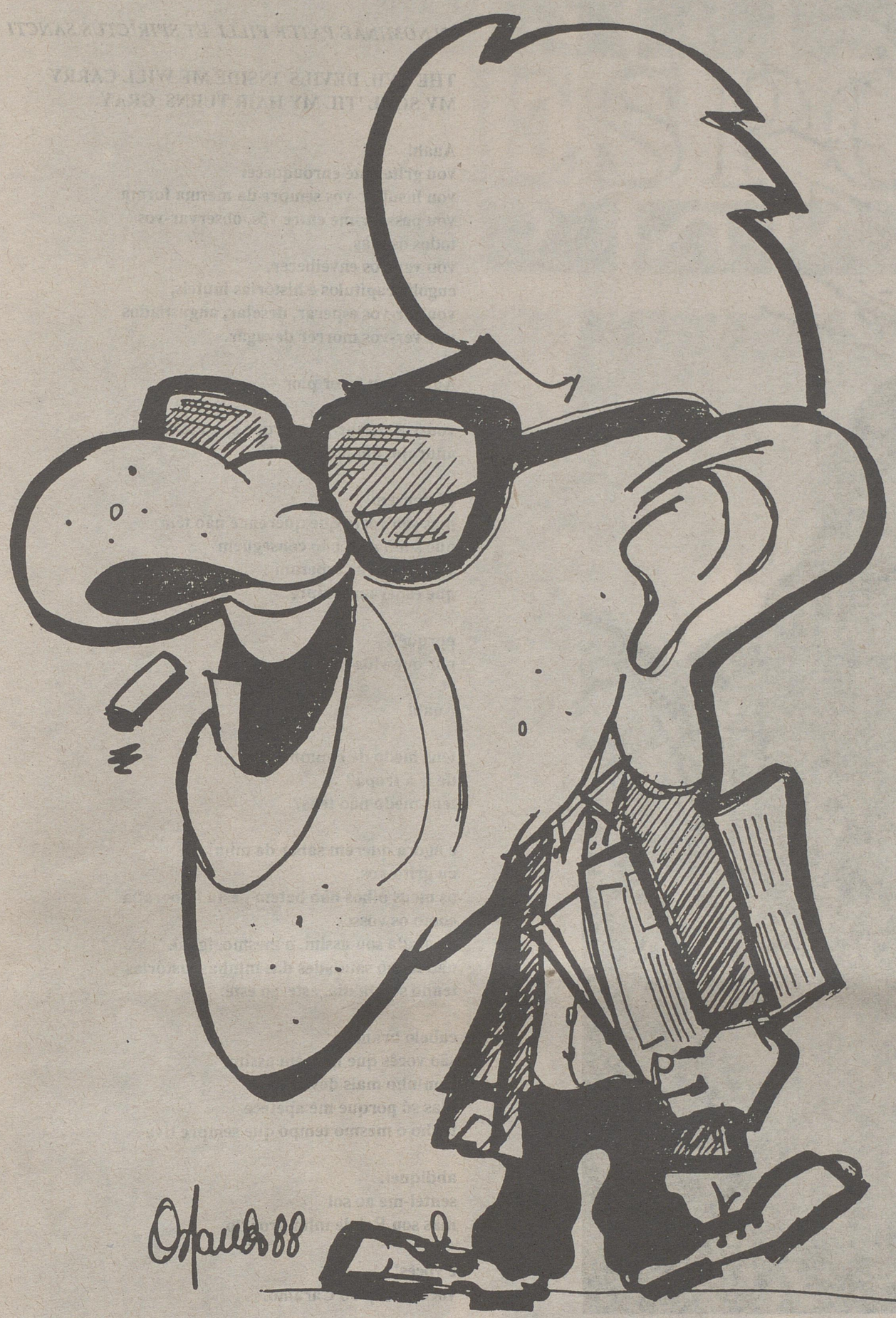
Os antigos estudantes fizeram–lhe uma casa no Campo de Stª Cruz.

E é na Tasca do Quim dos Ossos que ele almoça e janta, a troco de uma quantia meramente simbólica.

Vamos acarinhar o Teixeira.



SEMANA DE VERÃO
24 - 6 a 29 - 6
DIAS 26 - 6 e 29 - 6
NOITES DO MAR
QUARTA FEIRA COM SARDINHA
SEXTA FEIRA COM CERVEJA E MARISCO
VIA LATINA



QUEM



É QUEM

NÚMERO 6859769 | EMITIDO EM 4/09/1986 | LOCAL DE EMISSÃO LISBOA

NOME
RAÚL DOS REIS CARVALHEIRA

FILIAÇÃO
JÚLIO CARVALHEIRA * BEATRIZ DOS REIS

NATURALIDADE
SANTO ANTÓNIO DOS OLIVAIS * COIMBRA

RESIDÊNCIA
COIMBRA (SÉ NOVA) * COIMBRA

DATA DE NASCIMENTO 9/09/1926 | ESTADO CIVIL SOLTEIRO | ALTURA 1,60 | VALIDADE VITALÍCIO

INDICAÇÕES EVENTUAIS

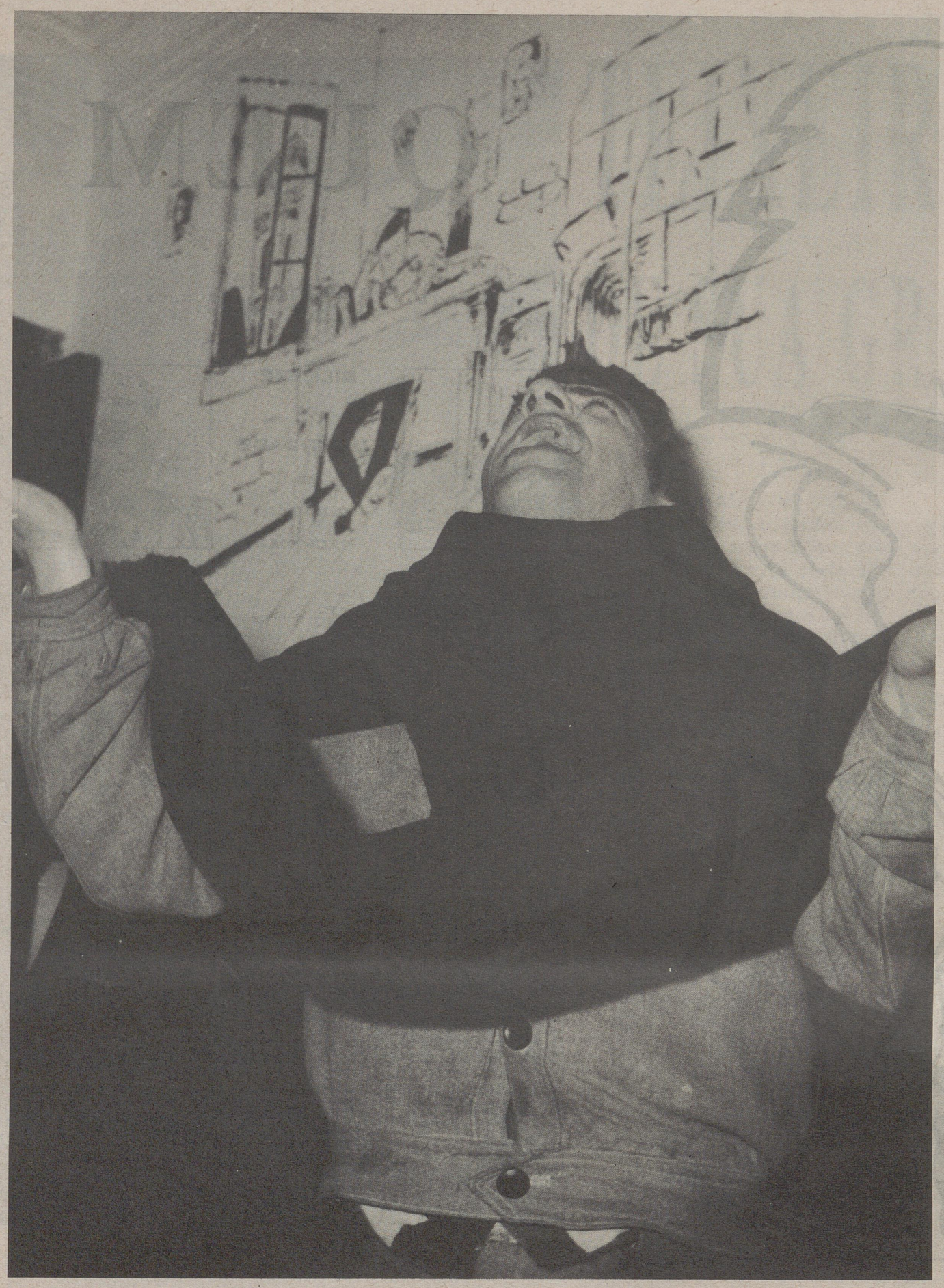
CENTRO DE IDENTIFICAÇÃO CIVIL E CRIMINAL

SEMANA DE VERÃO

24 - 6 a
29 - 6

TERÇA FEIRA (25 - 6)
NOITE
QUINTA FEIRA (27 - 6) **DO SURF**
NOITE DA T. SHIRT

VIA LATINA



IN NOMINAE PATER FILLI ET SPIRICTUS SANCTI

**THE EVIL DEVILS INSIDE ME WILL CARRY
MY SOUL 'TIL MY HAIR TURNS GRAY.**

**Aaah!
vou gritar até enrouquecer
vou insultar-vos sempre da mesma forma
vou passear-me entre vós, observar-vos
todos os dias,
vou ver-vos envelhecer,
engolir capítulos e histórias inúteis,
vou ver-vos esperar, desejar, angustiados
vou ver-vos morrer devagar.**

Aaah! Vou fazer pior

**vou-vos deixar pensar que sou mendigo,
andrajo, um pobre diabo.**

**vá pensem!
mas são vocês que querem e não têm
que sonham e não conseguem
são vocês que esperam
que esperam sempre.**

**porquê?
por que vida?**

Aaah!

**tens medo de chumbar,
de ir à tropa?
tens medo não tens?**

**e agora querem saber de mim!
eu grito-vos.
os meus olhos não batem nesta fotografia
como os vossos
eu ainda sou assim. o mesmo. igual.
não tenho saudades das minhas histórias.
tenho só um dia. este. só este.**

**cabelo branco?
são vocês que me vêm assim.
caminho mais devagar
mas só porque me apetece
tenho o mesmo tempo que sempre tive**

**abdiquei.
sentei-me ao sol
mas sou Rei de mim próprio.**

**e vocês!?
vocês vão p´ró Caralho.**

SEMANA DE VERÃO 24 - 6 a 29 - 6

ÚLTIMA NOITE

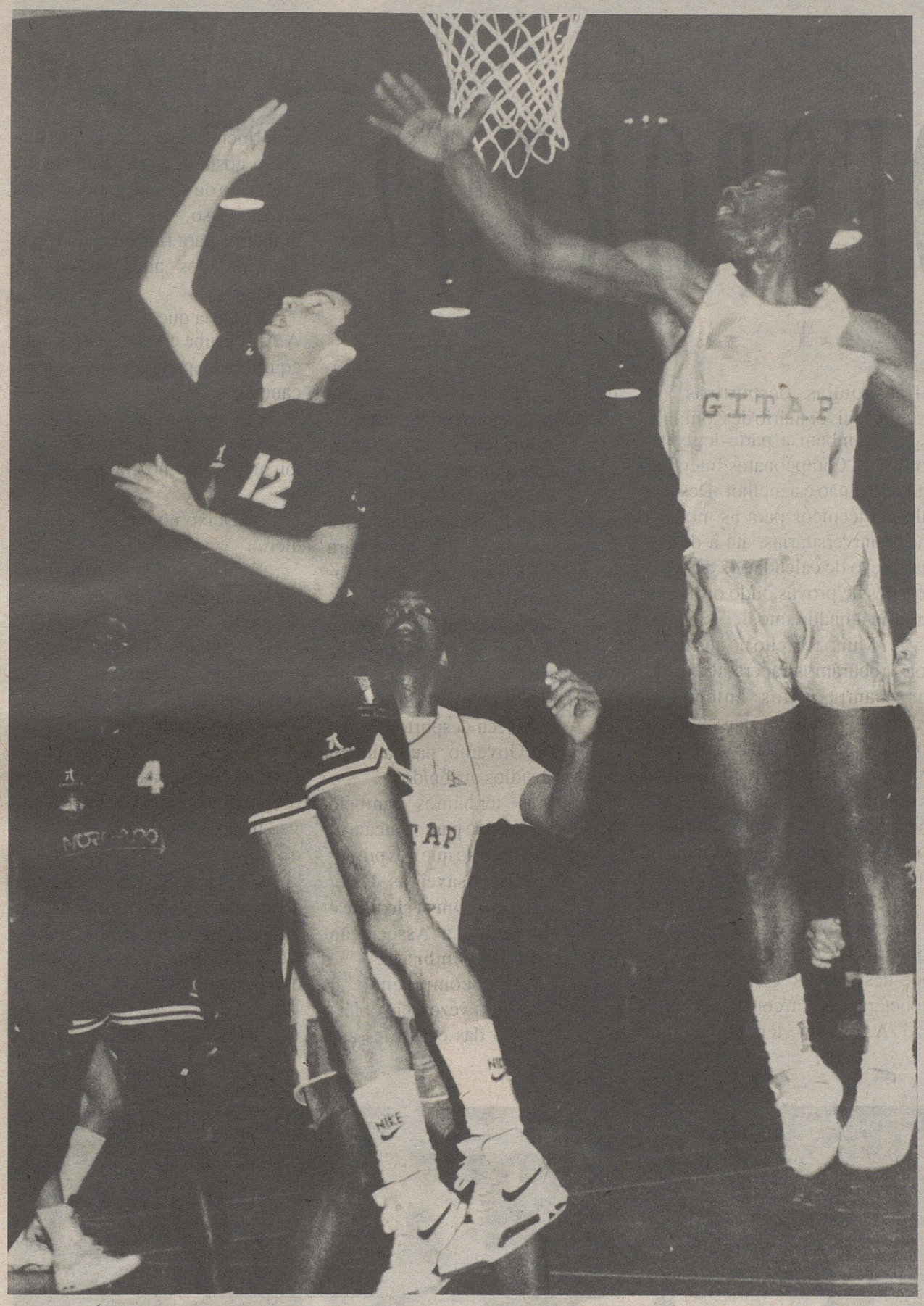
SÁBADO (29 - 6)

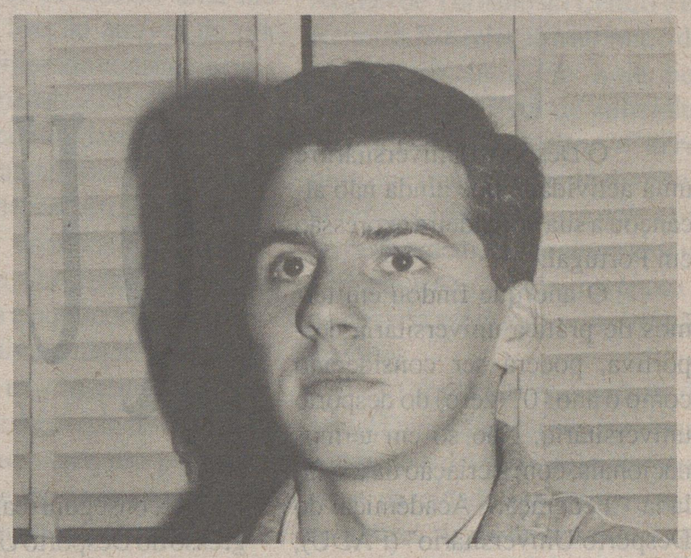
UMA NOITE NA SELVA

VIA LATINA

DESPORTO

J. ALBUQUERQUE
TERRY GOMES





O Estádio Universitário ganha novo fôlego depois da construção do Centro Clínico, e recomeçadas as obras no Pavilhão anexo, fala-se já no início da construção do Pavilhão III, que há sete anos anda para ser construído. No centro de tudo isto está o Filipe Silva, representante da AAC na Comissão Directiva do E.U..

Torneios Abertos

A *Turma do Chuto* (Futebol de Salão) e *Rockopo* (Basquetebol) são as equipas vencedoras.

Ainda nesta edição:

Desportos Náuticos: Estes remadores são loucos.

Ténis: Novo treinador anima Secção.

FADU: O novo Presidente esteve em Coimbra.

Basquetebol

A Académica regressa à 1ª Divisão. Maló de Abreu foi quem conduziu a nau a bom porto, mas as previsões apontam mau tempo no canal, com o mar encrespado. Por ora, Maló de Abreu contesta vivamente os timoneiros da cidade.
Nova Direcção procura-se.

Futebol

Gorada a subida de divisão, a Académica esteve a um passo de ir à final da Taça da AFC.

Assegurado está já o futuro. Em Setembro vão a Itália já com um novo treinador e um novo patrocinador. A Secção de Futebol descobre a Tecla para novas músicas.

ESTE SUPLEMENTO É PARTE INTEGRANTE DE "A CABRA" Nº4 E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

A CABRA

opinião formada

QUE DESPORTO?

O Desporto Universitário é uma actividade que ainda não alcançou a sua verdadeira expressão em Portugal.

O ano que findou em termos de prática universitária desportiva, poderá ser considerado como o ano "0" (zero) do desporto universitário. Não só em termos nacionais, com a criação da tão falada "Federação Académica do Desporto Universitário" (FADU), como também em termos académicos, pois a A.A.C. lançou as bases definitivas para a implantação final desta actividade na nossa Academia.

Olhando o percurso de um ano de existência da FADU, verificamos que o espectro dos campeonatos foi alterado, mantendo-se a sua essência anterior. Se a anterior e extinta "Federação Portuguesa do Desporto Universitário" (FPDU) não servia os interesses dos estudantes e das Associações, pois as pessoas que a ela estavam ligadas não tinham nenhum elo de ligação estudantil e académico; a actual FADU apesar de passar a ser dirigida pelas Associações Académicas, e logo, defender os seus interesses no seio da Federação, permite que elementos ligados ao meio académico, enquanto estudantes, mas não sendo dirigentes associativos, possam fazer parte dos corpos gerentes da FADU.

Desde logo, ressalta a questão: haverá representatividade de uma Associação no orgão federativo, através de um elemento que pertence ao seu meio académico, enquanto estudante, mas que não foi legitimado por essa Associação, na medida em que não foi eleito, escolhido, nomeado ou indicado por essa Associação?

A resposta é evidente. Às Associações enquanto representantes de um universo de estudantes, e sendo os seus corpos gerentes legitimados, através de sufrágio, por esse universo, cabe definir as suas linhas de orientação e pô-las em prática através dos meios e pessoas tidas por convenientes para alcançar o sucesso dos objectivos determinados.

Ultrapassada esta questão, outra se nos afigura.

Num ano de existência, a FADU conseguiu realizar o "1 Congresso do Desporto Universitário", assim como os Campeonatos Nacionais Universitários, organizados em sistema de fim-de-semana na sua parte final.

Em termos de orientação desportiva, a FADU, conseguiu fazer o que a anterior FPDU, fazia. Isto é, não existe ainda um director técnico nacional para o desporto universitário.

Na área da prevenção médica dos atletas, ainda não passámos da estaca "0" (zero). Neste aspecto, é de realçar que a A.A.C. conseguiu elaborar um protocolo com uma seguradora para cobrir as despesas de tratamento aos atletas universitários, vítimas de lesões.

Quanto à atribuição de subsídios, a FADU ainda não se pronunciou.

Em suma, o que será do nosso desporto universitário? Uma incógnita que nem a própria FADU consegue descortinar.

Mas nem só da FADU o desporto padece.

A nível local, a A.A.C. ainda não conseguiu lançar-se na entrega total que o desporto universitário exige. Vários são os factores que impossibilitam a sua realização.

Desde logo, o factor "espaço para a prática desportiva". Se, por um lado, a Universidade de Coimbra não conseguiu chegar a um consenso sobre a necessidade de haver desporto nos seus programas curriculares, por outro lado, a partir das 18 horas de todos os dias, o Estádio Universitário de Coimbra está superlotado com o desporto federado. A juntar a tudo isto, temos o facto de que o número de atletas federados aumenta de ano para ano, o mesmo não se verificando em relação ao "espaço para a prática desportiva", fruto de uma política de não investimento em infraestruturas desportivas no Estádio Universitário de Coimbra.

Também a parte logística dos ditos "Campeonatos Inter-Faculdades" não é a melhor. Desde a falta de técnicos para as modalidades universitárias, até à desactualização de calendários e classificações de provas, tudo orbita no perfeito amadorismo.

Muito foi feito no ano anterior. Procurámos dar credibilidade aos Campeonatos Inter-Faculdades. Os atletas passaram a possuir uma identificação desportiva: uma secretaria para resolver os seus problemas; um corpo técnico para solucionar problemas desportivos e muita boa vontade por parte de alguns elementos da D.G./A.A.C.. Mas tudo isto não chega. É necessário mais apoio, não só por parte da FADU em termos técnico-desportivos como também monetários, assim como da própria D.G./A.A.C. que tem de assumir de uma vez por todas o desafio que se chama desporto universitário.

A luta tem agora de travar-se noutras frentes.

No Senado Universitário, sensibilizando os senadores para a necessidade de incluir "horas para a prática desportiva". Digo "horas", entendidas por nobres (espaço entre as 15 e as 18 Horas).

Na Câmara Municipal, que muito pouco ou nada tem feito para ajudar em termos monetários a A.A.C. e o seu desporto.

No Governo, para aumentar os subsídios atribuídos.

Mas tenhamos também bem presente, que para se alcançar com êxito o desafio que nos propomos, **é indispensável as D.G./A.A.C. gerirem com seriedade e responsabilidade a Associação Académica de Coimbra.**

E aqui compreendo o porquê de muitas vezes não obtermos um apoio das entidades anteriormente referidas. É que ninguém gosta de ver o dinheiro ser mal gasto ou ser mal gerido. E pior do que isso, será utilizar esses dinheiros para fins que não foram os acordados aquando da sua cedência.

Diria que a anterior D.G./A.A.C. soube encontrar a fórmula equilibrada para o êxito que alcançou.

Espero, muito sinceramente, que esta D.G. consiga alcançar tamanho êxito no campo desportivo.

Deixo no entanto aqui um alerta.

Não podemos de forma alguma menosprezar ou atrofiar o desenvolvimento do nosso desporto federado (nossas secções) que ao longo de todos estes anos de existência, deu à A.A.C. o prestígio que ela hoje grangeia.

A solução terá de passar pela existência das duas vertentes, desporto federado e desporto universitário, sem atropelos de ambas as partes.

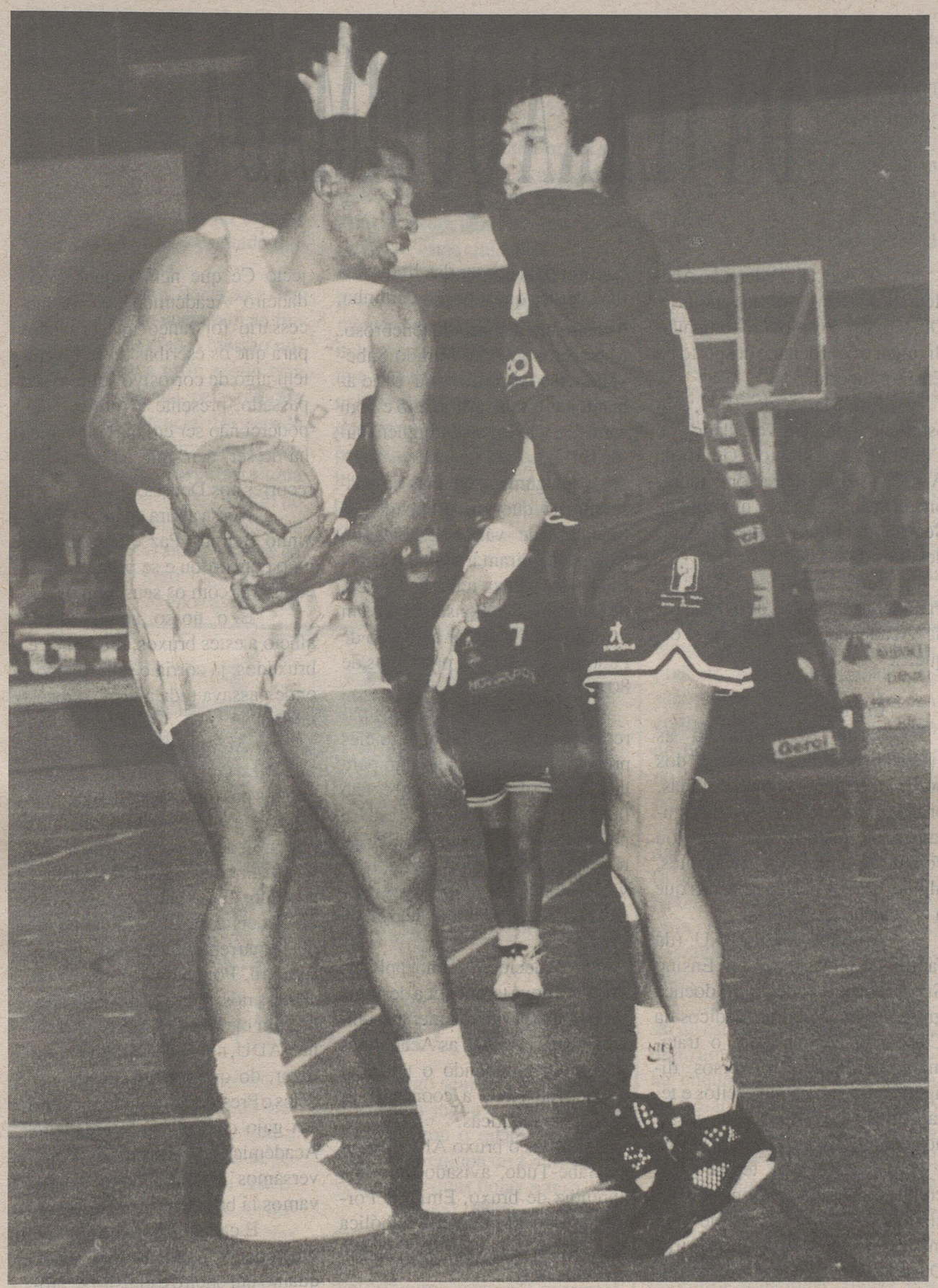
Esta D.G./A.A.C. está predestinada a transformar-se no motor do Desporto Universitário.

Só o futuro dirá se vão obter o êxito esperado.

FILIPE ABREU SILVA



O REGRESSO Á 1ª DIVISÃO



É muito difícil trabalhar em Coimbra, tenho defendido, e defendo hoje mais do que nunca, que tal não se deve a uma cidade madrasta como toda a gente diz, mas sobretudo aos homens que estão à fente da cidade.

Foi com estas palavras que o dr. Maló de Abreu, Presidente da Secção de Basquetebol, fez sentir no jantar de homenagem organizado pela DG/AAC o seu pesar pelo total alheamento da cidade neste momento histórico da subida da Académica à 1ª Divisão Nacional de Basquetebol.

O Basquetebol acaba de escrever mais uma bela página no historial desportivo da AAC e da cidade. Um feito duplamente prestigioso. A grande Final foi contra o Naval. O jogo foi de muitos nervos e impróprio para cardíacos do primeiro ao último segundo, com a Académica a conseguir a vitória pela diferença mínima, após suada luta. Este foi o jogo que decidiu qual das duas equipas subiria ao escalão maior. Já no jogo com o Seixal, o vencedor da zona Sul, o clima era de festa e se bem que renhidamente disputado, o estado de espírito dentro e fora do campo era outro. No fim, e como é usual dizer-se, juntou-se o útil ao agradável. Depois de alcançada a subida de divisão, a conquista do Campeonato Nacional da 2ª Divisão foi um prémio justo para todos aqueles que há três anos carregavam um sonho. Nestes termos se referiu o dr. Maló: **A subida foi o concretizar de um sonho**. O dr. não se continha no seu entusiasmo e referiu à nossa reportagem: **Foi uma das maiores alegrias que tive na minha vida, foram três anos de luta, de dificuldades... mas conseguimos.**

Ganha a aposta feita nos jogadores americanos, que em anos anteriores se revelaram uma má escolha, a Secção através de um plantel equilibrado conseguiu o almejado regresso.

Os efeitos desta subida não foram, no entanto, os que à primeira vista se poderiam esperar. Em vez de renovar energias e catapultar vontades, a Direcção da Secção opta por um ataque cerrado às entidades oficiais da cidade. O dr. Maló de Abreu, num discurso deveras mordaz, não se coibiu de dizer: **Há pessoas que nasceram para servir o país e há pessoas que nasceram para servir à mesa, possivelmente estão pessoas a servir o país que deveriam estar a servir à mesa**. Mas se o Presidente da Câmara está na primeira linha de acusação do dr. Maló de Abreu, este não descura outras entidades que, segundo ele, têm responsabilidades em apoiar o Basquetebol. São os casos do Governo Civil, da Direcção-Geral de Desportos, da Região de Turismo do Centro e da Reitoria. Em relação à última, o dr. Maló acrescentou: **Eu hoje, por exemplo, vi a lista de subsídios atribuídos pelo Reitor e arrepiou-me um bocado, dá direito a arrepio**. O desencanto é pois a palavra de ordem, numa altura emque a preparação da próxima época é ou deveria ser já uma preocupação de todos.

Terminado o mandato da actual Direcção, esta não apresenta condições, devido à falta de interesse da cidade em apoiar, para continuar. Aguarda assim que novas vontades surjam, a fim de possibilitar uma presença condigna da Secção na 1ª Divisão. Contratos com jogadores ainda não há, mas, nas palavras do dr. Maló **a equipa está pronta, espera apenas que surja uma nova Direcção.**



Queres ir para a Direcção?

Esta tem sido a pergunta que Maló e os seus pares têm feito, na tentativa de assegurarem uma nova Direcção para a sua Secção. Uma Direcção que possa suceder à anterior sem grandes clivagens, de modo a que o futuro de todo o trabalho até aqui realizado não seja ingloriamente perdido.

Os nomes de Luis Alcofurado e de Filipe Silva chegaram a ser dados como certos, mas já no fecho da redacção soubemos que nem tudo tem corrido da melhor forma, e que outros nomes poderão entretanto surgir.

Que Desporto Universitário?

Saber o que pretende a DG/AAC, em especial o GARD, para a próxima época desportiva era o que pretendíamos deixar registado neste suplemento inteiramente dedicado ao desporto que se faz na Académica, numa altura em que "A Cabra" lança a sua 1ª Edição Especial. Que Desporto Universitário? Que modelo de competição — torneios ao longo do ano ou realizações esporádicas de 4 ou 5 semanas? O que vão ser e como se irão realizar as Academíadas? FADU — que projectos, que ideias? Desporto Federado, Desporto de Alta Competição: que papel cabe aí à DG/AAC?

Preferiram , em vez da entrevista, explanar as suas ideias por escrito e apresentá-las nas páginas d'"A Cabra". Depois de várias insistências, a resposta foi clara, consensual (?) e objectiva: **não houve resposta.**

PAULO COLAÇO
PRESIDENTE DA FADU

Após um período conturbado de elieções, onde a AAC perdeu a Presidência a favor de Trás-os-Montes por opção própria, Paulo Colaço esteve em Coimbra para assistir às Regatas dos CNUs.

"A Cabra": Qual a diferença entre a FADU e a antiga Federação Portuguesa de Desporto Universitário (FPDU)?

Paulo Colaço: A diferença essencial será talvez, antes de tudo, por sermos estudantes que conhecem os seus próprios problemas, que conhecem as suas próprias dificuldades em termos de prática desportiva. Que conhecem, ao fim e ao cabo, todos os meandros do Desporto Universitário e talvezestejamos mais sensibilizados para estruturar certo tipo de coisas a nível de Desporto Universitário. Essa, penso que é a grande diferença, somos estudantes e queremos trabalhar para os nossos colegas.

"A Cabra": Qual o projecto da FADU para o Desporto Universitário?

P. Colaço: Bom, há aqui uma data de questões que se ligam, por exemplo a ligação entre o Desporto Universitário e o Desporto Federado, será o Desporto Universitário que se deve aproximar mais do Desporto Federado ou vice-versa? Sabemos que a maioria dos atletas que praticam o D.U. vêm do Desporto Federado e pura e simplesmente organizam equipas para depois irem jogar aos Campeonatos Nacionais Universitários, há aqui toda uma questão que nós teremos que resolver.

"A Cabra": Como seria possível aumentar os quadros competitivos?

P. Colaço: Bom, o que já se criou árbitros que não são federados, por vezes são até estudantes, o que tem causado alguns atritos. Para esse efeito será necessário ter maior ligação com as Federações, com as Comissões Nacionais de Árbitros e Juízes, o que aliás já estamos a fazer, estamos a assinar protocolos com cada uma das Federações das várias modalidades. Temos ainda que conseguir também um apoio mais directo de todas as entidades que estão a trabalhar para o desporto, como é o caso da Direcção-Geral de Desportos.

um pouco com os desportos colectivos, que foi uma das primeiras acções da Comissão Instaladora, foram campeonatos por zonas, no Norte, no Centro, no Sul, assim criando um quadro competitivo muito mais alargado do que fazendo apenas uma final no fim-de-semana. Portanto, isso já foi uma diferença substancial em termos de D.U., e vamos ter que fazer isso com outras modalidades, por exemplo o judo.

Vamos ter que melhorar também, a nível competitivo, a organização dos encontros, através da participação de árbitros federados nas nossas competições, o que é extremamente difícil. Há sempre aquele problema de ter

UM ACADÉMICO NO PAÍS DA TERRA QUEIMADA

"F.A.D.U.: Federação Académica do Desporto Universitário. Objectivos: Promover, fomentar, divulgar e coordenar o desporto no Ensino Superior.

Em Março de 1990, um estudante da Universidade de Coimbra, ex-Director Geral da A.A.C. (89), ex-Director e membro da Secção de Fado, membro da Secção de Futebol presidia aos destinos da FADU.

Em Junho de 1991, o Presidente da FADU deixou de ser da Academia de Coimbra. Porquê?..."

Era uma vez...

Assim se iniciavam as histórias que lia, na idade dos porquês; conjugavam-se fadas, bruxas e um sem-número de figurantes. A história que vos vou contar tem muitos figurantes, alguns bruxos e nada de fadas que a época não é p´ra elas.

Era uma vez um D.U. (da família do Desporto no Ensino Superior) que padecia de doença grave e para a qual os médicos da Corte não encontravam o tratamento adequado. Diversos diagnósticos tinham sido feitos e terapêuticas diversas foram ensaiadas, mas... nada! Pobre D.U..

Uma dessas terapêuticas colheu até alguns consensos, consistindo na aplicação de um medicamento à base de Centrus Desportivus Universitárius e uns pozinhos de Academias, ao qual deram o nome de F.P.D.U., mas que não se revelou eficaz pois continha alguns elementos nocivos ao metabolismo do nosso amigo D.U. que continuava sem andar e mal falava.

Foi então que o bruxo Al-Cu-Furado-Sabe-Tudo, famoso pelos seus truques de bastidores e desejoso de subir na vida (que a juventude não é eterna) traz o seu caldeirão e, ABRACADABRA, com os olhos brilhando de felicidade - qual Maga Patajólica atrás da moeda da sorte do Patinhas... - anuncia: "Consegui, tenho a poção mágica que vai revitalizar esse D.U.". Mas a Assembleia desconfiou pois apesar das lindas folhas verdes que a poção continha, o cheiro era demasiado tenebroso. Mas o bruxo Al-Cu-Furado-Sabe-Tudo não se conformou e, ao abandonar a sala, gritou alto e bom som: "Se não for eu... ninguém há-de ser!"

Algumas semanas se passaram até que um grupo de estudantes, de várias Escolas do Reino, decidiram ir visitar o D.U.. Entre eles estava um Académico, de seu nome Rui Fonseca, com um ar "Típico" a lembrar a Secção de Fado da A.A.C. nos princípios de 80.

Ao verem o D.U., que aparentava ser tão jovem quanto eles próprios, decidem fazer algo para lhe mudar o destino: "Milagres não fazemos, nenhum de nós é bruxo, mas porque não tentar? Talvez a nossa energia, juventude e irreverência sejam a terapia mais indicada e lhe devolvam a alegria de viver."

E decidem então aplicar-lhe uma nova terapêutica de nome FADU à base de elementos universitários de todas as Academias do reino convidando o tal Académico da AAC a coordenar as acções terapêuticas.

Mas o bruxo Al-Cu-Furado-Sabe-Tudo, avisado pelo seu aprendiz de bruxo, Emidius Porreirus, logo faz uma cena diabólica com alguns truques de bastidores à mistura.

O tempo foi passando, a FADU ia dando bons resultados e o nosso amigo D. U., embora ainda débil, já saía à rua sendo até reconhecido pelos passantes e mantinha longas conversas com os seus pares.

Não contente com o que via, o bruxo Al-Cu-Furado-Sabe-Tudo convocou o seu aprendiz Emidius Porreirus e logo lhe foi dizendo: "Tá visto que, por mais que tentemos boicotar, a FADU é o melhor remédio para o Desporto Universitário; mas temos que ser nós, ou seja, eu, a receber os louros pela revitalização do D.U., por isso temos que acabar com esse Académico, esse Rui Fonseca do Projecto Cê que nem sequer "Verdadeiro Académico" é! Se necessário for lanço uns bruxedos para que os escribas do reino editem algo de corrosivo sobre o seu passado, presente e futuro. Não, poderei não ser eu, mas ele nunca há-de ser, nem que eu tenha que recorrer aos Deuses."

Nessa altura aparece o bruxinho Betinho Paz e Guerra que logo concordou e se prontificou a colaborar com os seus amigos.

E o nosso amigo D.U., alheio a estes bruxos, bruxinhos e bruxedos, já corria e saltava e por onde passava toda a gente o reconhecia.

Até que o bruxinho Betinho Paz e Guerra convidou alguns amigos das outras escolas do reino e à volta de um caldeirão onde se podia ver a poção mágica do bruxo Al-Cu-Furado-Sabe-Tudo, foi-lhes dizendo: "Esse Rui que todos vós conheceis é só um estudante enquanto eu represento mais de dezassete mil. Pois bem: ou sai ele ou saimos nós. Prefiro que haja apenas um elemento desta Academia na FADU, nem que seja em último lugar, do que ter dois sendo um deles o Presidente, e ainda por cima um gajo que nem é "Verdadeiro Académico". Mas como nós já conversámos e está tudo decidido, vamos lá brindar."

E cada um foi enchendo o seu copo com a poção mágica, enquanto um cheiro esquisito se propagava pelo ar e logo brindaram: "Longa vida ao D.U.."

NOTA: Qualquer semelhança com nomes e factos reais **NÃO** é pura coincidência.

Rui Fonseca

TORNEIOS ABERTOS

"ROCKOPO" EM 1º LUGAR

Na verdade, ao dar uma falta de comparência, a equipa *Brigada Reumática* viu-se relegada para a segunda posição, sem no entanto ter conhecido outro resultado que não fosse a vitória.

As equipas *Rockopo* e *Brigada Reumática* chegaram ao fim da competição com o mesmo número de pontos (10), sendo esta última prejudicada pela referida falta de comparência. De acordo com o que "A Cabra" conseguiu apurar, tal facto deveu-se a uma descoordenação na informação no seio da equipa, onde nem todos os jogadores teriam sido avisados da existência do jogo logo no primeiro dia de aulas após as férias da Páscoa. Em futuras realizações que o GARD promova, aconselha-se que não se marquem jogos logo após as férias, a fim de evitar a fim de evitar estas situações.

O Torneio constituiu um grande êxito, com jogos renhidamente disputados até ao apito final. A boa organização da prova, que intercalava os jogos do Torneio com os treinos da Selecção que representou a AAC nos CNUs, permitiu, não só conquistar o 1º lugar nesses Campeonatos, mas também promover o Basquetebol dentro da Academia.

Um bom exemplo, sem dúvida!



"TURMA DO CHUTO" TRI CAMPEÃ

Apontada desde o início como a equipa vencedora do torneio, a *Turma do Chuto* veio a cumprir a profecia, sagrando-se pela terceira vez consecutiva vencedora dos Torneios Abertos. A vitória não foi, no entanto, fácil. Nas Meias-finais, a *Turma do Chuto* e a *Secadegas* viriam a repetir a Final do ano passado. A treze segundos do final do jogo, a equipa *Sacadegas* vencia a sua rival por duas bolas a uma, altura em que o árbitro mandou marcar uma grande penalidade, cometida de forma desnecessária pelo guarda-redes, que viria a ser decisiva para o resultado final. Após uma segunda parte que durou mais de quarenta minutos (tantas foram as interrupções...), os segundos finais revelaram-se difíceis de digerir para os rapazes de Economia. Durante o prolongamento, a *Turma do Chuto* fez valer os seus argumentos acabando por vencer o jogo por 5-3.

A outra Meia-final, que opôs *"A Cabra"* e o *Loureiro 17*, foi um jogo sem história, onde uma equipa jogou o que pôde e a outra marcou o quanto bastasse. No final, a equipa do *Loureiro 17* venceu por duas bolas a zero.

À Final chegaram, então, a *Turma do Chuto* e o *Loureiro 17*. O favoritismo pendia para o lado dos primeiros, mas os "Loureiros" não entraram vencidos, como comprova a igualdade a uma bola, registada ao intervalo. A segunda parte foi totalmente diferente, com Paulo Brandão e Pedro mais uma vez a desequilibrarem ao mesmo tempo que a estrutura defensiva do *Loureiro 17* dava mostras de algum cansaço e de muita desconcentração, o resultado foi-se avolumando registando no final 9-3 favorável à *Turma do Chuto*.

A equipa d'*"A Cabra"* classificar-se-ia em terceiro lugar, perante a falta de comparência da equipa *Sacadegas*, que não superando a derrota da véspera não compareceu ao jogo de atribuição do 3º e 4º lugares.

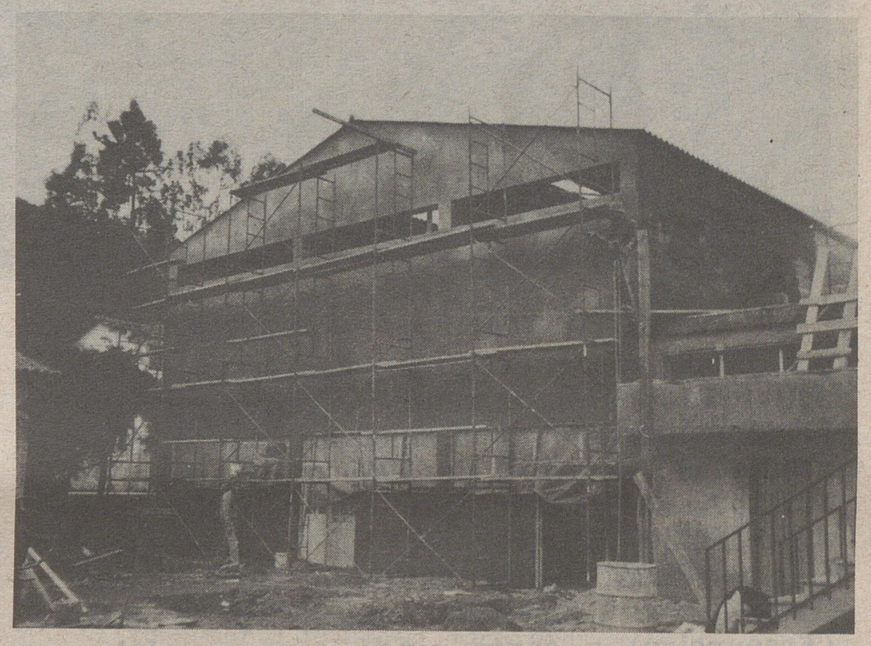
NOVO FÔLEGO

Filipe Silva (dirigente) e Eduardo Cabrita (técnico) deram uma nova dinâmica ao Estádio Universitário, após sete anos de estagnação.

Tudo indica que o Estádio Universitário de Coimbra se prepara para registar um novo salto qualitativo, iniciando o que podemos classificar de sexta época de crescimento. Isto se pegarmos na nomenclatura que utilizámos no documento a que chamámos Livro Aberto, publicação onde analisámos, criticámos e sugerimos quer o que se havia feito até à posse da actual Comissão Directiva, quer nas opções e prioridades que defendemos para as actuais instalações desportivas universitárias, situadas em Santa Clara.

E se as alterações que sugerimos para o Pavilhão I, à excepção do sistema de iluminação, só deverão ser realizadas quando o Pavilhão III estiver em condições de ser utilizado e permitir de certa forma aos actuais "habitantes" do I, durante o mais breve espaço de tempo, um espaço alternativo, não podemos esquecer o trabalho desenvolvido no sentido de concretizarmos aspirações tais como: acabamento das obras no Anexo ao Pavilhão II, Centro Clínico, Sala de Banhos e Massagens, Vedação dos Campos de Ténis de terra batida, Projecto Culturismo e Halterofilia, criação de um Gabinete de Apoio ao Desporto Universitário, Loja de Artigos Desportivos, Lavandaria, Pavilhão III e Snack-Bar.

Se foi preocupação dispensar ao estudante universitário anónimo uma prática desportiva regular enquadrada pelo Gabinete de Apoio ao Desporto Universitário já criado e que na próxima época conhecerá a perfeição funcional que de momento procuramos, a luta que travamos pela conclusão do sector anexo ao Pavilhão II, que a 15 de Agosto terá o seu epílogo, permitirá solucionar alguns dos problemas suscitados pela falta de espaços. Significa que, quer o desporto universitário, quer o federado, disporão de uma nova área desportiva que beneficiará de imediato várias modalidades com necessidade de possuirem recintos cobertos. Isto enquanto se prepara todo o processo condicente à adjudicação das obras do Pavilhão III, com arranque previsto para o mês de Outubro e a conclusão da primeira fase em Janeiro de 1992. Estarão então cobertas sessenta por cento das necessidades das secções desportivas em matéria de receitas. Os restantes quarenta resolver-se-ão quando implementarmos o projecto do Culturismo e Halterofilia, já concluído, a Piscina, o Hangar para os Desportos Náuticos e o ervado que irá descongestionar os Campos de Futebol e Rugby.



Finalmente uma chamada de atenção para o esforço e a atenção que também concentramos na criação do Centro Clínico, na sala de banhos e massagens, num Snack-Bar, numa Loja de Artigos Desportivos, numa Lavandaria.

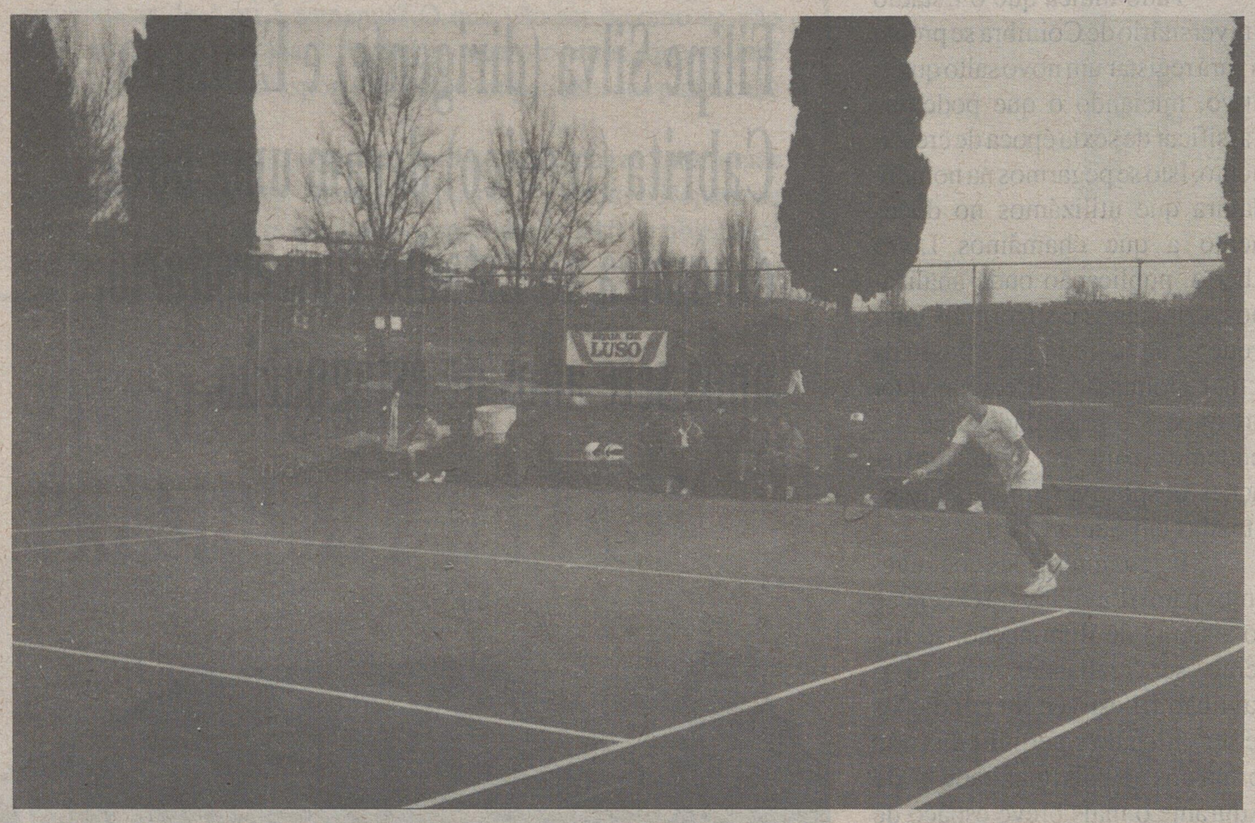
Se o apoio sanitário justificou até agora os maiores investimentos em equipamento no intuito de servir com a maior dignidade os atletas acidentados e porque consideramos que a prática desportiva deverá possuir um suporte clínico que preveja e cure os acidentes daí decorrentes, não deixamos de prestar atenção à necessidade de dotar o Complexo Desportivo do Estádio com infra-estruturas que não só sirvam os que já o frequentam, mas também os estudantes universitários que queremos bem mais perto do Complexo de Santa Clara.

Daí o interesse e o empenho no aparecimento de estruturas que poderão a breve prazo cativar a presença dos estudantes nos recintos desportivos.

Refiro-me à edificação de um Snack-Bar, ao interesse que poderá suscitar nos colegas que chegam a esperar três quartos de hora numa bicha da cantina, a aguardar o atendimento. Todo esse tempo poderá então ser utilizado na prática desportiva, bem mais saudável e menos depressiva, lado a lado com um serviço de refeições menos congestionado, prático e breve.

Finalmente, a título de encerramento do mandato que concluimos a 17 de Julho, resta-nos tudo fazer para que o Estádio Universitário de Coimbra disponha de receitas próprias provenientes da imaginação que lhe consigamos imprimir, da utilização dos potenciais que possui e sem que isso ponha em causa a presença cada vez mais significativa dos estudantes na prática desportiva.

TÉNIS NA AAC



A secção de Ténis da AAC foi fundada em 1963, vindo desde aí a exercer a sua actividade continuamente, excepto por um pequeno período de tempo, durante a crise académica, de Abril de 1969 a Fevereiro de 1970. A actual Direcção é constituída por José Simões (Presidente), João Cunha, José Carlos Pires, Nuno Santiago, José Rocha Alves, José Lameiras, Luís Filipe Coelho (Tesoureiro) e conta ainda com a colaboração de Eduardo B. Gordo e José M. Matias.

A Secção, colectiva ou individualmente, conquistou vários troféus ao longo destes 28 anos de actividade, no Continente e Regiões Autónomas, e também em Espanha (Salamanca e Granada).

Mais recentemente, os resultados obtidos pela equipa representante da nossa Universidade podem ser considerados como muito bons, dado que se sagrou Campeã Nacional Universitária em 1988, tendo também obtido o 2º lugar na Prova Individual por intermédio de um dos componentes dessa equipa (Ricardo Costa) e vice-campeã em 1989, sendo em ambas as ocasiões exclusivamente constituída por atletas da Secção de Ténis.

Estes Campeonatos, que têm desde sempre sido extremamente prejudicados pela desorganização e instabilidade que caracteriza, infelizmente, o Desporto Universitário no nosso país, não foram realizados, quer em 1990, quer no presente ano, na modalidade Ténis, facto que tem impedido a equipa representativa da nossa Universidade de confirmar os excelentes resultados já obtidos.

A equipa da AAC no ano de 1989, após terminar invicta a Fase Regional do Campeonato Nacional Interclubes da 3ª Divisão, alcançou no Estádio Nacional em Lisboa, na Fase Final, um honroso 3º lugar e a consequente subida para a 2ª Divisão Nacional.

Tendo assegurado a manutenção nessa divisão no ano de 1990, as equipas da AAC preparam-se este ano para disputar novamente as Fases Regionais do Campeonato Nacional Interclubes da 2ª e 3ª Divisões, onde poderão ter uma palavra a dizer quanto ao apuramento para a fase final. Assim e já na corrente época, a equipa que disputou a 1ª fase dos referidos campeonatos, constituída por José Simões, António Fonseca, João Salgado, Luís Soares e José Braga, venceu todos os encontros da sua série, ficando apurada para o jogo decisivo de acesso à Fase Final.

Para além da participação nestas provas colectivas, a Secção de Ténis da AAC tem obtido diversos resultados de relevo através da participação individual dos seus atletas que têm somado vitórias em numerosos torneios oficiais da F.P.T. em todo o país bem como em Campeonatos Regionais, o que demonstra que pela Secção de Ténis têm passado jogadores de elevado nível inclusivamente alguns jogadores classificados nos 20 primeiros do Ranking Nacional da F.P.T.

Escola de Ténis

Um dos principais objectivos da Secção tem sido a promoção do ensino e incentivo da prática do Ténis por todos os escalões etários interessados, e depois de alguns anos de funcionamento algo limitado, foi possível assegurar desde o início do presente ano a contratação de um Técnico Profissional a tempo inteiro para a sua Escola de Ténis. José Ribeiro, de nacionalidade brasileira, é o técnico que se encontra neste momento a trabalhar com todas as classes da Escola, desde os níveis de iniciação até à competição, sendo as aulas leccionadas nos campos de pó de tijolo do Estádio Universitário, de Segunda a Sábado, das 9h até às 19h. Obviamente os Estudantes Universitários beneficiam de preços algo mais reduzidos, tanto nas aulas como na utilização dos *courts* e nas quotizações da Secção. Para informações mais detalhadas sobre este e outros assuntos, deverá dirigir–se às suas instalações, no 5º Piso do edifício da AAC, no horário de expediente:

2º feira – 20.00 às 21.00
3º feira – 18.00 às 19.00
4º feira – 13.00 às 14.00
5º feira – 19.30 às 20.30

Onde e como jogar

Esperamos que rapidamente se possa ultrapassar uma certa inércia que se verifica na nossa cidade em relação ao Ténis e que o seu grande potencial turístico, reconhecido por todos aqueles ligados mais de perto à modalidade possa ser traduzido por resultados cada vez melhores e pela prática cada vez mais alargada deste desporto em Coimbra.

Tudo isto passará sem dúvida pela capacidade da Secção para cativar e estimular todos os que, de um modo geral se interessam pelo Ténis. Lembramos assim que as quotizações praticadas na Secção para Docentes e Discentes da Universidade de Coimbra são bastante acessíveis (uma jóia de 200$00 e uma quota semestral de 700$00 ou anual de 1200$00), sendo possível para os sócios jogarem gratuitamente no E.U.

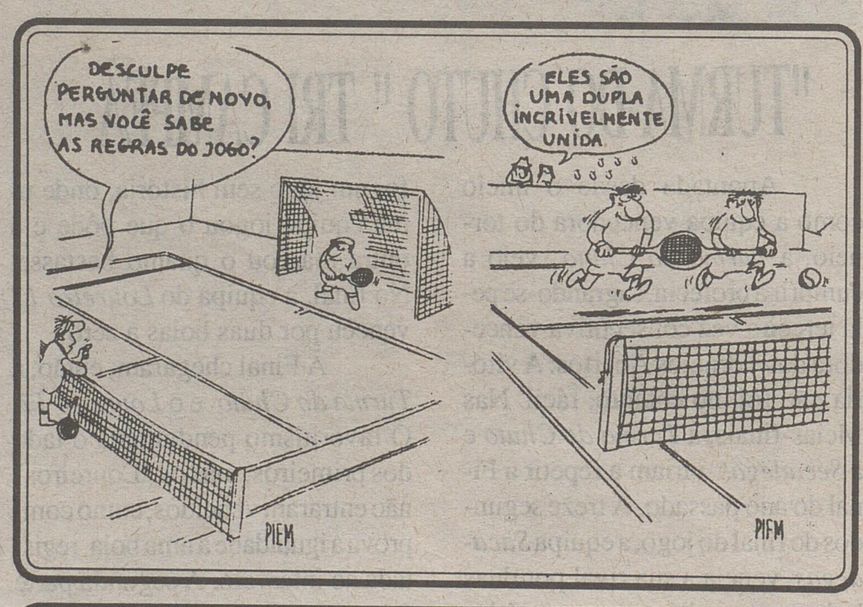
Caso pretenda fazer–se sócio da Secção, nada mais simples, bastará que se desloque à mesma, no seu horário de expediente, munido de 2 fotografias (ou 1 foto e uma fotocópia), e que preencha uma ficha com os seus dados pessoais, recebendo de imediato um cartão que o identificará como sócio podendo começar a usufruir das regalias existentes a partir desse momento.

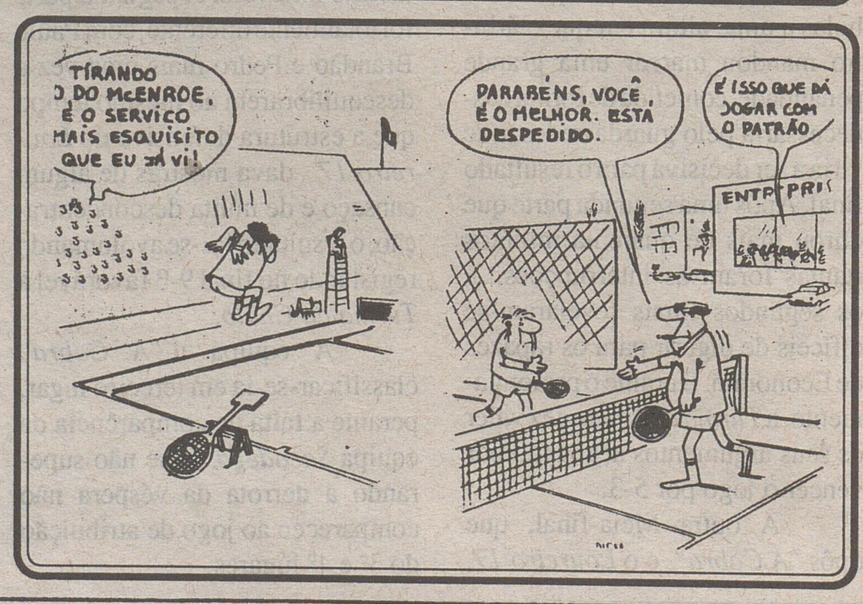
A Secção de Ténis da AAC possui neste momento 3 campos no E.U. reservados exclusivamente aos sócios, sendo que dois deles (na terra batida) se encontram usualmente ocupados com a Escola de Ténis, com excepção do Sábado à tarde e do Domingo.

A marcação dos campos poderá ser efectuada na própria altura, no E.U., ou com até 1 dia de antecedência, sendo o campo utilizado habitualmente o nº 4. Nos dias quentes do Verão que se aproxima, o nosso conselho é que aproveite as facilidades de iluminação para jogar à noite, mais pela fresca, mediante o pagamento de uma taxa de iluminação (100$00 por pessoa).

A Direcção da Secção edita também um Boletim Informativo com periodicidade aproximadamente bimestral, de distribuição gratuita aos sócios, contendo toda a informação mais relevante e de interesse relacionada com o Ténis.

João Cunha





REMADORES DA ACADÉMICA PERDERAM A CABEÇA

Os remadores da Associação Académica de Coimbra perderam a cabeça. Já não bastava coleccionarem títulos nacionais. Agora, batem-se com os melhores remadores do Mundo.

A Secção de Desportos Náuticos da A.A.C. anda eufórica. Já não conseguem passar despercebidos. "Olha, as miúdas ganharam o Campeonato Nacional de Fundo!", "Olha, os rapazes foram Campeões Nacionais Universitários!". Julgam-se os maiores.

Os náuticos da A.A.C. não têm mãos a medir. Volta e meia lá vão eles com a casa às costas para mais uma prova do calendário nacional de Remo. Nove metros de atrelados para os barcos, a carrinha da A.A.C. ou o Jeep da Câmara para o puxar, uma dúzia de atletas. E depois são as provas. E os resultados.

Mas este ano os náuticos foram mais longe. Para além da participação no sobrecarregado calendário de provas nacionais, decidiram aventurar-se em provas por essa Europa. Holanda, Bélgica e França foram os destinos escolhidos para as primeiras internacionalizações.

A primeira participação revestia-se de enorme responsabilidade. Tratava-se da representação ao mais alto nível da Universidade de Coimbra nas regatas comemorativas do 355º aniversário da Universidade de Utrecht, na Holanda. Como adversários os remadores da A.A.C. tinham *apenas* alguns dos melhores remadores universitários da U.R.S.S., da França, Espanha, Dinamarca, Inglaterra e Holanda.

As provas na Holanda. tinham à partida um *handicap* para os remadores da Académica: a participação estava aberta apenas a barcos tipo *Shell* (um remo por remador) de 4 e de 8 tripulantes, barcos esses que a Secção de Desportos Náuticos não possuía (possui apenas barcos tipo *Scull*, de dois remos por remador) por questões obviamente financeiras. Este *handicap* exigiu um esforço suplementar de adaptação ao *Shell 4 c/ timoneiro*, com treinos na Figueira da Foz, por cortesia da Associação Naval 1º de Maio.

Com o indispensável apoio da Reitoria, a participação da A.A.C. em representação da Universidade de Coimbra na "Orca University Utrecht Rowing Regatta" teve lugar nos dias 27 e 28 de Abril. Leonel Ratinho, Luís Maricato, Miguel Bernardo, Rui Moreira e Rui Cunha, acompanhados pelo técnico José Matos e por elementos da direcção da secção, constituíram a tripulação de *Shell 4 c/ timo*. que disputou a conquista das três cobiçadas medalhas de ouro, prata e bronze.

O clube "A.U.S.R. Orca", onde remam 500(!) alunos da Universidade de Utrecht, brindou os participantes com uma excelente organização. Num fim-de-semana de intensa competição, disputaram-se provas de 500 e de 3000 metros, pondo à prova as reais capacidades das equipas, quer na vertente de velocidade, quer na de fundo.

Se na prova de fundo a tripulação da A.A.C., apesar do seu bom desempenho, não conseguiu um particular destaque, tendo-se quedado pelo o fim da tabela, já o mesmo se não poderá dizer da prova de 500 metros, onde conseguiu um resultado verdadeiramente surpreendente. Na última das três mangas da referida prova, os atletas da A.A.C. fizeram um tempo *canhão*, que constituiu o 2º melhor da manga, à frente de tripulações muito mais cotadas, como a da U.R.S.S., da Dinamarca ou da Inglaterra. No cômputo geral, fruto de outras classificações menos boas, a A.A.C. quedou-se pelo penúltimo lugar da tabela, à frente da equipa da casa.

A experiência, os contactos e o pequeno *brilharete*, fizeram desta primeira participação internacional do Remo da Académica uma iniciativa francamente positiva e, sobretudo, abriram as portas para futuros contactos internacionais num campo onde a A.A.C. continua a ser pioneira em Portugal: o Remo Universitário.

A história das outras participações internacionais do Remo da Académica é a história, pode dizer-se, de dois nomes: Isabel Moreira e Suzana Alfaiate. Estas são nada mais do que as maiores remadoras de sempre do remo nacional.

Detentoras de 4 títulos nacionais da modalidade, nas categorias de Iniciado, Juvenil e Junior, Isabel Moreira e Suzana Alfaiate não encontram, neste momento, qualquer competitividade a nível nacional.

Actualmente no seu segundo e último ano na categoria Junior, as atletas da Académica fizeram esta época a maior aposta das suas carreiras, aposta essa que lhes iria proporcionar também os seus maiores desafios. Depois de saírem vencedoras de todas as provas que disputaram em Portugal, entraram na *alta-roda* da competição europeia, com a participação nas Regatas Internacionais da Bélgica, na cidade de Gent.



Considerada uma das mais importantes provas de preparação para os Campeonatos do Mundo, as Regatas Internacionais de Gent foram marcadas pela presença das principais equipas europeias, que se deslocaram àquela cidade belga nos dias 11 e 12 de Maio para testar as suas tripulações.

Apesar da cuidada preparação que esta prova mereceu por parte das atletas da A.A.C., acabou por ser um factor externo a ditar o resultado final desta participação. A cedência por parte da organização de uma embarcação com 15 anos, manifestamente desadequada à alta competição, acabou por constituir o factor determinante de um resultado aquém das expectativas e das reais capacidades das atletas.

A segunda etapa da campanha internacional das atletas da Académica foi a sua participação nos Campeonatos Internacionais de França, que se disputaram em Macon nos dias 8 e 9 deste mês.

Afastado o percalço de Gent, o que implicou o transporte da embarcação da A.A.C. para França, a participação nos Campeonatos Internacionais de França revelava-se, à partida, mais auspiciosa. Considerada como a derradeira e mais importante prova de preparação para o Campeonato do Mundo de Juniores, que decorrerá na primeira semana de Agosto na pista olímpica de Barcelona, as "Regattes Maconnaises" contaram com a participação de algumas das principais selecções europeias, entre as quais a portuguesa.

O confronto da tripulação da A.A.C. com a tripulação da selecção nacional constituiu, aliás, o ponto quente desta participação internacional, estando em causa a representação nacional no Mundial de Juniores.

Os resultados alcançados por Isabel Moreira e Susana Alfaiate foram francamente melhores do que os obtidos na Bélgica. Um 2º e um 3º lugares nas eliminatórias de sábado e domingo, respectivamente, conduziram as atletas da A.A.C. a um 3º lugar na pequena final e a **um 9º lugar na geral, entre 17 equipas.**

Ao acusarem em demasia o peso da responsabilidade, Isabel Moreira e Susana Alfaiate não atinjiram os objectivos da sua deslocação a França na totalidade, nomeadamente no que diz respeito à tão desejada vitória sobre o seleccionado nacional, o qual terminou em 7º lugar. Os bons resultados alcançados e a importância de que se revestiu um contacto internacional a este nível, fizeram, no entanto, desta participação uma aposta ganha.

Quanto ao objectivo de representar Portugal no Campeonato do Mundo de Juniores, a tripulação da Académica ainda terá uma palavra a dizer nos testes nacionais, no dia 6 de Julho, onde irá defrontar-se novamente com a selecção nacional.

A total dedicação e empenho de dirigentes, corpo técnico e atletas, imbuídos de um verdadeiro espírito académico, levou a Secção de Desportos Náuticos e o nome da Associação Académica de Coimbra a figurar no "top" do Remo nacional, e a atrever-se a lutar com os melhores da Europa. Um exemplo a seguir.

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA

DESPORTOS NÁUTICOS

ACADÉMICA APOSTA NA FORMAÇÃO



Falhada, mais uma vez, a aposta da subida à 3ª Divisão Nacional a Académica aposta já no futuro. Criar o maior número de condições para os seus atletas é o mote para a próxima época, **queremos dar aos atletas, todas as vantagens que pudermos**, afirmava João do Carmo, director da secção de Futebol, aquando da assinatura do protocolo com a empresa Tecla. "A Cabra" apurou ainda, que novos protocolos serão em breve assinados a fim de oferecer aos atletas um outro tipo de incentivos. **Ninguém recebe dinheiro, damos senhas de refeição e proporcionamos vantagens como estas** (protocolo com a Tecla).

Se no Campeonato Distrital da 1ª Divisão nem tudo correu da melhor forma, o mesmo não se poderá dizer em relação à Taça da AFC. Jogando sempre em terreno alheio, por capricho do sorteio, a Académica foi ultrapassando sucessivamente os obstáculos, até chegar às meias-finais. Aí a sorte não acompanhou a equipa e a Final da Taça acaba por ficar... para a próxima.

Queremos subir aos Nacionais, João do Carmo não desarma. Com a equipa técnica já constituída, a secção prepara-se para ultimar a assinatura de um contrato publicitário que possibilite catapultar a equipa. A próxima época começa loga a 25 de Agosto, pois no início de Setembro a Académica desloca-se a Itália, iniciando assim a pré-época.

Os treinos de captação ainda não têm data fixa, mas João do Carmo garante que na altura certa serão devidamente divulgados por toda a Academia.

O Interfaculdades, torneio que a Secção organiza, constitui uma das actividades que mais tem contribuido para a promoção da Secção dentro da Academia. Incapaz de, por si só, ultrapassar os traumas da inserção do CAC na AAC, o Futebol da Académica tem procurado através do Interfaculdades, não só incrementar a prática desportiva entre os estudantes, mas divulgar entre os mesmos a sua existência. O Interfaculdades movimenta muitas dezenas de estudantes e este ano teve como equipa vencedora a representante da Faculdade de Economia.

Agora não foi possível, para o ano ninguém os segura. **Força Académica!**

Futebol tem Nova Direcção

No passado dia 6 a Secção de Futebol da AAC reuniu em Assembleia Geral de Sócios para eleger os seus responsáveis para a época 1991/1992.

Assim, a nova Direcção é constituída por: Paulo Maranhão (Biologia), Paulo Soares (Engenharia Informática), Jaime (Economia), João do Carmo (Engenharia Electrónica), Pedro Saraiva (Medicina), João Baptista (Engenharia Electrotécnica), Rui Pedro (Engenharia Civil), João Carlos (Medicina) e Sérgio (Medicina). Filipe Reis (Economia) foi eleito Presidente da Assembleia Geral.

Académica viaja até Itália

A Académica tem vindo sistematicamente a ser convidada a participar em diversos torneios além-fronteiras, em particular na França e em Itália, o que tem contribuído decisivamente para engrandecer o nome da AAC. Este ano, a Académica viaja até Itália, onde, em Setembro, participará num torneio organizado pela Universidade de Sienna.

Reconhecido e autorizado pelo Ministério da Educação

ACADEMIA COMERCIAL tecla

Desde 1958

CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

INFORMÁTICA · SECRETARIADO · CONTABILIDADE · GESTÃO · DESENHO CONSTRUÇÃO CIVIL · TOPOGRAFIA · MARKETING · LINGUAS

R. Padeiras, 73-2º
COIMBRA
tel: 27244

PORTO * LISBOA * BRAGA * BARCELOS * GUIMARÃES * VISEU

que "o desafio de Coimbra é o seu rosto cultural". O que tem sido feito nesse sentido?

M. Machado: Eu agora tenho de lhe dar o relatório de actividades da Câmara... Será mais fácil entregar o relatório...

"A Cabra": Sr. Presidente, as secções da AAC queixam-se de falta de apoios da Câmara...

"Aquilo que a Câmara puder dar mais, aí vamos lá. Agora recuso liminarmente a tese do António Ferro sobre a cultura, que isso já deu.

M. Machado: Sim, mas isso é uma questão interna, eu já de lá venho. É evidente que o apoio nunca chega, do mesmo modo que eu me queixo do magro orçamento da Câmara. Isso não basta, as coisas têm de ser vistas dum modo mais amplo. Não basta as pessoas queixarem-se. É preciso que as pessoas sejam capazes de analisar: "Este projecto que está aqui interessa aos munícipes da Câmara?" — e os munícipes são os estudantes e os cidadãos que vivem em Coimbra. "Nós temos aqui um projecto de animação cultural da cidade — a Câmara está disponível para apostar nele ou não?" E a Câmara opta. Se me disser: mande-me dinheiro para...

A cultura do cifrão é uma coisa estranhíssima.

"A Cabra": Mas é um facto que hoje, fazer cultura sai caro.

M. Machado: Não, desculpe, eu acho que sai baratíssimo.

"A Cabra": Sai?! Eu dou-lhe um caso concreto, o ano passado...

M. Machado: Eu conheço realizações culturais que custaram milhões e milhões de contos e na minha apreciação...

"A Cabra": Em Coimbra?

M. Machado: Sim, em Coimbra, e na minha apreciação, como os munícipes em geral não deram grande importância...

"A Cabra": Não quer concretizar?

M. Machado: Não tenho que concretizar; eu estou-lhe a dizer que são casos que conheço. No entanto, outros houve que custaram muitíssimo pouco dinheiro e que foram notáveis.

A importância das realizações culturais não se mede pelos apoios que elas envolvem.

"A Cabra": O ano passado a Câmara atribuiu um apoio de 5.000 contos para os Encontros de Fotografia, quando já era sabido que os Encontros não se podiam ralizar.

M. Machado: Não, não era sabido, não senhor. A Câmara disponibilizou-se para suportar despesas. Para que isto fique bem claro, e porque é necessário esclarecer este assunto, o ano passado, a determinada altura, foi posta a seguinte questão: ou a organização dos Encontros de Fotografia tem quem ajude a suportar as despesas, ou não consegue realizar a iniciativa. E nessa altura foi perguntado: "Quanto é que vos falta? — Precisamos de, pelo menos, garantia de despesas de 5.000 contos. — Sim senhor, a Câmara assume a responsabilidade dos 5.000 contos".

"A Cabra": Mas não é verdade que nessa altura já se sabia que os Encontros não se poderiam realizar?

M. Machado: Não. Se alguém sabia, é estranho à Câmara. Ninguém nos deu a informação de que os Encontros de Fotografia não se iriam realizar. Aliás a Câmara fê-lo nesta lógica: os senhores continuem e façam os Encontros que a Câmara ajuda-vos e suporta até 5.000 contos de despesas.

"A Cabra": Então porque é que este ano a CMC só atribuiu aos Encontros um suporte de 2.000 contos?

"Aquilo que a Câmara puder dar mais, aí vamos lá. Agora recuso liminarmente a tese do António Ferro sobre a cultura, que isso já deu.

M. Machado: O facto de ter o ano passado aceite *in limine* a responsabilidade de suportar até 5.000 contos era com vista a que os Encontros se fizessem como era uso e com o nível adequado. Este ano houve tempo de procurar, de reunir os apoios das empresas privadas ou instituições, etc.; e a parte da CMC, que já foi processada e creio que já foi paga, é um subsídio de 2.000 contos. Que outros façam o mesmo e tenho a certeza de que os Encontros de Fotografia serão um sucesso notável. Agora não pode é ser a Câmara a suportar integralmente o orçamento dos Encontros de Fotografia; e 2.000 contos para uma iniciativa, quando se vêem outras realizações culturais que se fazem no Concelho de Coimbra a receberem menos, coloca a questão da relatividade. Até porque os Encontros de Fotografia não têm só importância para o Concelho de Coimbra, têm importância a nível nacional. Assim sendo, há que clarificar que compete também ao Governo entregar o dinheiro que prometeu. E venha ele; eu gostava de ver o cheque. Eu o da Câmara já posso mostrar. Agora venham os milhões de contos. O dinheirinho, gosto de ver isso. Porque essas coisas não são só falar, é preciso partir para o concreto. É importante que venha, porque os Encontros também são importantes.

"A Cabra": Há pouco tempo o Director Artístico do Teatro Académico Gil Vicente queixava-se duma certa rivalidade entre a CMC e o Governo Civil, ao nível da Cultura, que acabava por prejudicar a própria cidade. O que pensa disso?

M. Machado: Eu não tenho de pensar nada sobre isso. Não fui eu que fiz essa afirmação, quem o pensa é que deve dizer o que quer dizer com isso.

Não há coordenação com o Governo Civil nem tem que haver. A CMC tem um plano de actividades que é aprovado, quanto ao resto não tenho que me pronunciar; não é da minha competência. Politicamente posso dizer-lhe noutro sítio, que não no Gabinete do Presidente da Câmara.

O Presidente da Câmara diz-lhe isto, tão só: o plano de actividades da CMC é aprovado conjuntamente pela Câmara e pela Assembleia Municipal. Há um documento escrito onde isso está antecipadamente exposto de forma clara e transparente; e aquilo que a Câmara puder dar mais, aí vamos lá. Agora, recuso liminarmente a tese do António Ferro sobre a cultura, porque isso já deu.

"A Cabra": A AAC, no desporto, é sem dúvida o Clube de Coimbra, onde os filhos da cidade se formam desportivamente. Que apoios têm sido dados pela CMC às Secções Desportivas?

M. Machado: Têm sido dados vários apoios, o melhor será dar-lhe o relatório de actividades.

"A Cabra": Considera injusta a queixa que a AAC fez da falta de apoio?

M. Machado: Eu não entendo... Vamos lá ver se nos entendemos. Começámos esta entrevista em que a pergunta era, supostamente, uma crítica à CMC por ter dado à Académica — Futebol — um terreno de valor superior a 40 mil contos; e agora queixa-se por falta de apoio ao desporto?... Eu já não entendo. Vamos lá ver, objectivamente o que é que acha?

"A Cabra": Eu não tenho que achar. O que nós começámos por dizer, foi que o Presidente da AAC se queixava da...

M. Machado: Mas eu não estou a responder ao Presidente da AAC. Para eu estar a responder ao Presidente da AAC, ele tinha de estar sentado aí em frente, para conversarmos. De outra maneira, é meter achas. Bem, mas passemos ao desporto. Tem havido apoios a várias iniciativas que se têm vindo a promover na cidade. Eu posso fornecer-lhe o relatório — aliás, é o primeiro órgão da comunicação social que o vai ter — pois é extremamente difícil estar a sintetizar. Aí estão os apoios possíveis que a Câmara deu; partindo do princípio que subsídio prometido é subsídio pago. Não estamos para prometer e depois não pagar.

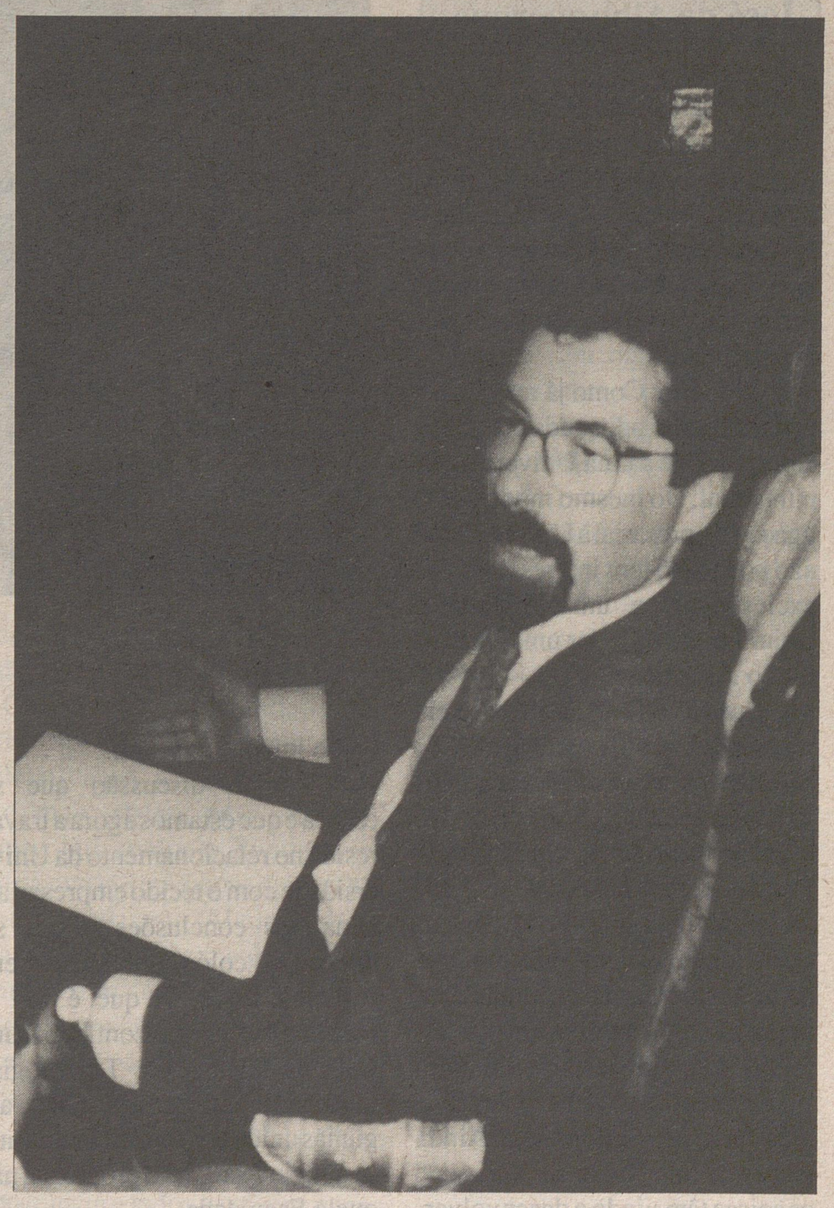
"A Cabra": Podemos estão dividir a pergunta do desporto em duas partes: uma que diz respeito ao desporto de alta competição, que divulga o nome da cidade de Coimbra, e o desporto de formação. Deverá ou não a CMC comparticipar nos custos?

M. Machado: Nós temos três espaços de qualidade em Coimbra: a Casa Municipal do Desporto, o Estádio Universitário e o Complexo de Santa Cruz. Nestes espaços é necessário instalar infraestruturas — que é a grande atribuição da Câmara — que possibilitem a prática desportiva. No Estádio Universitário há um entendimento que é desenvolvido através da Universidade, e a Câmara tem vindo a cooperar — presta sobretudo serviços.

"A Cabra": Há muito tempo que se fala de uma pista de *tartan* no Estádio Universitário.

M. Machado: Fala-se para o Estádio Universitário, fala-se para vários sítios. Anda para aí uma pista de *tartan*. Eu acho bem que ela seja localizada em Coimbra, eu não gostava era de colocar a questão em concorrência: o Estádio Universitário ou o Municipal. O que me parece importante é que haja, em Coimbra, uma pista de *tartan*, e a Câmara apoia essa iniciativa — já o declarei publicamente. Não queria que se criassem equívocos dizendo: "A Câmara quer pôr a pista no sítio A, outros no sítio B"; isso compete às Associações Desportivas e aos responsáveis mais directamente ligados com a actividade desportiva.

"Anda para aí uma pista de *tartan*. Eu acho bem que ela seja localizada em Coimbra, não gostava era de colocar a questão em concorrência: o Esttádio Universitário ou o Municipal."



Entrevista

José de Albuquerque

"A Cabra": Coimbra não é das localidades onde a malha empresarial esteja mais desenvolvida, podendo assim estabelecer um frutuoso intercâmbio com a Universidade. Poderá de futuro fazer-se algo para colmatar essa lacuna?

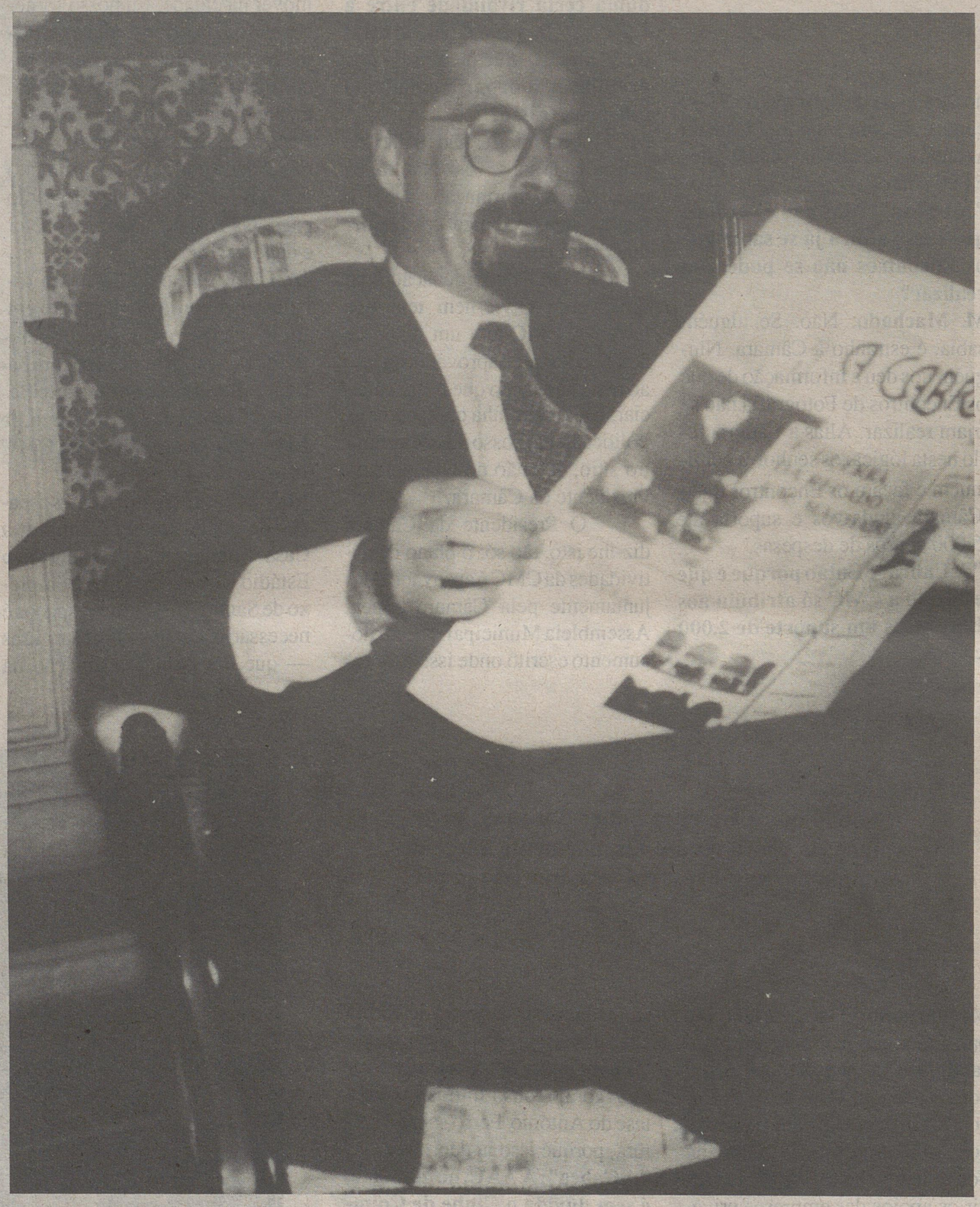
M. Machado: Como já referi, não entendo como adequado reduzir a Universidade a uma Universidade municipal. Do mesmo modo que a ligação empresarial à Universidade não pode, não tem interesse em ter exclusivamente uma ligação a Coimbra, tem que ter uma ligação muito mais vasta.

"A Cabra": O Magnífico Reitor, em declarações a "A Cabra", referiu a escassez de receitas próprias da UC...

M. Machado: A UC tem esta localização que é conhecida, tem em desenvolvimento o Pólo III, em que a Câmara tem tido um trabalho de cooperação extremamente importante, no domínio da planificação, da elaboração de um ante-plano bem como na compra e expropriação de terrenos. Ainda há pouco o sr. Reitor me dizia que as coisas têm vindo a desenvolver-se de uma forma extremamente construtiva, séria e eficaz. O Pólo III vai ser predominantemente uma área de Ciências e Tecnologia. O que se discute agora em termos de CMC, UC e Faculdades directamente ligadas em primeiro lugar são questões habitacionais, devendo a concepção do plano conjugar-se com outras valências que não só as salas de aulas. No novo Pólo, isso é viável e a Câmara, através de um grupo de trabalho criado especialmente para esse fim, em diálogo com a Universidade, tem vindo a desenvolver um trabalho importantíssimo.

Outra discussão que se coloca e que estamos agora a travar reside no relacionamento da Universidade com o tecido empresarial. Uma das conclusões a que se chegou no colóquio realizado em Bolonha foi a de que é útil e possível, no espaço contíguo a um Pólo de Ciências e Tecnologia, instalar unidades empresariais, algumas unidades industriais que utilizem a investigação produzida naquela Faculdade.

Penso que iremos encontrar uma boa solução para reforçar o tecido empresarial. Aliás, a FCTUC, assim como as Faculdades de Economia, Farmácia e Medicina têm vindo a dar passos importantíssimos. Nesse sentido, é importante este reconhecimento público do esforço de ligação entre empresas e Universidade. Esta solução deve no entanto ser adoptada como complementar e não como exclusiva, isto é, não podemos pôr a investigação científica só dependente do financiamento privado, porque tal não chega. Nós hoje não estamos em condição de produzir o Silicon Valley, nem o exército português creio que esteja em condições de comprar o *know how* produzido numa Faculdade. Nos EUA, Silicon Valley é o resultado sobretudo duma directiva governamental.



Fotos Teresa Gomes

"A Cabra": Em relação à preservação do Património Cultural, o que é que está a ser feito?

M. Machado: A Câmara apresentou um projecto, quer à Administração Central, quer à CEE porquanto são projectos complementares e já obtivemos para uma das iniciativas o apoio do PROUD. Prosseguimos o objectivo de classificar o Centro Histórico de Coimbra como património mundial, mas isso pressupõe a realização de umas quantas outras iniciativas que têm de anteceder esta classificação. Isso foi tratado nesta deslocação que fiz a Bolonha.

"A Cabra": Para terminarmos a entrevista, colocava-lhe duas questões: como antigo associativo, pedia-lhe que comparasse a AAC de agora com a de então.

M. Machado: São tempos próprios. Cada geração que anima a Academia tem determinadas preocupações, que não são estáticas. As tradições evoluem no tempo. A tradição, como tudo na vida, começa por não existir. O importante é que cada geração que por aqui vai passando tem sentido que a AAC se assume como a legítima defensora dos seus interesses e preocupações. E isto é fundamental, pois é o que mantém a AAC com o prestígio nacional e internacional que lhe é reconhecido.

"A Cabra": Ainda como antigo estudante, que comentário faz à proposta do regulamento de prescrições do dr. Romero de Magalhães?

M. Machado: Eu não conheço a proposta de regulamento de prescrições do dr. Romero de Magalhães.

"A Cabra": Mas o que lhe diz a palavra *prescrições*?

M. Machado: Note, eu para me pronunciar sobre isso teria que conhecer o regulamento. Não gosto de me pronunciar de forma ignorante sobre as coisas. Não é uma questão que deva responder, por respeito pela não ingerência da Câmara nos assuntos da Universidade...

"A Cabra": Estava-lhe a colocar a pergunta não como Presidente da Câmara, mas como antigo estudante...

M. Machado: Mas você está a entrevistar o Presidente da Câmara.

"A Cabra": Mas estou-lhe a colocar a questão como antigo estudante...

M. Machado: Nós somos sempre estudantes. Eu sou estudante, estou sempre a aprender, já aprendi coisas durante esta entrevista.

"A Cabra": Já agora, o que é que achou da entrevista?

M. Machado: Achei a entrevista interessante. Creio que não há uma informação suficiente, a informação chega-vos de uma forma relativamente diferente da realidade. Coisas como, por exemplo, a deliberação que a Câmara tomou, e sem querer reabrir o *dossier* sobre a Cantina Amarela, é para que sejam criadas naquele espaço melhores condições de utilização para os estudantes. Curiosamente, eu pressenti isso porque me chegou por várias fontes a notícia sobre o assunto. A leitura realizada na Academia era ao contrário: era que a CMC não queria que existisse mais uma cantina, o que é um erro.

"A Cabra": Considera que houve um certo aproveitamento desta decisão da Câmara?

M. Machado: É fruto da época. Eu imagino saber as razões, porque isso é posto demagogicamente. Mas compreendo isso. Mais, tolero isso. Mais, não tenho que ficar chateado com essas coisas, porque nós tratamos dessas matérias independentemente das colheitas. Dirigir uma Câmara Municipal, como entidade pública, em representação dos cidadãos, obriga a ter um sentido honesto de gerir esta casa. Obriga, por exemplo, a não dizer algumas coisas que às vezes nos vão na alma e que nos apetecia dizer.

"A Cabra": Já lhe ficaram algumas coisas na alma que lhe apetecia dizer nesta entrevista?

M. Machado: Ah! Ficaram, ficaram... É evidente que ficaram.

TESTÍCULOS SATÂNICOS CAPÍTULO I, VERSÍCULOS 1 a 6

Por: José Diogo

Com a ponta da caneta absolutamente excitada pelo imenso branco do papel apetece-me discorrer opiniões sobre os dias de calor do Maio Coimbrão. Realmente o Verão chegou cedo demais, na opinião experiente dos ancestrais, e nas sapientes equações dos metereologistas.

No entanto não tenhais nem queirais ter a pretensão de criticar coisas e situações, porque é difícil dar conta dos processos, e é estúpido tentar entendê-los.

Processos são papeis pintados com tinta e a todos nós interessam os resultados da arte escritos na praxis dos dias (quentes) com resultados visíveis, que de alguma forma atenuem o sofrimento em nós provocado por este estio precoce.

1. Mês de Maio que foi de fitas. E ainda queima. E noves fora os trocadilhos mal conseguidos sempre sobra algum sumo.

As contas da dita estão quase prontas e prometem lucro e revelações. Passou a folia e agora só ficam os números.

2. Temos um T.A.G.V. novinho em folha. É verdade mesmo com 30 anos de vida, o que corresponderá a tantos séculos se o compararmos com a humana existência, a única **Sala** (com letra grande) de Coimbra parece ganhar outro fôlego. Com um novo director artístico (A.A.Barros) muda de cara, de programação, de preços e de filosofia.

A cara no Design.

Programação na divulgação, na ordenação, na aculturação interventora sem que as palavras pareçam estúpidas (e isto nos tempos que correm é difícil).

Preços, no definitivo apreço à Academia, no incentivo à sua actividade criadora nomeadamente aos Organismos Autónomos criando um "cachet" para os estudantes e isentando-os da taxa de aluguer da sala. Para quem é de fora aumentou. E já devia ter aumentado há muito tempo.

Filosofia em tudo isto. E ainda bem, fazia falta.

Esperemos que dure e que os Concertos de Jazz não jazzam nunca mais, com epitáfios de culpa alheia. Não é desculpa mas também não serve.

3. O comunicado da J.C.P. sobre os cortes de orçamento aos e dos S.S.U.C.. E sobre a actuação da D.G./A.A.C.. Tesouradas novas? Ou a desorganizada anarquia do costume?

4. O definitivo arranque da Rádio Universidade em moldes semi-profissionais, o seu papel primogénito na criação de uma estrutura nacional de Rádio como cultura. A Arte do Microfone como educadora de consciências. É a R.U.A. (Rádios Universitárias Associadas) feita de propósito para sair de lá, e educar aqueles que não acreditam.

5. A discussão dos estatutos da A.A.C.. Ou a vontade de uns e a "impossibilidade" (entre aspas) da Direcção-Geral, do Presidente da Assembleia Magna, do seu substituto, dos possíveis substitutos, do Primeiro Ministro, do Rui Veloso, do Paco Bandeira, do Capitão do Benfica e da Abelha Maia.

Estavam todos doentes?

Tinham todos importantíssimas e inadiáveis reuniões?

Ou não tinham telefone?

E brinco só porque estão a brincar comigo. E quem dera fosse só comigo.

Versão romanceada em intermináveis capítulos duma Revisão Anunciada ?

A "**Xonar**" não! Obrigado.

6. O calor.

Confunde almas e consciências.

Eu aluguei uma ventoinha.

Felizes os convidados.

DEBATE " QUE ESTATUTOS PARA A A.A.C.?"

No passado dia 22 de Maio, teve lugar na Faculdade de Direito um debate organizado pelo Projecto C e moderado por Benjamim Lousada, Presidente da A.A.C. em 1987, sobre a polémica questão "Que Estatutos para a A.A.C.?".

Esta tem sido, nos últimos anos, uma questão muito badalada e, este ano, foi levantada mais uma vez pelas Listas G (Cães Vadios) e H (Couve Bombarda) aquando do desrespeito do prazo da campanha eleitoral pela Lista D.

Foram intervenientes no debate representantes das listas que concorreram no corrente ano à DG/AAC: João Paulo Saraiva, pela C, Joaquim Reis pela E, e o excêntrico Carlos Ramos, que não tendo sido convidado, apareceu à última hora e exigiu um lugar na mesa.

É de lamentar no entanto, que o actual Presidente da Assembleia Magna, João Luís, não tenha acedido ao convite que lhe foi feito na via de comparecer no debate, e que não se tenha dignado sequer fazer-se substituir por um outro elemento da DG.

Várias críticas foram feitas aos Estatutos:

- que estão desactualizados pois foram elaborados para vigorarem provisoriamente.
- que a não existência de uma verdadeira Assembleia Magna leva a um monopólio da DG sobre a A.A.C..
- que a falta de autonomia das Secções impede o seu bom funcionamento e desenvolvimento.

O representante da Lista G chegou mesmo a alegar que a actual estagnação da vida cultural da Academia se deve em parte aos actuais Estatutos.

Joaquim Reis salientou ainda que a criação do Pólo II da U.C. iria fazer decair o interesse dos seus estudantes pela Academia — que já não é muito grande — e iria fragmentar a união entre as várias Faculdades.

Após a discussão destes problemas, expuseram-se algumas propostas para a sua resolução. Falou-se da criação de um órgão de controle — jurisdicional ou fiscal — independente da DG, ponto em que todos os elementos da mesa concordaram.

João Paulo Saraiva e Carlos Ramos salientaram ainda a importância vital da necessidade de existir um Parlamento Académico, com representantes das Faculdades e das Secções, que funcionaria como elo de ligação entre os Estudantes da Academia.

Pena é, mais uma vez repetimo-lo, que nenhum elemento da actual DG tenha comparecido, inviabilizando dessa maneira a tomada efectiva de quaisquer resoluções numa questão tão importante e urgente como é a revisão dos Estatutos da A.A.C..

TATANKA... STRIKES AGAIN

Tendo em vista a utilização de uma verba no valor de quinze milhões de escudos, atribuída pela Secretaria de Estado da Juventude e destinada a benfeitorias nos edifícios onde se encontram alojadas as Repúblicas, decorreu há cerca de um mês atrás o último Conselho destas casas comunitárias.

Se de facto temos que louvar a atitude do titular da pasta, Dr. Miguel Macedo, pelo interesse demonstrado em preservar espaços de reflexão e vida comunitária que resistem dia após dia ao individualismo que prolifera, não deixa de ser preocupante a forma como a Direcção-Geral da Associação Académica colocou a questão, pela boca do seu Presidente, na reunião a que nos referimos.

Sem esclarecer os presentes das condições e dos termos em que as verbas seriam distribuídas, Fernando Guerra não foi claro, não utilizou o bom senso ou a coragem para explicar tin-tin por tin-tin como deveriam as Repúblicas presentes candidatar-se ao usufruto da verba a atribuir. Pelo contrário, portou-se como um ricaço que pega num maço de notas e as lança ao ar, perante uma multidão de Curdos esfomeados.

Neste caso, pegou na verba já referida e disse: "Dividam-no!". Mas dividi-la como, por quê, quando e segundo que critérios? E afinal já sabia, já possuía indicações que só mediante a apresentação de projectos e orçamentos.

Se o intuito foi o de provocar clivagens entre as Repúblicas, procurando gerir os conflitos daí resultantes, perdeu. E perdeu porque, embora sem dinheiro não se consiga impedir a degradação dos espaços já referidos, a solidariedade e o bom senso que lhe faltaram sobejaram do lado que o ouvia.

Não foi por acaso que se aperceberam do jogo perigoso que então procuravam que se disputasse. Corajosamente prescindiram da verba que hipoteticamente lhes poderia caber, a favor de outras bem mais necessitadas. Afinal, quinze mil contos a dividir por vinte e cinco Repúblicas daria 600 contos a cada uma. Algumas precisam de dois, três e até oito mil contos. Seiscentos contos nestes casos seriam insignificantes. Também haverá, e felizmente, os que nada precisam.

De qualquer forma, a ideia que fica, a ideia que resta, é uma inoperância a todos os níveis, quer na transmissão de propostas oriundas do Poder Central que a Direcção-Geral veicula, quer no esclarecimento do seu conteúdo.

De momento, resta-nos aguardar por uma reunião que ficou de se realizar na semana seguinte e que, quarenta e cinco dias após a anterior, continua por marcar. Isto e também sem que as propostas então ventiladas, e que ficariam de chegar a todas as Repúblicas, tivessem assomado hoje às caixas do correio.

Certamente que não serão estes os melhores caminhos a trilhar para encontrar soluções. As Repúblicas estão cansadas de ser usadas por hipotéticos *responsáveis* que depois se encarregam de utilizar os meios destinados noutras soluções.

Esperamos, Fernando Guerra, que não seja este o caso. Que os quinze milhões de escudos não sejam mais uma bala para as nuvens e que, se por acaso ainda existirem, se esclareça a forma e os pressupostos em que a Secretaria de Estado da Juventude os colocou à disposição das Repúblicas de Coimbra.

VIA LATINA

"Não se pode conceber que uma Associação de Estudantes, mesmo sendo a Associação Académica de Coimbra, produza uma revista com um orçamento de perto de 15000 contos!", se não foram estas as palavras foi este o sentido que o Secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, quis transmitir quando falou, durante um almoço em Coimbra, sobre a "Via Latina".

A sua ideia era a de uma revista, igualmente com reconhecida qualidade, mas com os custos e os ideais que são inerentes a uma associação académica. Com isto não pretendo que a "V.L.", dentro dos moldes em que vem sendo editada, não seja digna da A.A.C.. Não se coloca essa questão, até porque é opinião unânime que a "V.L." é uma das me-lhores — se não mesmo a melhor — revistas culturais editadas no nosso país; mas, mesmo tendo em conta este argumento, considero que a mudança do projecto tem de se efectuar, para que a "V.L." volte a ser da Academia.

Em 1986 a "V.L." rompeu com o passado, tendo sido editado (após um intervalo de três anos) um número com uma estética e uma linha editorial inovadoras. Este número, cujo director foi António Barros, desligou-se das polémicas académicas que caracterizavam os números anteriorés e entrou em força no dominio da cultura. Em 1989, e como forma de comemorar os 100 anos de existência da "V.L.", é editado um número especial, tendo como linhas orientadoras a Portugalidade e o tratamento da Cultura portuguesa contempôranea. Além disto é editado um suplemento — "Ad Libitum" — que faz a história possivel da "V.L." bem como uma discussão sobre alguns dos seus artigos mais importantes e controversos. As contribuições, na parte de escrita e na parte de imagem, para este número foram assinadas por muitos dos grandes nomes do actual panorama cultural português, proporcionando uma multiplicidade de aspectos discordantes, o que, convenhamos, é bastante saudável. Foi exactamente esta variedade de artigos e temas abordados que fez com que a revista recebesse os aplausos dos críticos e fosse considerada das melhores a nivel nacional.

Este êxito foi ensombrado pelo facto de só cerca de metade dos 2000 exemplares da revista terem sido postos à venda ao público, sendo apenas uma mínima parte os que foram adquiridos por estudantes. Este facto deriva de, ainda antes de ter sido lançada a revista, se terem vendido 500 exemplares ao Instituto da Juventude e se terem reservado quase outros tantos para o-ferecer aos colaboradores, entidades oficiais, patrocinadores, não esquecendo alguns exemplares que desapareceram sem deixar rasto. A pensar também nestes problemas o director deste número, Francisco Silvestre, propõe-se, na próxima edição da revista, levar a cabo um projecto mais grandioso: aumentar a tiragem para 5000 ou mais exemplares; terminar os dois temas iniciados na revista anterior e incluir um suplemento que tratará, exaustivamente, de Macau, na dualidade e aproximação das culturas Portuguesa e Chinesa. Este projecto, que conta com bem mais de duzentos colaboradores, entre nacionais e estrangeiros, tinha saida prevista para Novembro do ano transacto e um orçamento de 14000 e quase duzentos contos; no entanto a saida já vai atrasada em seis meses e o orçamento poderá estoirar a qualquer momento. Por outro lado, neste número, as considerações gerais e particulares sobre a Cultura e a Portugalidade chegam a um ponto em que será quase impossivel encontrar mais para dizer ou fazer, pelo que este projecto não poderá ter a continuidade que uma revista, qualquer que ela seja, tem de procurar, o que creio não ser o melhor para a A.A.C..

Também porque os temas debatidos são, na sua essência, os mesmos, sou levado a pensar que a maioria dos estudantes não mostrará interesse em adquirir este novo número, mesmo que desta vez tenham essa oportunidade — não sendo este artigo o local mais adequado para se discutirem as causas pelas quais essa maioria de estudantes se afasta da cultura. Apesar das consi-derações já feitas, e por estranho que pareça, os estatutos da A.A.C. dizem no artigo 35º, alinea l): "Compete à Direcção-Geral...editar a "VIA LATINA" bem como nomear o seu director.", ou seja: que a D.G./A.A.C. é possuidora de um orgão que se presta, essencialmente, à divulgação das suas iniciativas, bem como às das Secções e Organismos Autónomos; ao debate de ideias sobre a Academia e a Cidade e à intervenção nos problemas pedagógicos e sociais dos estudantes. Nunca esque- cendo o espaço dedicado à divulgação de obras culturais de estudantes, antigos estudantes e outras perso-nalidades; como aliás sempre foi feito nos vários números, durante os mais de cem anos de vida da "V.L.".

Assim, facilmente se percebe que o projecto que defendo para a "V.L." é o de uma revista feita pelos estudantes e para os estudantes, o que tem sido completamente esquecido nas publicações efectuadas nos últimos anos e o que, mais urgentemente, terá de sofrer alteração. Com isto será, talvez, eliminada a razão principal para o afastamento dos estudantes de uma revista que sempre acarinharam e sempre procuraram engrandecer com as suas colaborações.

PEDRO S. ANTÓNIO

NOTA: No dia 29 do passado mês de Maio foi finalmente lançada a revista "VIA LATINA" (para alívio de muitos). Como este artigo foi escrito antes, convem deixar claro que não perde actualidade e que os factos aqui expostos (nomeadamente os que têm a ver com números) estão correctos.



UNIVERCIDADE

Sir Charles Burnbridge referiu-se um dia à violência no desporto dizendo: "A violência não é do verdadeiro apreciador de desporto, mas do frangalho social manipulado por forças, camufladas ou expressamente activas, que se aproveitam do facto de a pugna desportiva mobilizar emoções fortes. Coitado do desporto, para quê atirarem-lhe para cima o odioso de uma situação social bem definida?". Se o desporto é, muitas vezes, quer veículo da expressão de anomalias sociais e de frustrações individuais, quer tema utilizado para distrair a atenção de assuntos bem mais graves, ele é também propiciador de momentos enriquecedores, fruídos pelo espectador e pelo desportista. O Campo de Santa Cruz é um desses sítios onde o desporto tem sido elemento importante na formação do Homem Integral e pólo aglutinador de algumas das suas melhores características.

Desde o início deste século que andava na mente dos responsáveis da Associação Académica a abertura, no Parque de Santa Cruz, de um campo de jogos. Este parque, que até meados do Séc.XIX pertencera ao Convento de Santa Cruz, após o que passara para a posse da Câmara Municipal, fora já palco de vários "jogos de bola" protagonizados pelos religiosos e seus amigos, rodeados da maior opulência, como nos informa L.F. Tollenare(1). Esses jogos, obviamente, seriam de natureza bem diferente daqueles que estavam projectados para o novo Campo.

Nos inícios do ano de 1917, o Reitor principiou diligências junto da Câmara Municipal de Coimbra para a cedência de terrenos e início das obras. Nos primeiros meses de 1918, estas intensificaram-se. A este facto não terá sido alheio o golpe de Estado que em Dezembro último levara à Presidência da República o oficial de Artilharia Sidónio Pais, que em Coimbra fora lente de Matemática e Vice-Reitor, o primeiro após a proclamação do Regime Republicano.

Sidónio Pais, em Julho de 1918, concederia à Universidade um empréstimo de 100 contos para a conclusão do Campo de Jogos e para a construção de um edifício destinado a sede da A.A.C.. No mesmo ano, independentemente de uma inauguração oficial que se chegou a efectuar, as obras continuariam. Somente em Março de 1922 o Campo de Santa Cruz foi festivamente inaugurado, na presença do Reitor, Dr. António Luis Gomes, e do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Barbosa de Magalhães. O Campo da Insua dos Bentos, na margem direita do Mondego (onde agora se situa o Parque da Cidade), continuava, no entanto, a ser utilizado: o Campo de Santa Cruz nem sequer balneários possuía, principiando-se a construção destes apenas em Maio desse ano, além de que só em Outubro de 1926 a Câmara Municipal decidiu vedar uma parte da Rua dos Loureiros (a arame farpado!), por forma a impedir que o campo fosse invadido pelos "furiosos da bola" aquando das tardes de futebol. Coimbra já dificilmente podia passar sem este desporto, sendo os jogos muito concorridos, o que por vezes propiciava desfechos turbulentos, dentro e fora do campo, nomeadamente em encontros com o União...

E nem os professores escapavam a esta febre: em 1925, o Dr. Aurélio Quintanilha, lente de Botânica, fracturou uma perna quando aí jogava futebol!... Mas nem só este desporto se praticava no novo campo. O referido professor, curiosamente, era também um entusiasta do basquetebol, jogo que a equipa da Associação disputava numa parte do terreno destinado ao futebol, sendo as marcações feitas a cal. Somente em 1932 a equipa da A.A.C. conseguiu obter um recinto devidamente preparado para esse jogo, situado junto aos balneários. Um dos grandes promotores da iniciativa fora Armando Sampaio, animador de uma "Comissão de Obras" criada para implementar melhorias no Campo de Santa Cruz. Armando Sampaio — tio do Dr. Amorim Afonso, outro académico a quem o futebol e o desporto da A.A.C. muito devem (foi Presidente da A.A.C. em 1947 e 1948) — estava em Coimbra a cursar Medicina. Iniciara-se no futebol no Sporting Clube de Portugal, tendo chegado a jogar com ídolos como Jorge Vieira e Francisco Stromp. Em Coimbra foi um dos maiores entusiastas do futebol nos finais da década de 20 e inícios da de 30. Chegou a fazer sair jornais desportivos, colaborando em vários outros. De jogador passou a treinador e, mais tarde, integrou o Conselho Técnico da Selecção Nacional. Depois, já médico, exerceria no Reguengo, freguesia do concelho de Portalegre, cidade onde se ligaria ao Grupo Desportivo Portalegrense, outra sua grande paixão. Dois dos seus livros recordam essas experiências: "Football para o Serão — Recordações e Reflexões de um velho Académico" (1944) e "De Bata Branca..." (1967). O seu carinho pela Académica nunca esmoreceu — dizia ele que um dos seus maiores prazeres era falar de futebol e da A.A.C. —, nem em momentos difíceis como aquele, em 1930, em que a Associação Académica foi goleada pelo Benfica no Campo de Santa Cruz, por 10-4: Armando Sampaio, actuando a Guarda-Redes, foi por todos apupado e considerado único responsável pela derrota... Pelo seu entusiasmo e pela dignidade que sempre demonstrou, não podíamos deixar de lhe dedicar estas breves linhas, ele que contribuiu para provar, conjuntamente com tantos outros, que a Associação Académica não é grande tanto pelos títulos e sucessos desportivos que obteve, mas mais pela *maneira* como os alcançou. E isto não deveria ser esquecido...

Apesar da construção dos Estádios Municipal e Universitário, ainda hoje podemos ver o velhinho Campo de Santa Cruz sempre cheio de estudantes, sejam os da equipa de futebol da Académica, das várias equipas das Faculdades no Torneio que a Secção de Futebol promove, seja pelas camadas jovens do Organismo Autónomo de Futebol, algumas vezes também pelos seus profissionais. As gerações sucedem-se, bem como as diferentes maneiras de encarar o desporto, neste campo já quase tornado monumento. Terminamos com uma afirmação do dr. Armando Sampaio que, afinal, consubstancia o sentir de muitos que deram o melhor de si a A.A.C.. Diz ele: "Conquistei o cognome do Sampaio da bola e ocupei todos os lugares no team da Académica, desde a baliza à ponta esquerda. Recebi aplausos que chegaram ao delírio e cheguei a ser levado em triunfo, nos dias de vitória, mas fui também assobiado e apupado como qualquer lutador antipático que o público não grama! Deixava crescer as unhas durante a semana, para as roer no Domingo, até ao sabugo. Em Coimbra deixei uma cabeleira ondulada que era o meu orgulho, aos 18 anos. Ao abandonar a Lusa-Atenas deram-me um cinzeiro de prata com dedicatória... e pronto. Ficaram saldadas as contas. Unhas, cabelos, tempo e mocidade que lá perdi, tudo ficou pago com aquela recordação, que para mim vale mais que uma fortuna... ".

JOÃO GARÇÃO

(1)-citado por Helder Carita e Homem Cardoso *in* "Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal", Lisboa, Círculo de Leitores, 1990, p.169.

Para aprofundar o tema do artigo veja-se António José Soares, "Saudades de Coimbra", 2º vol., Coimbra, Almedina e "A Cidade", Revista Cultural de Portalegre, nº3, Portalegre, Fev. 1982.

O INSTITUTO DO EMPREGO
E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

PROMOVE E APOIA

* ESTÁGIOS PARA RECÉM-LICENCIADOS
* ACÇÕES DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DIRIGIDAS A TODOS OS TIPOS DE POPULAÇÃO
* ACÇÕES DE FORMAÇÃO DE FORMADORES COM DESTINO AOS DIVERSOS PROGRAMAS DO IEPF

CONTACTA JÁ OS CENTROS DE EMPREGO

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

CRÓNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA?

1. Em plena polémica travada sobre a Praxe académica Coimbrã, pode ler-se, nas páginas do Diário de Lisboa de 16-12-57, a seguinte afirmação: "a "praxe", como todas as instituições humanas, *não é estática* e, portanto, vai assumindo *diferentes costumes* com o decorrer dos anos. Como também é normal, *nem sempre acompanha* exactamente *a evolução* da época que se integra." (itálicos acrescentados).

Trinta e quatro anos volvidos, tal afirmação resume, com particular acerto, a situação que vive hoje a Praxe académica estudantil, regulada quase exclusivamente pelo desactualizado mas, porém, quase inquestionado Código de 1957. Infelizmente! E infelizmente, porque se trata de normação obsoleta, desfasada da nova realidade histórico-concreta em que vive a Academia (e, só isso, já deveria ter bastado para levar à sua substituição!); infelizmente, porque esta codificação, nos moldes em que foi feita, é um erro monstruoso; infelizmente, por último, porque a sua vigência tem-se revelado catastrófica, já que não permite a renovação e a criatividade praxísticas, porque embota a imaginação e naturalidade dos estudantes.

2. Nascido em circunstâncias específicas da vida desta Academia, o Código de 57 já (quase) nada diz aos estudantes da era do Cartão Jovem e dos Concertos de Rock no Estádio de Alvalade, como se lhe se refere um ilustre Mestre desta Universidade. A sociedade que lhe serviu de suporte já não existe, e as alterações são evidentes. Extinta (ou em vias de extinção essa sociedade), igual destino seria de esperar para a sua codificação. Porém, as coisas não se passaram assim.

Tais alterações afectaram toda a sociedade coimbrã. Neste período em que capas e batinas e futricagem parecem andar de mãos dadas, com os estudantes a servirem de cartaz turístico de e a serem explorados por uma cidade que nada lhes dá em troca — senão, talvez, problemas —, a sociedade tradicional académica diluiu-se, numa abertura "à comunidade" que põe em risco os esquemas de representação praxísticos e, de uma maneira geral, toda a cultura estudantil.

De tudo um pouco sofre esta sociedade. Em primeiro lugar, a Universidade cresceu e expandiu-se, carregou-se de intenções políticas (desta vez, no mau sentido), viu degradarem-se as suas instalações e aumentar a concorrência de não sei quantas instituições de ensino privado, apostadas num rápido reconhecimento das suas potencialidades e no aumento dos seus proventos; lida diariamente com uma futricagem ávida, perante quem implora os míseros tostões de que necessita para o sucesso do seu projecto educativo, finge que ensina, que prepara estudantes de nível superior, amanha-se como pode e como a deixam amanhar-se, reparte, generosamente, com outras instituições de ensino os seus professores, festeja, e isto como exemplo desta situação, solenemente a abertura das suas aulas quando, com um pouco de paciência e de boa vontade, poderia festejar o seu encerramento.

Em segundo lugar, a própria estrutura social estudantil se alterou radicalmente: massificou-se, desinteressou-se, perdeu a sua identidade própria, confundiu praxe com política condenando a uma lenta agonia tantas "Repúblicas" que, de centros irradiadores de cultura praxística, passaram a ser, na praxe e pela praxe (atente-se no exemplo fornecido pela Lei 2/82, de 15 de Janeiro...), contra a praxe. Esta última afirmação, ainda que o não pareça, tem muito sentido. Basta termos em mente a meia dúzia de "pseudo-intelectualóides" fossilizados que expulsou dos seus feudos naturais, numa vingança mesquinha por uma derrota amarga, precisamente essa praxe que lhes permitiu e permite sobreviver, quantas vezes melhor do que a maior parte dos seus colegas.

Mas o misticismo de Coimbra tem-se perdido também por outros motivos. Hoje, graças à própria massificação da cultura e dos esquemas de acção, a um mimetismo saloio e impensado, à magia do som e da imagem, aos media, aos renovados meios de transporte e a outros tantos factores de índole sociológica, Coimbra ameaça tornar-se numa cidade como outra qualquer, com os mesmos problemas, os mesmos hábitos a que os estudantes estão acostumados nos seus "torrões nativos". E isto só durante a semana, porque, quando se aproxima a Sexta Feira, é a debandada geral para casa, onde os esperam os petiscos da "mamã" e o aconchego do lar familiar. Para trás fica o mundo académico, com os seus problemas, que deixaram, por momentos, de ser seus.

Por último, a Universidade foi invadida por uma caterva de mulheres, deixou de ser escolha decidida para se tornar num milagre oficiado pela aplicação do disposto na alínea a) do nº 1 do artigo 30º do Dec.-Lei nº 354/88, de 12 de Outubro, sem poesia, sem emoção — para quê, agora temos a PGA...! —, confunde má-educação e falta de princípios com irreverência, renegou a séculos de tradição em nome de uma igualdade sem limites e de uma infantilidade de comportamentos impressionante. Ou seja, e para concluirmos, Coimbra perdeu o seu brilho próprio, algo que até os números frios das estatísticas podem com segurança comprovar.

Neste contexto, como pode um Código desfasado da realidade a que se dirige, que encontra o seu fundamento na teimosia dum Conselho de "alegres" (e por vezes ignorantes...) "comadres", que não é lido (e, se o é, não é compreendido) pela maior parte dos seus supostos destinatários (que, por isso, ignoram as suas mais elementares disposições), de cujas esporádicas e incoerentes actualizações quase ninguém ouviu falar, cumprir o seu dever último de servir de suporte à Praxe?

A resposta é simples: não pode! E se não pode, se é obsoleto, se não serve a realidade a que se dirige, se é empecilho ao invés de constituir um ponto de referência de uma sociedade específica, se não serve, dizíamos, se é imprestável, deve ocupar o seu lugar nas prateleiras da História e das estórias desta Academia e deixar em paz quem quer e quem pode fazer alguma coisa por uma Praxe que pode estar moribunda. Ou seja, em termos simples para que todos entendam, deve ser revogado.

3. Dir-nos-ão, porém, que um Código se não substitui de um dia para o outro; que é melhor uma má normação do que nenhuma normação; que não se pode renunciar assim a três décadas e (quase) meia de tradição; que, sem Código, seria a anarquia, o caos, o descalabro total!

Esses argumentos, contudo, não procedem. E não procedem porque a Praxe viveu durante séculos sem Código, completamente entregue ao cuidado e à diligência dos estudantes. Não procedem, ainda, porque as desvantagens que resultam da existência deste Código, como seja a tradição de exegese rigorosa e fanática, a segurança balofa que tem transmitido, a redução da Praxe a uma das suas múltiplas dimensões, a pobreza das soluções preconizadas, o carácter rígido e formalista que lhe é tão característico, a legitimação da "tirania da ortodoxia" que tem permitido, não justificam a consideração privilegiada destes impedimentos circunstanciais à sua revogação pura e simples. A Praxe reporta-se sempre ao passado. Há-de ser nele que, fundamentadamente, se hão-de procurar os exemplos e as referências, não nas normas áridas da codificação de 57. Acresce, por último, que esta necessidade de mudança é geralmente reconhecida, como o prova a existência de um projecto de revisão (ou substituição — devemos confessar que, neste ponto, não nos são transparentes os objectivos dos seus autores) do actual Código da Praxe, cuja discussão tem sido sistematicamente adiada e hipocritamente escondida da Academia. Tudo se passa como se a Praxe fosse académica, mas a sua concepção tivesse de ser retirada da disponibilidade daqueles (os impuros...) que, em última instância, são o seu (verdadeiro e único) suporte efectivo.

Estamos, por isso, convictos de que só pela imediata revogação deste Código será possível reconstruir solidamente a Praxe. Restaurada a sua vigência, problematizados os seus fundamentos, eis finalmente chegado o momento de uma nova ordem tomar o lugar da que agora, estrebuchante, chega ao fim!

P. MENESES

Vem comprar na A.A.C...

Papelaria
Fotocopiadora
Livraria
Material Desportivo
Campismo e Turismo
Bar

... Para te servir melhor

FEIRA PERMANENTE DO LIVRO



Compra e Venda
Livros novos, usados, antigos, curiosos e velhos.
Postais, mapas, revistas, jornais, etc.
5 Anos ao serviço da cultura
ARCO DA ALMEDINA, 33 - 35 COIMBRA

RÁDIO UNIVERSIDADE DE COIMBRA 107.9 fm

segunda a sexta

730 O Beijo da Mulher a dias — JOSÉ DIOGO

1000 PEÇAS ESCOLHIDAS — Cristina Portela

1200 Swing Bar — JORGE BARROS

1400 Estranhos hábitos — RUI PORTULEZ

1500 O Fazedor de Sons — Filipe Ramos, Fernando Oliveiros

1600 Luz ao fundo do Túnel — António Cunha

1700 RUMORES DO PLANETA — Domingos Costa, Alexandre Matos, João P. Figueiredo, Inácio Castro

1800 CANTO LUSITANO — Fausto Silva

1900 No outro lado da tarde — Alexandre Pereira, Paula Serra, José Viegas

2000 o desprimor do deleite

2030 Cem palavras — Paulo Saraiva, José Cardoso

2130 ALMA MATER CONIMBRIGENSIS — INFORMAÇÃO ACADÉMICA

2200 Com Todas as Letras — 2º DEBATE / CONVIDADOS

2300 a forja dos deuses — Pedro Dias, Avelino Amérsico, Pedro D. Silva

0030 2º Deserto sem Quartel — Pedro Lacerda; 3º balada do mar salgado — Otímio Ferreira; 4º Novos contos do Carrossel — Humberto Duarte; 5º ATAQUE — Manuel Portela

0200

RÁDIO UNIVERSIDADE DE COIMBRA 107.9 fm

Fim de semana

730 INTEGRAL DEFINIDO

1000 Contra Bando Latino — Fausto Silva; Nem Queira Saber — Paulo Santos

1200 É Pra Jazz — Crisjina Portela; Folkways — Domingos Costa

1300 logo à noite no fumo dum copo — Margarida M. Silva

1400 Clube dos Poetas Vivos — João P. Goncalves; MUJIMBO — Inácio Castro

1500 Espaço do Secundário

1600 Aos Condutores de Domingo — Pedro Loureiro; o Cruel Sublime — Pedro A. Dias

1700 local quase perfeito — João Lucas Emidio

1800 Manifesto Arte — Olímpio Ferreira; Multimédias — José Diogo, Luisa Lopes

1900 Ecologias — Pedro Lacerda

2000 6ª Ninguém escreve ao Coronel — Tiago Magalhães; COMPOSITUM — Ricardo Santos

2100 O SEXO DO TEXTO — Muriel; Feel Street Blues — João C. Oliveiros

2200 sexta-feira: A nota Azul — Olímpio Ferreira; Muito Pouca Vergonha — José Diogo; Vi um homem que viu outro que viu o mar — João José Cardoso

2300 Teoria do Mundo Feliz — Luis Filipe Ribeiro; Ninho de Serpentes — Luisa Alexandra; Os Sacerdotes da ilha do prazer — Domingos Costa

0000 o sono de um curioso — Francisco C. Pinto, José Eduardo Gomes, Francisco Estrada

0100 Amantes de Neon — José Alfredo, Pedro Lacerda; Ruínas circulares — José Braga; Jardins de Pedra — Paulo Antunes

0200

0230

Mil e Uma noites

música em discos compactos

730 730





RÁDIO UNIVERSIDADE

RUC

HÁ COISAS QUE SÓ SE OUVEM AQUI 107.9 FM

CHAMARRITA DO MEIO

Vem agora a maresia, engolfando gestos de suor e sangue, clamar o tributo ancestral dos fantasmas da memória perturbada. Conturbada e efémera fuga de um amor primeiro que, em noitadas de invernia insone me vem fustigar as frágeis fragas de fraca vida que sou, devolvendo-me ao útero fértil dos homens da missa, do arpão, da terra lavrada.

E então a fugaz miragem da estéril placenta do ser mundo, transmuda-se em sangue, maré cheia, ira, raiva e choro: têm a palavra, os avoengos fantasmas da ilha de lava que acorda em mim.



Nalgum tempo, as folgas caíam às sextas e sábados, depois da ceia, noite adentro, em casa de quem as quisesse fazer, na sala de fora, já se vê, o soalho de resinoso então era um mimo, esfregadinho com sabão, areia e água requentada. A um canto da sala, o oratório de Santo Antoino, afogado em velinhas e flores ressequidas, Tia Maria Augusta, mulher de Manel da Rosinha, nã perdia ocasião de meter a sua velinha de sebo de carneiro, nã fosse o santinho agastar-se e odispois dava em perder as agulhas de costura, a chave da adega, as miudezas que ũa mulher tem pra governo da casa, que ficasse assossegado ao lado direito de Deus Padre, um fogo me abrase se me esquecer das rezas a Santo Antoino mais logo, no final do terço, e pegado ao frontal rebocado de caliça, que dividia a sala de fora do quarto de dormir, o patriarcal arquibanco de madeira de cedro, aonde se refastelavam os tocadores de viola da terra e rabeca; pendentes dos tirantes que travejavam o tecto, um massame de cambadas de milho amarelo, duas ou três eram do vromelho, toda a riqueza sementeira de Manel da Rosinha, ali dependurada, no bem bum, se fosse na loja era abocanhação certa de morganhos e ratos, o diacho da ratoeira não havia modos de dar-lhes vencimento, e o estupor do bichano, esse só tinha préstimo pra encher o bucho de sopas e espinhas, cama, tacho e pouco balanço, isso então era com ele.

Mulherio a ua banda, todas brunidas, homes à outra, duas filas bem alinhadas, quem nã sabe nã se meta nassa burro prá colheta, ao menos nã passa as vergonhices dum passo em falso, entra a viola de rasgado, Tio Antoino Oficial, o pai daquele Gil que tu conheces, bota cantoria de encher o olho, João Bigorna é o mandador, abrem com a Chamarrita do Meio, entranceia, puxa o par, tudo baila, está sinhora, puxa e foge, salta e vira, ò torreão, vamos à praia, igual ao João Bigorna, pra mandar, inda tá pra nascer um daquela bitola, inté dava as vozes e metia graçolas e tarroiçadas de escarqueirar o coiro a rir, os pares quando davam por si já se tinham enganado no passo. O bailador de maior fama, era aquele Ti Arnaldo Velho que vês ali assentado todos os dias, à bocaina da noite, na banqueta da venda do Sarrilha, no tempo de rapaz novo, ninguém lhe passava a perna, os dedos a estralar em riba da cabeça, o gormil esticado à banda, o olho a faiscar que nem tição, piadas, risos e mais risos, aquelas pernas num corropio, tudo certinho no compasso da viola.

Dua vez, era fim-de-semana, correu boato de que havia folga na Terra do Pão, em casa dos Tarimbas, o Arnaldo, sempre folgasão, vai de arranjar um magote de moços da mesma idade e ala botes, galgaram os cinco quilómetros do mistério, às escuras por entre a lava vomitada pelo vulcão de 1718, abeiraram-se do casario, ua ou outra luz de petróleo, ninguém enxergava palmo à frente do nariz, mais aparentava nã ser terra de gente cristã, deram em saltar muros e balcões, um corisco me pegue se a casa da folga não é já ali, depois de passar este balcão, não era balcão nenhum, o Arnaldo vai de pinchar de riba do muro, sente faltar-lhe o chão, aonde é que ê tou, que guincharia é esta, hei home caí dentro do curral do porco, ò Francisco bota-me a mão a ver se guino daqui pra fora, tás mas é todo cagado de merda de porco, o Arnaldo doido, quando deu por si, ele eram as meias de lã, ele eram as albarcas besuntadas de merdanceiras, assim neste doairo já nã se vai a lugar nenhum, largaram prá nossa freguesia todos desconsoladinhos.

Vó Maria tinha andado nas folgas em rapariga solteira, nas de fama, na Casa Nova de Manel da Rosinha, a sala mais importante desse tempo. Cá por mim sabia bailar as modas velhas todinhas, os bailes de roda mais os de conta, ai, mas a Sapateia de Cadeia era um regalo, só de quatro pares, vénia, faz arcos meu bem faz arcos, faz amor os teus arquinhos, os rapazes fartavam-se de estralar os dedos, alguns havia que nem se deitavam, era acabar a folga, pegar na foiça e nas canecas e abalar a caminho do mato. Nas folgas da Casa Nova, fica sabendo, não era qualquer um, tocadores, iam procurá-los à Almagreira, Silveira e Terra do Pão, outros eram escolhidos a dedo cá na freguesia, Ti Antoino Oficial a improvisar cantigas, ai Jasus, do bum e do melhor, ua atrás da outra, as raparigas nem te digo, bailar só por convite, e com o home que elas quisessem, não era qualquer um que lhes caía no goto, tou-me a alembrar da Amélia Riqueza, costureira, sempre toda brunida e escarnenta, só ponião em riba daquele corpo, os rapazes arreceavam de pedir-lhe um balho, um repelão na folga, cruzes, era de cair nas bocas do mundo.

Foi numa destas folgas de Primavera incerta, que o Arnaldo deu em arrastar a asa à Maria Beatriz, ua moça profeita, filha do Tio Manel Vieira, viúvo de muntos anos, foi olhando, foi engodando, ela a fazer-se rogada, inté que perto do fim, meia avromelhada, a modos de alembrar a crista das frangas quando pegam a encetar, lá lhe deu um arzinho da sua graça. Ficaram de namorico pegado, tudo na maior discrição, no caminho do mato, nessas terras, nas novenas do Sinhor Esprito Santo, nem botavam sentido ao terço, babadinhos um pelo outro, às vezes ajunta-se a fome com a vontade de comer, a Beatriz a tirar-lhe o juízo, tens que pedir licença a mê pai, só de pensar em Tio Vieira me arrepio, olha trata de te decidir, isto assim é que nã continua mais tempo, pois sim, deixa-me apanhá-lo a jeito, o velho há-de amansar.

Isso foi o amansas, num dia calhou Tio Manel Vieira entrar no Sarrilha, o Arnaldo assentado num banco, tratou de se abeirar, Sarrilha bota aí dois meiozinhos de tinto, dois meiozinhos, repisou o Sarrilha, ò rapaz hoje começas cedo, só bebo um, o outro é aqui pró Ti Vieira, deixa-te disso Arnaldo, Ti Vieira nã me faça esta desfeita, olhe que é de boa vontade, tá bum, já que enteimas, olhe Ti Vieira, tenho cá andado a pensar na minha vida, a tropa já cá canta, a sua Beatriz é ua moça de governo, minha mãe tá fartinha de a gabar, o Tio Vieira sabe das minhas intenções, ê nã quero saber de intenções nem meias intenções, então o meiozinho era pra isto, quem nã te conhece que te compre, daqui nã levas nada, ê cá nã tenho filhas pra casar cum borrabotas da tua laia, um triste sem eira nem beira, não há mais conversa, e fica sabendo, se te apanho a farejar os portões vamos ter molho.

O Arnaldo engulhou em seco, e jurou que se havia de pagar do estuporado, ora essa, podia nã ser rico, mas lá honesto era, e braços, tinha-os pra dar e vender. Deu em andar com a Beatriz às escondidas de Ti Vieira, e nestes entrementes armou conchavo com a Janbenta, inté lhe ofereceu um anel de noivado, enquanto à outra ia dizendo que era casório certo. A Beatriz caíu na esparrela, num dia, no caminho do mato, o Arnaldo arrancou-lhe os três vinténs, a coisa bem arranjadinha, sem a emprenhar, e ua semana odispois, à hora da ceia, arranjou modos da Janbenta ir a casa de Ti Vieira, levar um recado qualquer, ela foi, então rapariga quando é que casas, olhe não anda longe o acerto do nó, entendi-me com o Arnaldo, qual Arnaldo, o Arnaldo das folgas, ora essa, não há outro com tal nome cá na freguesia, inté me ofereceu este anel de noivado, que comprou na Terceira, no tempo de feijão verde, aí o velhaco sem vergonha, gritou a Beatriz, pálida de morte, a mãozinha descaída dentro do prato de barro de Samiguel, os dedinhos besuntados de graxa de porco, garfos só em casa de gente rica, comia-se com os dedos e nunca ninguém morreu por causa disso, o excomungado deve-me casamento, filha que dizes, ê alimpo-te o sebo mais ao estupor que desgraçou a minha casa, põe-te das minhas portas pra fora cadela de Janbenta, andaste a apunhalar a minha filha pelas costas... Chamatão feio na cozinha de terra batida, recamada de rama de faia, as achas a crepitar no lar, por debaixo da grelha de ferro, a candeia tremurenta pareceu agarrar-se mais ao mancebo de madeira enegrecida, cravejada de pregos ferrugentos, oxidados pela crosão de noites sem tempo, à rapariga vamos pra casa de baixo que a gente precisa ter ua conversa, o pai nã te avisou bem avisada, mê pai nã me bata, é tudo mentira, ê sou ua moça honrada, só disse aquilo pra atazanar a Janbenta, quem te atazana sou eu, o home puxou do cinto de coiro e malhou-a bem malhada, durante um mesinho ninguém botou o olho em riba da Beatriz. Foi a Balbina Velha quem acudiu ao espautério do tio Vieira, só fui lá por ser cunhada dele, irmã da mãe da Beatriz, o cunhado tinha perdido o tino, credo, malhar a piquena que nem um animal, coitadinha, ficou toda negra e enzamboada, em banhos de vinaigre, durante semanas a chorar, trancadinha no quarto, era a tia quem lhe levava o comer. Balbina inté julgou que o cunhado tava doido, ó home tem mão no que fazes, inda matas a rapariga, minha tia acuda-me por amor de Deus, Balbina vai pra tua casa, dentro destas paredes mando eu, ó desnaturado tira as mãos de riba da tua filha, tu tás é a maltratar o sangue e carne da tua mulher, mas olha que se nossa Francisca tá junto de Deus, inda te arrependes, o que foste dizer, o Tio Vieira embatocou, nem ai nem ui, olhos parados, a cunhada inté aventou que o home tinha ficado meio apensionado da tola.

Largou porta fora, desasado, enquanto a Balbina metia a sobrinha na cama, odispois soube-se que tinha ido falar com Monsenhor, lá se perdoou com a filha, e a rapariga sempre veio a casar prós lados de Santa Luzia.

O Arnaldo, esse mandou a Janbenta prá Rocha das Ganhoas e casou com a Maria de Jasus, filha da Libana Velha, ua forreta que escondia o dinheiro nua barça de barro, num buraco cavado no chão. Passou a vida toda a enricar à custa do negócio das laranjas, e agora tá práli assentado naquela banqueta, à espera de prestar contas a Deus.

ANTÓNIO NUNES

A propósito duma serenata

Após a retomada de algumas tradições, a Canção de Coimbra surge como uma força dinamizadora dentro da Academia, em que Organismos e Secções, designadamente a SECÇÃO DE FADO, dedicam todo o seu empenho.

A retomada das tradições implicou a aderência lógica de antigos estudantes que, quer individualmente quer em grupo, tiveram parte activa nessa grande tarefa.

Advém daqui, que a partir de 1979/80, as serenatas de cariz académico realizadas na Sé Velha, começaram a apresentar, organicamente, grupos formados, autonomamente, nas Escolas do Chiado e, actualmente na SECÇÃO DE FADO que, logicamente, são fruto de um trabalho ordenado e responsável de antigos estudantes, designadamente JORGE GOMES e o Dr. FERNANDO MONTEIRO .

Teremos contudo que dizer, muito sinceramente, que alguns antigos estudantes com créditos na Canção de Coimbra, em vez de colaborarem, assumiram e assumem posições criticáveis no sentido de ocuparem "sozinhos" o espaço vazio deixado pela crise de 1969 e do seu voluntarismo inicial, para entregar na mão de novas gerações um património cultural, já por si herdado, transformando tal recusa num exibicionismo serôdio e ridículo, face à conjuntura musical actual.

Haverá que acrescentar que isto não passou despercebido (e perdoado) às novas gerações que, da maneira mais construtiva, encontraram nisso motivo para se vangloriarem a destronar **vedetas caruchosas** que teimavam (e teimam) em lutar contra o tempo, fechados como estavam (e estão), à realidade e imunes a qualquer permeabilidade de pensamento que pudesse enformar uma nova imagem musical, numa juventude pródiga em trabalho, mas sujeita a terríveis forças políticas e sociais, que se banqueteiam à mesa de uma instituição, a Académica, que já lhes não pertence.

Não se iludam porém. Força e ânimo, temos nós para suportar "atentados" como estes, que se tornam ridículos quando comparadas com aqueles que nos enchem de preocupação: a **crise de formação científica e cultural** que envolve a Universidade, que deixou o espírito de auto-gestão, altamente personalizado, para passar a ser dirigida à distância por um gabinete em Lisboa, não tendo em conta toda a nossa valência de juventude.

Preocupa-se o **Poder** em dar uma imagem benigna da nossa mini-sociedade Académica, mas à volta dela e contra ela, fervem ódios, inveja e aposta na sua morte.

Porém muito se enganaram os **senhores** que assim pensam:



• Podem não nos dar épocas especiais de exames como compensação das nossas actividades;

• Podem não nos dar subsídios;

• Podem segregar-nos com a força marginalizadora dos grupos de pressão, que não conseguem, de modo algum, tirar aquilo que eles já não têm: a nossa juventude, o nosso espírito crítico, a nossa criatividade.

Será esta geração e as vindouras quem lhes fará o funeral, porque eles tudo fizeram e fazem para que assim seja.

A Secção de Fado da A.A.C.

Teatro Académico de GIL VICENTE



1961 - 1991
30 Anos de Cultura

☎ 29372 / 29474

GOETHE INSTITUT

COIMBRA

APRENDA ALEMÃO NO "GOETHE"

INSTITUTO ALEMÃO

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 21 - B
3000 - COIMBRA
TEL: (039) 26925

O LOCAL DOS SEUS MOMENTOS DE LAZER

Férrista

DAS 10 ÁS 2 HORAS
DA MANHÃ

Rufus — Industria Hoteleira Café-Bar, Lda.
Largo da Sé Velha, 20 • Tel. (039) 2 48 04
3000 Coimbra — PORTUGAL

frapas

Sadropé

Havia um Homem, em tempos idos, que nem era muito rico ou pobre, saudável ou doente, mas era alguém cheio de fúria de viver.

Um belo dia, aperaltado, moveu seus desejos até um baile engalanado. Percorreu todo o cortejo de beldades e fealdades que grassavam aquela procissão dançante, até que... fez-se luz no seu oitavo sentido!!!

Alguém tinha feito despertar nele o seu ego, e este logo se aprumou em insediosa pergunta:

— Vossa Beldade, como é conhecida no reino do Olimpo?

— Florência Luxúria!... E vós que me instais?

— António Virtuoso.

Mas a conversa continuou, ainda sem sabermos se eram deuses ou humanos, até que Virtuoso perguntou:

— Desejais, vossa Beldade, dar uns passos de dança comigo?

— Ah, Ah, Ah! Vós julgais que sois Marte para encantar as deusas?! Vossos trajos são dignos de um deus menor.

Perante esta recusa, Virtuoso desistiu até ao próximo baile, só que entretanto foi informar-se junto da deusa "Sedução", a mais afoita em questões cupidianas.

Encontrando, de novo, a deusa Luxúria rogou:

— Poderei usufruir, agora, de vossos movimentos de dança?

— Ah, Ah, Ah! Vós trazeis bons trajos, mas falta-vos o poder.

Desiludido, mas nem tanto, foi procurar esclarecer-se com a deusa "Ponderação". Esta considerou que para vencer a "Luxúria" não basta sedução ou poder, é preciso cortar o mal pela raiz.

Passadas muitas eras, Virtuoso veio a tornar-se um dos mais importantes deuses do Olimpo e no momento da criação do ser humano foi-lhe permitido determinar algumas das suas características:

— Determino que o deus Tempo condene o homem a transformar-se ao longo da idade, para que não seja, sempre, luxúria, poder, força, lucidez, mas para encontrar, ao longo deste perecimento sucessivo, a única coisa que nunca caduca — a Virtude.

E assim, a vida dos homens veio a tornar-se numa história moral para todos os deuses.

Estás Frapado Cap. II

JOÃO PAULO II OU MARCO PAULO II

Vivemos numa sociedade que tende para a estagnação. Os benefícios são concedidos aos que já os têm, enquanto os que mais precisam ficam na sombra. É assim que ídolos de pés de barro assumirem proporções gigantescas aos olhos da populaça alienada, por exemplo o Marco Paulo, o Vilhena, o Pedro Amaro, o Albarran ou o Papa.

Mas a populaça, já o dizia Aristóteles, é "um animal vivo". A multidão não pensa, é arrastada, alienada; tem necessidade de idolatrar; só assim consegue sobreviver.

Ultimamente, tivemos no nosso país a claro este facto. Cerca de um milhão de pessoas rodeavam Fátima no dia 13 de Maio, para poderem ver em carne e osso, sua santidade o papa, "representante de Deus na terra".

Mas se a multidão é uma estrutura heterogénea e irracional, a verdade é que ela é composta por muitas estruturas pensantes, que pelos vistos não se aperceberam que a ostentação e floreados excessivos que rodearam a vinda de João Paulo II a Portugal são contra a própria ideologia cristã. Lá que o papa não tenha pedido que o venerem — um argumento que já nos foi lançado inúmeras vezes — sim senhor, nós acreditamos. Só que, não podemos por isso deixar de censurar a Igreja como instituição, uma instituição que, apesar de já não queimar as bruxas continua a ser a mais rica em bens de raiz do nosso país, que continua a aliar–se ao poder político tal como fazia durante a Idade Média, em suma que continua a cultivar a hipocrisia e a levar ao seu máximo esplendor — com a colaboração da nossa bendita R.T.P. — a alienação das massas.

O poeta de cabelos compridos, nómada e meigo, que proclamou belos ideais em toda a Judeia, deixou como herdeiro um homem de pompas que açambarca a R.T.P. e mais parece o Marco Paulo. Sim, porque Jesus Cristo não tinha avião particular.

No entanto, se o nosso herói de longos caracóis e de lindas canções já começou a perder o crédito — pelo menos junto das camadas mais jovens — o João Paulo II revela–se agora como um novo Marco — o Marco Paulo II para a chalaça. É que, se gostar de Marco Paulo deixou de estar na moda, gostar de João Paulo está cada vez mais na onda da maré. Estamos já perante um fenómeno que poderemos denominar de neo–religiosismo, depois da geração de 60 ter tentado deitar abaixo os alicerces em que se apoiava a nossa sociedade demasiado conservadora e hipócrita.

Temos depois o monopólio da Academia, praticado por um poeta que escreve poemas para a campanha eleitoral da lista D. Juntemos isto às *performances* do Pedro Amaro em tempo de eleições, às respostas que o Beto Guerra (não) dá nas entrevistas, ao microfone que voa entre as mãos do Marco Paulo, às máscaras anti–aéreas do Albarran e a um papa (línguas) pronto–a–consumir–via–satélite, temos um país e uma televisão que servem apenas para quem tiver muita vontade de rir.

Carlos Ramos
David Cruz
ou o guardador de retretes
(Projecto Multimédia)

"A CABRA" O JORNAL DA ACADEMIA

C INFOR
I RMÁTICA e SERVIÇOS Lda
D LEGAÇÃO DE COIMRA

Para mais informações:
P riamente no Bº SOUSA PINTO,15 (ao lado das esc. monumentais)

SAMSUNG

386 sx
2 M Memória
Placa Gráfica SuperVGA c/ 256K
Monitor SuperVGA POLI (1024*768)
MOUSE

HD42 MB/19 ms **320.000$00 ***
HD89 MB/19 ms **346.000$00 ***
HD124 MB/19 ms **365.000$00 ***

* ão incluido

PORTATIL -- LAPTOP

HYUNDAI LT5
386 sx -- 2 M Mem.
HD40 MB
VGA, EGA ou CGA
MOUSE
395.000$00 *

BONDWELL
286 -- 1 M Mem
HD42 MB
MOUSE
293.000$00 *

DISQUETES LYNKERS
CAIXA C/ 10 UNID.
DD--**1.500$00** HD--**3.000$00**

MÚSICA

por: João de Castro

JAZZ EM PORTUGAL

Ramiro Evanhanga toca saxofone tenor no Quarteto de Jazz de Coimbra.

É aluno da Escola de Jazz do Porto e elemento da Orquestra de Jazz da cidade.

"A Cabra": Que futuro espera o músico que terminou a sua aprendizagem?

Ramiro: Bom, antes de mais digamos o seguinte: ser músico de jazz é um risco. Toca-se jazz porque se gosta de jazz. Assim, o músico que vai aprender para as escolas leva já, ou adquire nas escolas, esta realidade: o jazz não é para dar dinheiro.

O músico integra-se pelos grupos que se vão formando nas escolas, tendo também as orquestras, como a Orquestra de Jazz do Porto que foi criada para dar uma sequência ao trabalho realizado pela escola. Toca estilos que vão do samba-jazz ao cool ou ao rock-jazz. A orquestra tem actuado pelo país e estrangeiro durante todo o ano, o que permite aos músicos uma boa rodagem.

Quanto aos grupos, existem bares onde se toca música ao vivo e embora haja a grande concorrência da música e dos músicos brasileiros, há bares onde regularmente se toca jazz como, no Porto, o Bacalhau, o Cristal, o Magestic, ou o Hot Jazz Club de Lisboa.

Depois há também os espectáculos de jazz incluídos nas actividades culturais das cidades, jazz para se ver sentado em salas como por exemplo o Rivoli, no Porto.

"A Cabra": Que apoio existe ao jazz?

Ramiro: Há algum apoio para o jazz.

As Câmaras têm apoiado os festivais de jazz ou então incluem concertos entre as actividades culturais.

A Câmara do .Porto tem apoiado, convidando músicos para tocar em cafés-concerto e pagando grande parte dos cachets desses espectáculos.

"A Cabra": Que jazz se toca entre nós?

Ramiro: Não se pode definir, entre nós, um estilo de jazz. O jazz está a nascer em Portugal e portanto cada músico tem a sua linguagem, desenvolve a sua linguagem, mas não se pode dizer, ainda, um estilo próprio e definido, pronto a exportar.

Há muito trabalho a fazer no jazz, entre nós.

Toca-se o jazz que vem lá de fora trazido por uns quantos simpatizantes que tentam introduzir um género pouco popular entre nós e os músicos vão ter ainda que fazer a ponte entre a linguagem que adquiriram e a sua raiz popular, pois o jazz chega-nos duma forma intelectual e não duma forma popular, de rua e isso elitiza-o. Torna completamente impossível que o jazz, em Portugal, saia dos meios intelectuais e desça à rua. E, como se sabe, o jazz nasceu nas ruas, nos campos dos Estados Unidos e só mais tarde se intelectualizou.

"A Cabra": Que futuro ?

Ramiro: Entre nós o futuro do jazz é crescer instalando-se, e creio que cada vez há mais interesse por parte das pessoas que cada vez são mais sensibilizadas para ouvir jazz. E essa sensibilização parte também da qualidade de muitos dos músicos portugueses. Digamos que é uma pequena bola de neve rodando: a qualidade saída das nossas escolas vai sensibilizar, atrair, chamar músicos de outras áreas, chamar outras pessoas que vão apoiar, tocar e criar mais qualidade.

Mas sejamos realistas — o jazz é, e provavelmente será sempre, bastante elitista, entre nós.

Lá fora, nos Estados Unidos, pretende-se levar o jazz de novo para as ruas com o hip-hop que é uma mistura de jazz com rap e vários outros estilos que daí advieram.

O hip-hop chegará a Portugal provavelmente através das discotecas, será estudado nas escolas, mas é muito pouco provável que leve o jazz para as ruas pois o hip-hop é uma consequência do ambiente político-social Norte Americano e não tem nada a ver connosco.

Nos Estados Unidos trata-se duma revolução cultural enquanto que entre nós não passa de uma revolução intelectual. Em todo o caso pode-se dizer que o hip-hop é algo em observação apesar de existirem ainda muito poucos discos no nosso mercado. Mais pelos video-clips, a T.V..

— Que jazz existe em Coimbra?

Ramiro:Falar de jazz, em Coimbra, é falar de pequenas iniciativas como os concertos no Gil Vicente organizados pela A.A.C., os Organismos da A.A.C. ou os Institutos Alemão e Americano ou a Alliance Française. Só muito raramente vimos a Câmara Municipal de Coimbra envolvida com o jazz.

Repare-se que o jazz, em Portugal, começou em Coimbra pela mão de pessoas como o Luis Vilas-Boas, o Bernardo Moreira, etc, pessoas que depois foram para Lisboa. Essa foi a razão que levou a Orquestra do Hot Club de Lisboa a vir a Coimbra realizar o primeiro espectáculo fora da cidade.

E neste momento é o deserto na terra onde o jazz apareceu pela primeira vez...

"A Cabra": Escolas ?

Ramiro: Funcionou durante cerca de meio ano, nas instalações da Tuna Académica da Universidade de Coimbra uma escola de jazz. Isto há já uns anos. Daí para cá houve algumas (poucas) iniciativas isoladas. Actualmente existe um projecto para a criação de uma escola de jazz na A.A.C., projecto este que conta já com o apoio do ex-Presidente da A.A.C. Emídio Guerreiro, de elementos da actual Direcção assim como o apoio da Escola de Jazz do Porto.

Há muita gente a querer aprender jazz. Gente que vai ter aulas ao Porto e a Lisboa...

Uma escola em Coimbra poderia fazer renascer o jazz e dar-lhe uma dimensão importante não só cá como a nível nacional.

"A Cabra": Grupos ?

Ramiro: Existe o Quarteto de Jazz de Coimbra que pratica um jazz de fusão — os seus elemento estudam jazz, o grupo vive do empenhamento dos músicos que pretendem ir o mais longe possível, não só em criação de reportório próprio como interpretando bons standards.

Existem também músicos isolados, também o célebre duo Mota/Canelhas, mais tarde já quarteto ou quinteto, mas não sei se ainda existe.

"A Cabra": Jazz ao vivo ?

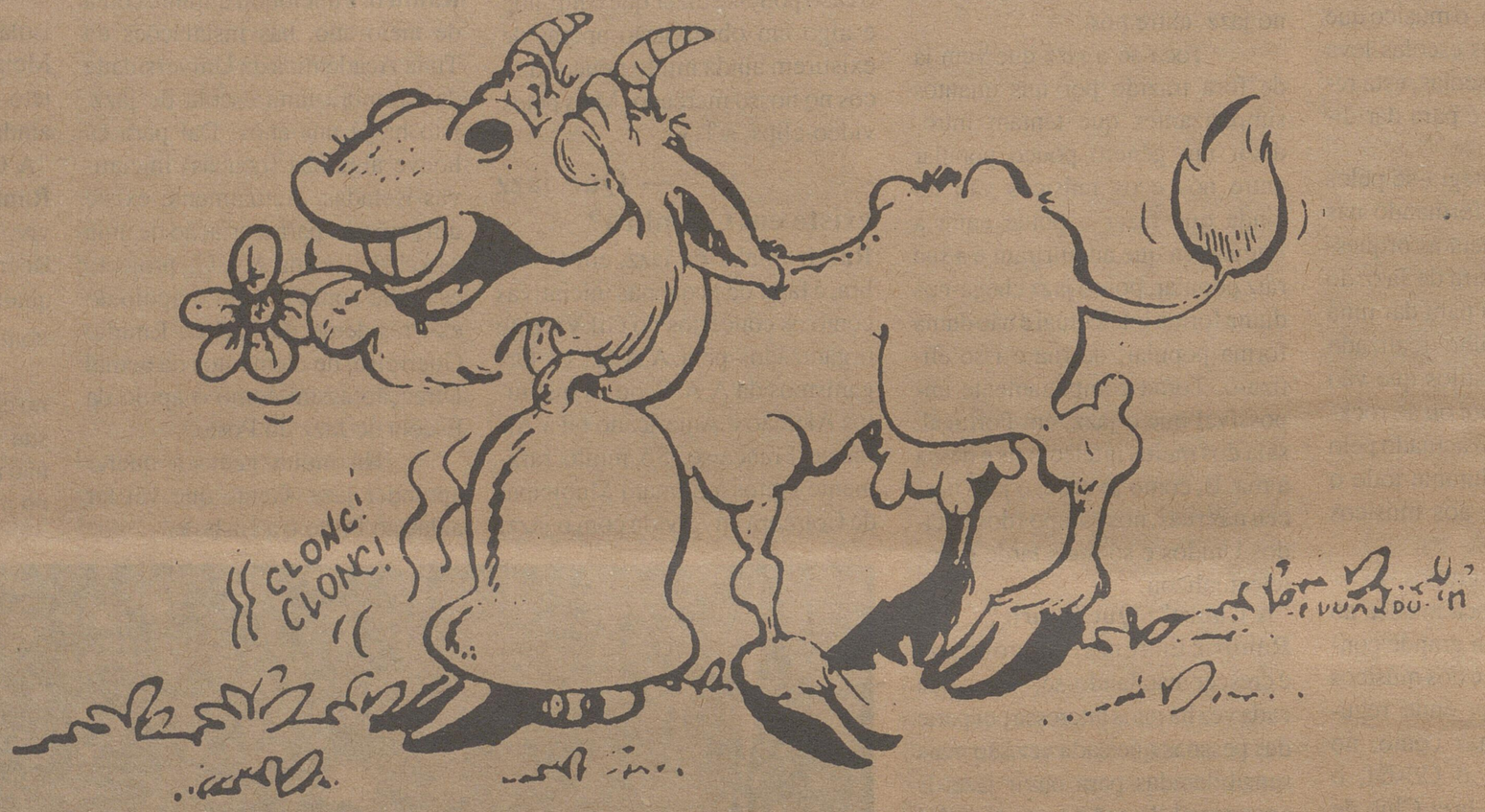
Ramiro: Em Coimbra há jazz ao vivo no Scotch, no D.Dinis, no Boémia e na 7ª Dimensão. Destes quatro só o Scotch apresenta jazz com regularidade.

Qualquer deles paga cachet, no entanto o Quarteto subsiste por sua conta — um músico de jazz não tem hipótese de sobrevivência no mercado de Coimbra.



CAC- CAFE/REST. ACADÉMICA
EM FRENTE AOS ARCOS
petiscos refeições Serv. de Bar
------ ABERTO ATÉ ÀS 2H DA MATINA ------

A CABRA



O JORNAL DA ACADEMIA

Secção de Jornalismo

Tel: 38475

Horário de expediente :

18.00 - 20.00 horas

A CABRA